Abrir portas onde se erguem muros

Director: David Pontes **Sexta-feira, 6 de Setembro de 2024** • Ano XXXV • n.º 12.545 • Diário • Ed. Lisboa • Assinaturas 808 200 095 • **2€**

Público

RUI GAUDÊNCIO

Projecto de Kengo Kuma

O novo Centro de Arte Moderna da Gulbenkian quer reconciliar a natureza com a arquitectura

Grande parque cultural de Lisboa é o acontecimento da *rentrée*

Ípsilon

Guerra entre fornecedores e Administração Interna trava *bodycams* na PSP e GNR

Lei tem quase dois anos. Mas ainda não é desta. Segundo concurso para *bodycams* foi alvo de impugnação. Tribunal já deu razão ao Ministério da Administração Interna, mas empresa recorreu Sociedade, 18

1955-2024

Augusto M. Seabra, o crítico prodigioso

Obituário A sua longa carreira de crítico cultural extravasou o país Destaque, 4 a 7

“Um crédito para si”?

Publicidade na banca vai ter regras mais apertadas

Economia, 28

Falta de professores

Bolseiros podem dar até 150 horas de aulas para suprir falhas

Sociedade, 21

Benfica

Bruno Lage, um treinador com uma carreira assim-assim

Desporto, 44/45

Directas no PSD

Montenegro reafirma-se como líder, “sem estados de alma”

Destaque, 2/3

ISSN-0872-1548

Montenegro reafirma-se como líder, “sem estados de alma”

Líder do PSD vai a eleições pela primeira vez como primeiro--ministro. Depois de ter sido um líder da oposição nem sempre convincente, gere o Governo com mão de ferro e gelo nos pulsos

Liliana Borges

Cinco meses depois da posse como primeiro-ministro, Luís Montenegro é hoje reeleito presidente do PSD . Os barões do partido sacodem-lhe as comparações que têm sido feitas a Cavaco Silva, elogiam-lhe o conhecimento dos dossiers e desafiam-no a ser reformista. Com a sombra de eleições antecipadas sempre a pairar, destacam a sua capacidade de discursar para “o país” e não para a bolha política.

Miguel Morgado, antigo vice-presidente de Montenegro, defende que não há comparação possível entre Aníbal Cavaco Silva e o actual primeiro-ministro. Além de Portugal ser “muito diferente” em 1985, também os dois políticos são muito distintos, vinca. Por isso, as comparações entre os dois “são ridículas”. Além disso, argumenta o antigo deputado do PSD, Montenegro “continua muito semelhante ao estilo” que tinha enquanto era líder parlamentar de Pedro Passos Coelho.

“Os trejeitos, a presença, a ênfase, o vocabulário” são “os mesmos” que tinha no Parlamento, onde foi líder parlamentar durante a oposição à “geringonça”. Aliás, mais depressa associa algumas “muletas de discurso” a Pedro Passos Coelho, completa.

Não obstante, Miguel Morgado argumenta que, em comparação com os últimos líderes do PSD – Manuela Ferreira Leite, Pedro Passos Coelho e Rui Rio –, Montenegro dá “uma grande importância à comunicação e à imagética da comunicação”, investindo muito mais que os seus antecessores. Talvez “demais” até. “Não só na comunicação do Governo e na comunicação do PSD, mas na sua própria imagem”, afirma. Uma estratégia que o aproxima mais dos governos socialistas e menos de Cavaco, diz. “Montenegro segue mais a orientação dos governos socialistas de António Costa e José Sócrates, com esta grande obsessão com a imagem”, o que nem sempre corre bem.

A presença de Montenegro numa das lanchas usadas nas operações de busca pelos militares da GNR vítimas do acidente de helicóptero no rio Douro, perto do Peso da Régua, é um exemplo. O momento foi fotografado por um dos seguranças de Luís Montenegro e filmado pelas televisões. “Acho que algumas críticas foram injustas. Muitas pessoas que criticaram não se atreveriam a criticar António Costa ou Marcelo Rebelo de Sousa, que fizeram figuras idênticas.”

António Capucho, histórico do PSD, é um dos que rejeitam as comparações entre Montenegro e Cavaco Silva, de quem foi ministro dos Assuntos Parlamentares. Não obstante, reconhece a Montenegro uma “boa gestão da palavra”. Embora seja “um pouco longo nos discursos, fala nos momentos próprios”.

Desde que tomou posse como primeiro-ministro, Montenegro mostra-se muito comedido nas suas declarações públicas e tenta reduzir ao máximo fugas de informação sobre o trabalho que está a ser preparado nos gabinetes. Talvez por isso também surjam essas comparações com Cavaco, o homem que enquanto era primeiro-ministro chegava muitas vezes a ignorar as perguntas dos jornalistas.

Luís Montenegro com Cavaco Silva no congresso em que o ex-Presidente e ex-primeiro-ministro fez uma rara aparição

Faz boa gestão da palavra. Embora às vezes seja um pouco longo nos discursos, fala nos momentos próprios

António Capucho
Ex-ministro dos Assuntos Parlamentares de Cavaco Silva

O primeiro-ministro é extremamente cauteloso com os comentários que faz e evita responder às perguntas dos jornalistas. Quando no início de Agosto foi questionado sobre a actualidade e os problemas nas urgências hospitalares, Montenegro fugiu aos gravadores e quis apenas comentar a prova de ciclismo a que assistia. Mais recentemente, o primeiro-ministro optou por não se pronunciar sobre um tema que gerou polémica dentro do PSD e do Governo e passou ao lado da posição da ministra da Juventude, Margarida Balseiro Lopes, que defendeu a manutenção de linguagem neutra num questionário sobre saúde menstrual promovido pela Direcção-Geral da Saúde (DGS), dirigido a “pessoas que menstruam”. Já esta semana, foram necessárias 24 horas para que Luís Montenegro decidisse comentar o caso TAP e o mais recente relatório da Inspecção-Geral de Finanças.

Luís Álvaro Campos Ferreira, ami-

NUNO FERREIRA SANTOS

go pessoal de Montenegro e membro da Comissão Política Nacional, afasta as comparações com antigos dirigentes, preferindo descrever Montenegro como alguém que "comunica bem" e fala "para as pessoas" e não para uma "bolha política".

Os mais próximos de Luís Montenegro gostam de o descrever como não sendo "uma pessoa de estados de alma". "E, se os tem, não os exterioriza", diz ao PÚBLICO um dirigente do PSD.

Depois de duas tentativas falhadas para conseguir a liderança do partido, a 28 de Maio de 2022 Montenegro derrotava Jorge Moreira da Silva, com 72,48% dos votos contra os 27,52% do adversário. Curiosamente, seria também na véspera da sua eleição que se oficializava a aprovação do primeiro Orçamento do Estado da maioria absoluta de António Costa, depois da crise política provocada pelo chumbo do Orçamento em Outubro do ano anterior, que atirara o país para umas eleições antecipadas. O Parlamento mudou desde então e o país também, numa autêntica reviravolta.

As eleições a duas voltas

Desde que é líder do PSD, Montenegro disputou cinco eleições, "tendo vencido quatro desses combates eleitorais e ficando muito perto disso no quinto", como o próprio descreve na moção estratégica global que leva hoje a votos. A nível regional, o PSD de Montenegro venceu duas eleições regionais na Madeira e umas nos Açores. Venceu as legislativas antecipadas de 10 de Março, mas a coligação Aliança Democrática só lhe valeu mais 50 mil votos em relação ao PS que não conseguiu agarrar a maioria absoluta depois do pedido de demissão de António Costa. Já nas europeias ficou a cerca de 39 mil votos de uma vitória.

E embora o calendário eleitoral tenha apenas previstas as eleições autárquicas e presidenciais, a sombra de uma "segunda volta" das legislativas de 10 de Março não descola de Montenegro. "Não sabemos se vai ocorrer em 2025 ou 2026, mas a conduta do primeiro-ministro também se ajusta a essa circunstância", avalia Miguel Morgado, embora não considere "justo" que se diga que Montenegro "anda em permanente campanha eleitoral", até porque "todos os outros partidos estão".

Montenegro dá uma grande importância à comunicação e à imagética da comunicação e à sua própria imagem

Miguel Morgado
Ex-deputado do PSD

Foi consistente e não ficou dependente de extremismos

Sebastião Bugalho
Eurodeputado

Por sua vez, Capucho sublinha que Montenegro "tem as distritais com ele" – o seu ministro dos Assuntos Parlamentares, Pedro Duarte, é candidato à distrital do Porto e "os militantes estão felizes e contentes". E se isso é resultado do sucesso de Montenegro, o antigo ministro do PSD não descarta também a influência do "fracasso total do lado de Pedro Nuno Santos [secretário-geral do PS]" e "da forma arrogante como o líder do Chega [André Ventura] faz oposição".

Apesar de ter sido derrotado nas europeias, no PSD há quem olhe com confiança para as eleições autárquicas e para a "robustez" dos sociais-democratas em comparação com os socialistas.

O eurodeputado Sebastião Bugalho, número um da lista da coligação AD às eleições europeias, sublinha que quando Montenegro disputou eleições "enquanto candidato a primeiro-ministro" conseguiu "cumprir o seu primeiro objectivo: ganhar a um PS profundamente enraizado no eleitorado português depois de nove anos em que António Costa nunca perdeu uma eleição".

Por outro lado, acrescenta Bugalho, "numa perspectiva mais panorâmica, olhando para os dois anos desde que tomou posse como presidente do PSD em 2022", Montenegro "manteve uma consistência em dois objectivos: não ficar dependente de extremismos, por um lado, e reconciliar o seu partido com os mais velhos, por outro". "Nos seus primeiros seis meses como primeiro-ministro, tem mantido ambos", acrescenta.

E as sondagens mostram uma crescente popularidade, que coloca até Montenegro a deixar avisos directos à oposição de que "o país está com o Governo".

Ao PÚBLICO, um dirigente do PSD considera que as baixas expectativas em torno da capacidade de Montenegro liderar o Governo o beneficiaram, tal como havia acontecido em 2011 com um desconhecido Pedro Passos Coelho, que chegou a São Bento também sem experiência governativa. Mas "só quem não conhecia ou quem não estava atento às características e qualidades é que se pode surpreender positivamente com o desempenho. Quem o conhecia sabia bem do que ele é capaz", elogia Luís Álvaro Campos Ferreira.

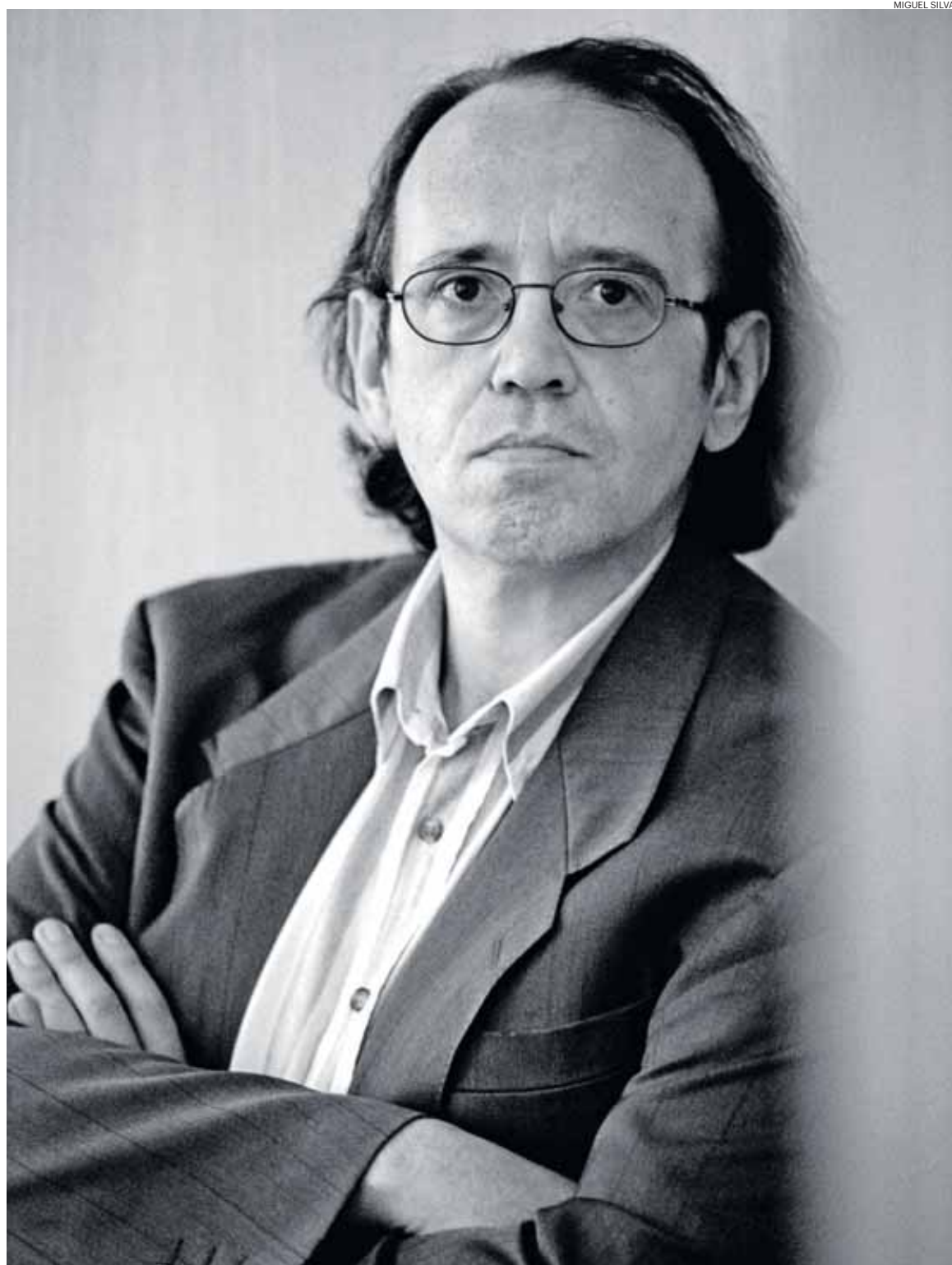
Um dos elogios é quanto à "capacidade de decidir, mesmo quando sabia que as suas escolhas não seriam unânimes", como foi no caso do apoio ao ex-primeiro-ministro António Costa para o Conselho Europeu. "E esse tipo de independência de espírito é fundamental quando se lidera um partido e um país", avalia o eurodeputado.

As duas pedras na governação

Em vésperas de discussão do Orçamento do Estado, Luís Montenegro tem a todo o custo procurado afastar crises políticas dos gabinetes dos seus ministros. Porém, há duas pastas "quentes" que têm somado tropeções e acusado a pressão: a Saúde e as Infra-Estruturas e Habitação. Em cinco meses, Montenegro já por mais do que uma vez teve de defender Ana Paula Martins e Miguel Pinto Luz.

A confiança política em Pinto Luz está a ser duramente questionada pela oposição pelo facto de o ministro das Infra-Estruturas ter autorizado o negócio da venda da TAP com dinheiro da própria empresa, o que vem descrito no relatório da Inspecção-Geral de Finanças. Pinto Luz era em 2015 secretário de Estado das Infra-Estruturas, Transportes e Comunicações, no segundo governo liderado por Passos Coelho. Os partidos da oposição já disseram que querem ouvir o ministro, mas Montenegro vincou que Pinto Luz "está fortalecido pelo excelente trabalho que tem feito".

Outra dor de cabeça de Montenegro e que se arrasta há vários meses, quase desde a tomada de posse, está no Ministério da Saúde. Enquanto na sua moção estratégica global o recandidato ao PSD identifica o sector como "prioridade máxima" do seu mandato, no Governo os sucessivos problemas nas respostas do Serviço Nacional de Saúde e na execução do Plano de Emergência para a Saúde colocam Ana Paula Martins como a ministra mais impopular deste Governo. E tem sido também abertamente criticada por figuras do PSD como Miguel Relvas ou José Miguel Júdice. **Lliana Borges**

MIGUEL SILVA

Uma memória sobrenatural, um curioso insaciável

Dotado de uma memória enciclopédica, foi o crítico mais eclético da sua geração. Sem ele talvez não existisse o PÚBLICO

Obituário

Luís Miguel Queirós

Com a morte, na madrugada de ontem, de Augusto M. Seabra, desaparece, aos 69 anos, um dos críticos culturais mais decisivos do pós-25 de Abril, um homem que aliava uma memória quase sobrenatural a uma insaciável curiosidade por todas as disciplinas artísticas, e cujos elogios e reservas eram respectivamente ansiados e temidos por criadores de áreas tão diversas como o cinema, a música erudita ou o teatro, para não falar dos sucessivos ministros da Cultura que zurziu sem piedade, a ponto de um deles, João Soares, lhe ter prometido "umas bengaladas" que fizeram ricochete e acabaram por ditar a sua saída do cargo.

Não é vulgar que um crítico de cinema com reconhecimento internacional q.b. para ter integrado o júri do Festival de Cannes em 1993 seja, ao mesmo tempo, uma autoridade na ópera ou na música contemporânea, ou ainda uma voz respeitada no teatro. As capacidades de Augusto M. Seabra eram tão obviamente invulgares que a sua morte, e antes dela o seu progressivo desaparecimento da cena cultural por razões de saúde, acabam por deixar um travo a expectativas incumpridas. "Quer por razões de saúde, quer de personalidade, acabou por ficar recluso nos últimos anos, com menos intervenção", diz o musicólogo Rui Vieira Nery, lamentando que não se tenham "criado condições" que lhe permitissem ser o "excelente gestor cultural que poderia ter sido".

Mas Seabra sempre mostrou pouca apetência para assumir quaisquer funções que pudessem restringir-lhe a liberdade de movimentos enquanto crítico. Basta pensar que nem no *Expresso*, onde esteve uma dúzia de anos, nem depois no PÚBLICO, para cuja criação contribuiu como poucos, quis alguma vez pertencer aos quadros, e ainda menos exercer quaisquer funções directivas.

Mais do que pensar no que poderia ter feito, talvez nos devamos congratular por lhe ter sido dado viver num tempo em que a sua figura de crítico omnívoro ainda era viável, e o jornalismo cultural, que tanto lhe deve, não disputava com as redes sociais, como hoje, a atenção cada vez mais dispersa dos leitores.

"O que definia o Augusto como crítico cultural era a sua pretensão a abranger muitos domínios das ciências humanas e das artes – embora tivesse as suas preferências, especialmente a música – e aquela sua memória, que era um mito", diz o crítico, e colunista do PÚBLICO, António Guerreiro. "Era o mais eclético da sua geração, e não há crítica da cultura sem esse eclectismo, mas ele foi também um crítico das instituições culturais, uma figura que desapareceu nos anos 80, mas que Portugal pôde manter porque estávamos ainda num período pós-revolucionário e persistiam alguns anacronismos."

Lembrando que Seabra "quis manter sempre um certo recuo em relação às chefias e às direcções, e nunca aceitou assumir funções editoriais", Guerreiro observa que, não obstante, "todo o seu prestígio foi adquirido através dos jornais" e que "o tipo de análise que fazia, uma semiologia do presente, só os jornais e as revistas praticam" e é "um género jornalístico" por direito próprio.

Guerreiro questiona-se como Seabra "se teria adaptado às novas circunstâncias mediáticas caso estivesse ainda hoje no auge das suas capacidades", observando que "os seus tempos áureos têm a ver com outra lógica mediática, em que podia exercer um poder tutelar que hoje lhe seria negado e, sobretudo, assumir o papel de crítico militante e sistemático". Hoje, argumenta, "há tanta coisa a passar-se ao mesmo tempo em tantos lugares que essa categoria já não pode ser exercida por ninguém".

Esta imagem de Augusto M. Seabra como exemplo eloquente de um tempo em que ainda havia críticos de imprensa com efectiva autoridade e influência é comum a vários dos testemunhos ouvidos pelo PÚBLICO. "Ele viveu num momento muito entusiasmante do jornalismo português, e em particular do jornalismo cultural, e não houve muitas figuras como ele, com a sua presença constante em festivais no estrangeiro ou com a sua actividade enquanto programador", diz Pedro Mexia, evocando ainda a sua propensão para a polémica, que por vezes o podia levar a "zangar-se até com pessoas de quem gostava." Também Mexia vê em Seabra "um tipo de figura cultural que cada vez mais está condenada a ser uma memória das pessoas mais velhas, e qualquer dia a memória dos arquivos e das hemerotecas".

Algumas dessas pessoas mais velhas de que fala Mexia são as que ainda se cruzaram com ele nas agitadas noites lisboetas do Frágil, onde se podia dançar numa sala e estar à conversa noutra, e onde Seabra ia muitas vezes integrado no "bando dos quatro", como ele próprio os baptizou numa crónica, sendo os três restantes Clara Ferreira Alves, Miguel Esteves Cardoso e Alexandre Melo, todos eles então na equipa d'*A Revista* do

JOSÉ SOARES E NICA/ARQUIVO LUX FRÁGIL

JOSÉ SOARES E NICA/ARQUIVO LUX FRÁGIL

Augusto M. Seabra e Clara Ferreira Alves, no Frágil, em 1984

E com Tereza Coelho, também no Frágil, em 1982

À direita, na redacção do PÚBLICO, em Lisboa, em 2013, na preparação da edição de aniversário do jornal quando o realizador Miguel Gomes foi director por um dia (na foto com a dupla de arquitectos Diogo Lopes e Patricia Barbas)

Expresso. Na discoteca de Manuel Reis, o crítico construiu amizades com muitos frequentadores, dos artistas plásticos Pedro Cabrita Reis ou Julião Sarmento ao arquitecto Manuel Graça Dias, dos cineastas Joaquim Leitão, Edgar Pêra ou Manuel Mozos ao poeta Al Berto.

Clara Ferreira Alves evocou ao PÚBLICO "essa época em que a gente das artes e das letras se acoitava no Frágil", tempos de boémia, mas também de união, em que eram "a família" uns dos outros. "Foi um tempo magnífico que não teve sucessão: há uma grande mediocridade intelectual hoje na cidade."

Uma vida de jornais

Licenciado em Sociologia, Augusto M. Seabra nunca seguiu carreira académica e optou cedo por ganhar a vida como crítico profissional em regime livre, previsivelmente sem grande sucesso financeiro. "Tinha uma forma aristocrática de não ter dinheiro", comentou ao PÚBLICO o seu amigo José Manuel dos Santos, responsável da Fundação EDP e director da revista *Electra*.

Ainda nos anos de estudante, militou politicamente à esquerda, e no Verão Quente de 1975 estava com o Movimento de Esquerda Socialista, tendo depois chegado a participar, em 1976, na campanha presidencial de Otelo Saraiva de Carvalho.

Foi logo no ano seguinte que começou a colaborar como crítico no jornal *A Luta*, ainda antes de iniciar, em 1978, uma longa relação com o *Expresso*, onde permaneceu até ao início de 1989, quando se envolveu, e assumiu um papel decisivo, na fundação do PÚBLICO.

A sua intervenção, tal como a relatam agora outros três fundadores do jornal – Jorge Wemans, Joaquim Fidalgo e José Vítor Malheiros –, credibiliza a intuição de Vieira Nery de que Seabra poderia ter dado um gestor competente.

"Nas reuniões preparatórias do PÚBLICO, os debates eram muito participados, mas nós atirávamos sugestões para o monte, e a seguir era preciso que alguém organizasse esse monte e consolidasse o adquirido, para podermos prosseguir, e esse foi o grande contributo do Augusto Seabra", diz Wemans, sublinhando que este "mobilizou para o projecto toda a sua bagagem cultural, mas também a sua cultura jornalística de devorador de jornais estrangeiros".

E coube-lhe sobretudo funcionar como elo de ligação à Sonae, papel que se tornou decisivo quando, conta Joaquim Fidalgo, "o Vicente Jorge Silva ficou com dúvidas e chegou a sair do projecto" durante algumas semanas. "O Augusto já tinha sido um dos que mais estimularam o Vicente a fazer um jornal diário, e naquele momento foi ele que segurou o barco, quer connosco, quer com Belmiro de Azevedo: sem a sua insistência, aquilo tinha morrido ali."

Também José Vítor Malheiros confirma que "essa ponte entre dois mundos, o do grupo de jornalistas românticos e o dos financiadores, foi mantida pelo Augusto Seabra em momentos muito difíceis".

Esse seu empenho no projecto radicava no desejo de criar um jornal que gostasse de ler e onde pudesse escrever, e não por quaisquer ambições profissionais. Quando se chegou ao momento de decidir cargos, lembra Joaquim Fidalgo, "ele disse logo que não ficava na direcção nem em lado nenhum, e que seria colaborador se quiséssemos". Malheiros confirma: "Foi convidado, mas não aceitou, porque reivindicava um espaço de liberdade que esse estatuto de colaborador lhe dava; nunca quis ser funcionário."

Acompanhou também sempre de perto as políticas culturais do país e ficaram célebre as suas tiradas virulentas contra alguns ministros do sector, como quando apelidou Isabel Pires de Lima de "parola incompetente" ou disse de José António Pinto Ribeiro que era "uma inexistência como ministro".

E no meio cultural não faltaram vítimas das suas irritações, como Jorge Silva Melo, com quem teve uma relação tumultuosa.

O crítico de tudo

Até 1994, escreveu intensamente para o jornal que ajudara a criar, depois colaborou dois anos no semanário Já, e regressou ao PÚBLICO em 1996. Uma década mais tarde fez um novo intervalo, escrevendo durante algum tempo para o *Diário de Notícias* e criando, em 2010, o blogue *Letra de Forma*. Voltou em 2011 ao PÚBLICO, onde foi colaborando com maior ou menor regularidade até onde a saúde lho permitiu.

É difícil dizer em qual das várias áreas da criação cultural que o interessaram Seabra deixou ➜

ENRIC VIVES-RUBIO

O crítico prodigioso

Crónica

Nuno Pacheco

Foi muito antes do PÚBLICO que conheci o Augusto. Eu tinha acabado de entrar nos quadros do *Expresso* e ele era já, aí, uma das figuras-chave de *A Revista*, que ajudou a criar e a moldar com Vicente Jorge Silva. Isto num tempo em que o jornalismo, em particular o cultural, era uma coisa quase de loucos (como alguns, aterrados, o viam de fora), mas francamente criativa e inspiradora. Talvez por influência da sociologia (onde se licenciou), o Augusto não via num filme apenas um filme ou numa ópera apenas uma ópera: tudo era para ele pretexto para criar um "dossier", entre a crítica e o ensaio, atravessando as turbulências da História. A sua fixação em trabalhos de abrangência quase definitiva (ambição partilhada por Vicente) deixou impressas páginas memoráveis. Foi um dos fundadores do PÚBLICO, mas recusou qualquer cargo directivo. Colaborador, sempre. Para melhor ver de fora, criticar ou até mesmo explodir em acessos de fúria quando algo, no seu entender, passava das marcas.

Ao longo dos anos, fomos muitas vezes trocando ideias, projectos, elucubrações. Com amizade, mas discordando sempre que necessário. Viveu momentos eufóricos, outros muito difíceis (como os da dependência do álcool, da qual se livraria de forma dolorosa mas definitiva), mas a cada queda parecia suceder-se um renascimento. Nunca conheci ninguém com tamanha memória para datas, lugares, livros, filmes, o que fosse. Lembro-me, ainda nos tempos do *Expresso*, de o ver, deitado, num estado de semiconsciência, a ditar um texto que, depois de lido, parecia ter sido escrito por alguém rodeado de livros e absolutamente desperto. Um prodígio só possível para quem, como ele, era um leitor compulsivo, interessado pelos mais variados temas, que não se cingiam ao cinema, ao teatro e à música mas iam muito mais além. Por entre amuos, crises, caídas, recaídas, excitações, o Augusto percorreu festivais, dirigiu outros, esgrimiu ideias, acendeu polémicas. O seu interesse e empenho em ver muitos filmes em primeira mão deu até origem (nos tempos do *Expresso*) a uma piada que só lhe poderia servir de elogio: "m.seabrar", ou "enseabrar", um filme era vê-lo antes de todos os outros.

O que deixou escrito, por entre entrevistas, crónicas, críticas, ensaios e conferências, preencheria muitos livros. Infelizmente, a tarefa de recolha de entrevistas a que ele deitou ombros a dada altura para editar em livro (e na qual o ajudei como pude) não teve sequência. E a lista era bem longa, de Manoel de Oliveira, que ele particularmente estimava, a Hans Jürgen Syberberg, passando por Boulez, Mankiewicz, Coppola, Clint Eastwood, Kusturica, Wenders e tantos, tantos outros.

Foi duro ver como, nos últimos tempos, por agravadas debilidades físicas, o corpo já não lhe respondia às exigências do cérebro. Agora que ele nos morreu, e que tudo o que escreveu se encontra disperso, faz-nos bem voltar a lê-lo, para reencontrar na sua escrita um crítico em constante evolução e actualização, informado como poucos, apaixonado pela sua "missão" sem procurar ser agradável, obediente apenas ao que a cabeça lhe ditava. A forma desajeitada como foi gerindo dissabores, pessoais e físicos, não apagará o essencial da sua obra: a de um crítico prodigioso, brilhante muito para além do seu tempo.

um legado crítico mais sólido ou mais inovador, mas o crítico e programador de cinema talvez fosse, até pela própria popularidade da sétima arte, a sua face mais conhecida.

Numa crónica em que evocava memórias de trabalho com Seabra nos primeiros anos do jornal, Vasco Câmara, crítico de cinema do PÚBLICO, assinalava dois marcos essenciais do seu trajecto de "passador de cinema": a descoberta e divulgação da Nova Vaga de Hong Kong, e de cineastas hoje tão famosos entre nós como Wong Kar-wai, e ainda a sua participação no júri do Festival de Cannes em 1993, que o próprio evocou 30 anos mais tarde numa saborosa crónica onde confessava o seu espanto por se ver a discutir prémios com a "magnífica Claudia Cardinale", ou com um "Gary Oldman acabadinho de sair do *Drácula* de Coppola", ou ainda, entre outros, com Inna Tchurikova, a sua "actriz russa favorita".

Outro sinal da consideração em que era tido pela comunidade internacional de críticos de cinema foi o facto de ter sido convidado pela influente revista *Sight & Sound* a integrar o painel de jurados que escolheu, em 2012, a lista de melhores filmes de sempre, sendo convocado em 2015 para eleger os melhores documentários da história do cinema.

Em 2021, quando a sua saúde já declinava, a Cinemateca Portuguesa convidou-o para o seu programa Carta Branca e escolheu então 21 filmes, num ciclo que abria com *Cinq et la Peau* (1982), homenagem ao seu amigo Pierre Rissient, também ele um "passador" que lhe deu a descobrir filmes, e com quem mantinha uma forte divergência, como contou ao PÚBLICO: "Ele detestava o Hitchcock, e em particular o *Vertigo*, logo o meu filme favorito."

Como programador, Seabra dedicou ciclos a Hans-Jürgen Syberberg, Marguerite Duras ou Raul Ruiz para o Centro Nacional de Cultura, organizou vários programas para a Culturgest, e manteve uma relação regular com o Doclisboa, onde programou retrospectivas de Jonas Mekas, Marcel Ophüls and Harun Farocki, e cuja direcção chegou a integrar.

Como crítico musical, cobriu os principais festivais internacionais de música – Salzburgo, Bayreuth, Glyndebourne, Aix-en-Provence ou Pesaro –, e no final dos anos 70 e no início da década seguinte foi "bastante importante como divulgador e cúmplice de iniciativas para promover a música contemporânea", lembrou o musicólogo Manuel Pedro Ferreira, crítico do PÚBLICO, que trabalhou nos anos 80 com Augusto M. Seabra no *Expresso*.

BRUNO PORTELA

À esquerda com a mulher, Maria João Pereira, em 1993, e à direita com o realizador de cinema Fernando Lopes

"Foi a pessoa talvez mais atenta, no início, aos Encontros de Música Contemporânea, e enquanto crítico, baseando-se muito na informação que chegava através de compositores ou de outros musicólogos estrangeiros que vinham por convite da Fundação Calouste Gulbenkian, desenvolveu uma sensibilidade a favor dos movimentos de vanguarda, que foi consistentemente defendendo", diz. "Penso que esse é o seu maior contributo."

Manuel Pedro Ferreira não considera que Seabra tenha desenvolvido "um pensamento crítico muito original", mas que "foi muito eficaz nessa forma de comunicação, tentando comunicar para um público mais vasto os valores da vanguarda."

Também nos palcos lhe sentem a falta. Para Francisco Frazão, director artístico do Teatro do Bairro Alto, mesmo antes de morrer "já fazia falta, porque estava em silêncio há algum tempo". Lembrando as críticas de Seabra ao Teatro Praga, Frazão diz que este "podia ser injusto naquilo que rejeitava", mas "os artistas respeitavam-no mesmo na discordância" e "era a referência para a geração dos Praga ou do Tiago Rodrigues".

Seabra, acrescenta, "também tinha paixões operáticas no teatro", designadamente, nos últimos tempos, com Ricardo Neves-Neves, ilustra. "É uma paixão que faz sentido porque é um teatro numa relação com a música e no qual talvez o Augusto visse a influência do Bob Wilson."

Frazão acredita que, enquanto espectador de teatro, o crítico, "seria mais conservador do que como espectador de cinema". No cinema, argumenta, "abriu-se a outros pólos que foram aparecendo fora dos grandes centros – o português, o das várias Chinas, o iraniano –, e participou dessa política da atenção", ao passo que, no teatro, "tinha um fascínio pelos grandes mestres, um paradigma que o tempo erodiu, e alimentava o plano de editar as entrevistas que fez a Luca Ronconi, Peter Brook, Peter Stein". Mas também foi "acompanhando com curiosidade", reconhece, alguns nomes mais experimentais que passaram por Lisboa, como Tim Crouch.

Realçando a sua diversidade de interesses – "essa coisa de ir à música, passar pelo teatro e ver cinema é muito incomum, sobretudo quando acompanhada por uma memória prodigiosa como a dele, ou a do Jorge Silva Melo, bibliotecas ambulantes raras e difíceis de encontrar" –, o programador está de acordo com os que acham que "o tempo que ele viveu e de certo modo construiu já não existe". E exemplifica: "Há não

RUI GAGEIRO

muito tempo, fez cair um ministro, e não sei se hoje, com a fragmentação radical do discurso público, um artigo num jornal de referência teria o mesmo impacto; havia uma centralidade da cultura e da crítica no jornal, e dos próprios jornais na vida do país, que já não existe.”

Mas “o trabalho de mediação do programador e do crítico continua a ser indispensável”, sublinha. “Há tanta coisa para ver e para não ver, que essas vozes de autoridade, no sentido de autoridade moral, ainda fazem mais falta.”

A par da crítica teatral, Seabra foi co-autor, com Jorge Listopad, de uma nova versão cénica de *As Guerras de Alecrim e Manjerona* e de *O Judeu*, ambas de António José da Silva e apresentadas no Teatro Nacional de São Carlos (1978); e com João Canijo escreveu uma dramaturgia para uma leitura cénica da *Medeia* de Christa Wolf (1996).

Seria difícil enumerar em pormenor os contributos de Augusto M. Seabra em todas as áreas que mobilizaram a sua atenção e a sua inteligência, e talvez seja mais importante, agora que nos despedimos dele, tentar fixar aqui o seu retrato através do testemunho de quem o conheceu bem.

“Tinha uma cultura enciclopédica: extensa, intensa, vasta, profunda, atenta à complexidade infatigável das ideias e do mundo. Como crítico, ensaísta e programador cultural, o seu amor à teoria nunca o deixou cair na armadilha da opinião de ocasião, fútil e frívola, sem fundamentos nem argumentos, estúpida e insolente”, diz José Manuel dos Santos. Mas o “imenso aparelho teórico de que dispunha”. nota, “não o impediu de escrever alguns dos mais pessoais e comovidos textos sobre as obras de arte e de pensamento, que amava com um amor perseguidor e quase proustiano: na música, no cinema, na literatura, na filosofia.”

“Por sua causa, por causa dos seus textos, tive, muitas vezes, vontade de ir ver filmes de que nunca tinha ouvido falar, ouvir música que não conhecia”, sublinha a cineasta Teresa Villaverde. “O Augusto era absolutamente intransigente na sua opinião, às vezes até demasiado, mas ele era assim, e são talvez imprescindíveis, os intransigentes”, acrescenta a cinasta, que o associa “ao tempo em que os festivais de cinema pequenos, pelo mundo, eram realmente pequenos, onde podíamos encontrar as pessoas com quem descobríamos ter afinidades, fazer amigos, e não era esta confusão competitiva que não dá espaço para ver nada nem conhecer ninguém”. E remata: “Vou ter saudades. E mesmo que não se dêem conta, vai fazer falta a todos.” **Com Inês Nadais, Isabel Coutinho e Joana Amaral Cardoso**

Com três letrinhas apenas: AMS

Crónica

Vasco Câmara

Nas últimas vezes que falei com o Augusto, a conversa telefónica prosseguiu depois por mensagem. Ela chegava abruptamente ao telemóvel… “E o que é feito da Sean Young?”. Passámos a uma espécie de “quem é quem?” dos desaparecidos, John Byrum, Harold Becker, John Badham, Molly Ringwald, Richard Dreyfuss, Timothy Hutton, John Heard, Nick Nolte…

Nas últimas, últimas vezes, já não falámos. Enviei mensagens e *links* de filmes que se tinham estreado, mas não sei se ele as leu e se os viu.

O cinema dos anos 80, esquecido e ainda hoje à espera de que os nossos programadores proponham a sua reavaliação, enchia o Augusto de nostalgia. Não podia ser de outra forma. Nesse tempo ele era o A.M.S., iniciais que fechavam as suas notas de cinema da revista do *Expresso*, caderno que nada tinha a ver com aquilo que existe agora – falo de algo que era fundamental, como pão para a nossa boca. Era o tempo em que as páginas de cultura dos jornais eram respeitadas, desde logo pelas direcções e administrações, em que os críticos não eram despedidos ou escondidos por não acrescentarem números aos *sites*, em que a curiosidade e o sentido de aventura dos leitores não tinham sido adormecidos e colonizados pelas redes sociais.

No fundo, o Augusto e os outros, o Vicente Jorge Silva, o Eduardo Prado Coelho, tiveram sorte, tiveram tudo: coube-lhes escrever nesses anos. Foram os últimos. Uniam-nos muitas coisas, os sonhos e projectos comuns, as referências, a cultura francesa, mas o Augusto nunca perdoava um texto ou uma opinião por causa de um afecto e nunca se esqueceu quando um filme os separava. O *ET* meteu-se entre ele e o Eduardo, que era muito puritano com as emoções; o *Do Fundo do Coração* entre ele e o Vicente.

O Augusto sabia ser intimidante quando queria. Quando aparecia perante o povo, por exemplo esgueirando-se por entre a pequena multidão que enchia o cinema Quarteto, em Lisboa, chapéu e o olhar alto sobre a mole humana. “Olha o A.M.S.” Ficava-se à espera das estrelas. Foi essa figura que encontrei quando, no final dos anos 80, o projecto do PÚBLICO veio a público com a selecção do grupo de estagiários que viriam a integrar o futuro diário. O Augusto era uma figura fundamental do projecto mas já nessa altura com uma postura que, para o bem e para o mal (para o mal: condenou-o à extrema precariedade nos últimos anos de vida), fazia dele uma eminência parda. Estava dentro mas queria estar fora, renitente a “vestir a camisola”, em integrar-se. Para, dizia ele, manter a “independência”. Para, quando se zangava, ser apropriado atirar: “Esse jornal…”.

No processo de selecção dos estagiários, o seu (pouco simpático) rosto era uma muralha que era preciso enfrentar. “Então o que é que lê?”. Sei que ele foi decisivo para me integrar na equipa da Cultura nos primeiros dias do jornal. Que foi ele que me atirou de pára-quedas para um trabalho a ver o que eu conseguia fazer – ir até à Praia das Maçãs procurar nem mais nem menos do que a casa que ali teve Gloria Swanson – e também ele que um dia me disse: “Faça as malas, depois de amanhã vai comigo para Cannes.” Obrigado.

O cinema dos anos 80, esquecido e ainda hoje à espera de que os nossos programadores proponham a sua reavaliação, enchia o Augusto de nostalgia

Morreu o Augusto. A notícia da morte apanhou-me no Festival de Veneza à espera de um filme com o actor Lee Kang-Sheng, musa de um nome muito da preferência do Augusto, Tsai Ming-liang. Lembro-me de outros festivais com ele: em Berlim, excitadíssimo por irmos arrasar a concorrência com um *dossier* sobre Hong Kong, Stanley Kwan, Wong Kar-wai e outros; em Cannes, no ano em que ele foi membro do júri, e em que me convidou para jantar na véspera da abertura do festival porque a partir de então não iria mais falar comigo já que um jurado não deve falar com os jornalistas – o que cumpriu, alguma vezes fazendo um pequeno teatro à AMS nos corredores do Palácio dos Festivais ou na Croisette, desviando a cabeça, fingindo que não me via; sobretudo, lembro-me dos tempos heróicos, dele, do PÚBLICO e dos seus leitores, quando o jornal era pioneiro na cobertura dos festivais internacionais e o Augusto decidia quando queria escrever, porque não o fazia diariamente, e nesse momento ocupava três ou quatro páginas do jornal diário com os seus, expressão do director Vicente, “lençóis”. Era definitivamente um jornal utópico. Chegavam por fax esses textos, eram escritos à mão, cabia-me decifrá-los porque conhecia os nomes: Wong Kar-Wai e *Days of Being Wild*, Hou Hsiao-hsien e *A Time do Live and a Time to Die*, Tsai Ming-liang e *Vive l'Amour*. Fui o primeiro espectador desses filmes. Alguns tiveram a sua formação na RTP 2, outros na Cinemateca, outros os faxes do Augusto.

A doença tornou-o mais dócil, tornou-se comovente, o Augusto. O que lhe acontecera, a diminuição física com uma cabeça que continuava activa, a inexistência de um meio de sustentação na sua vida, é um aviso a todos nós, jornalistas, críticos dos jornais. Pode ser o nosso futuro.

Às vezes amuava, às vezes tornava-se exasperante. O mais criativo, cosmopolita, culto e abrangente da sua geração, era também o mais inflexível no trabalho. Uma vez em que nos exaltámos um com o outro, telefonei-lhe a dizer que lhe devia tudo e que não havia problema. Ele era o Augusto, eu aguentaria. Não vou esquecer: AMS.

Jornalista

PSD e PS em paralelo e rumo ao abismo

Editorial

David Pontes

Em lampejos, como aconteceu neste fim-de-semana, o PSD e o PS parecem querer assumir as vestes da responsabilidade política, jurando a todos que estão disponíveis para negociar o Orçamento do Estado. Só que, dois passos adiante, rasgam as mesmas vestes na pira do interesse partidário, esquecendo o país que assiste atónito.

No domingo, Pedro Nuno Santos foi claro nas condições do PS para negociar, mostrando o que levava para cima da mesa: a discussão do IRC e do IRS Jovem. Só que, passados quatro dias, aquilo que parecia ser um princípio de conversa era, afinal, uma posição irredutível, sem margem para negociar duas medidas emblemáticas do executivo.

No mesmo domingo, Luís Montenegro afirmou que este era o "tempo de discutir", mas precisou de esperar quatro dias e de ouvir o PS mostrar a sua faceta irredutível para vir dizer que, afinal, estava disposto a negociar o IRC e o IRS Jovem.

Neste jogo infantil de avanços e recuos, ninguém mostra vontade de encontrar um compromisso com seriedade

Neste jogo infantil de avanços e recuos, ninguém mostra vontade de encontrar um compromisso com seriedade e tentar evitar o abismo que será o país caminhar para um novo processo eleitoral ou ser governado a duodécimos. Ambos parecem cegos ao desgaste que irá sofrer o sistema, para aproveitamento dos populistas, se, desgastados e cansados, os portugueses forem votar e se, como não se fartam de mostrar as sondagens, desgastados e cansados delas saírem sem que o PSD consiga uma maioria de direita que não tenha de contar com o Chega (que, certamente, não é igual ao PRD) e sem que os socialistas obtenham uma maioria de esquerda.

Se não for em nome do país, ao menos em nome do seu interesse próprio, os dois partidos podiam tentar perceber que ainda é muito cedo para qualquer um deles ser decisivo nas urnas em vez de caminharem em paralelo para o abismo.

Nota da Direcção Editorial

Os que melhor o conheciam já escreveram, como Vasco Câmara, que, com a morte de Augusto M. Seabra, desapareceu "o mais criativo, cosmopolita, culto e abrangente da sua geração" e o "crítico prodigioso, brilhante muito para além do seu tempo", como lembrou Nuno Pacheco. A forma como o PÚBLICO surgiu e a referência de jornalismo que se tornou deve muito à sua alma irrequieta, ao seu intransigente sentido cívico e à inteligência imensamente culta que partilhou com os leitores. Neste momento de dor e de vazio, para todos os que tiveram o privilégio de com ele privar ou de o ler, queremos aqui deixar o testemunho da nossa inextinguível gratidão.

CARTAS AO DIRECTOR

Livre escolha

A grande maioria dos países da União Europeia tem um período para a IVG muito mais alargado do que em Portugal, que só é de dez semanas. Assim, em condições ditas normais, o prazo para realização do aborto deveria passar de imediato das dez para as 14 semanas. E mantém-se algo de muito importante: ninguém é obrigado a fazer um aborto, é de livre escolha, pessoal. E o país é laico, logo, não há que haver compromissos religiosos, como havia antes do 25 de Abril.

Mas tem havido alguns entraves para quem quer realizar a IVG, num país em que tal é permitido desde 2007. Dificuldades em realizá-lo em tempo. Como é evidente, as direitas querem paulatinamente acabar com esse direito. E como é mais do que evidente, que não vai querer que se mexa no que está e como está. Antes pelo contrário. O PSD tende, menos de metade, a ser antiaborto, o Chega, CDS e IL são antiaborto, pelo que, hoje, não só vai ser muito difícil aumentar o tempo permitido para fazer IVG como tende a encolher-se das actuais dez semanas, para menos. Até a IL está com o Chega e o CDS para ir acabando com a legalização do aborto. Ou não.

Augusto Küttner, Porto

TAP, os enredos desmontados

Li hoje com bastante agrado o artigo do actual cronista Pedro Adão e Silva sobre o tema TAP e dos verdadeiros enredos não revelados até à data e agora desmontados.

Não obstante, continuo intrigado por que não há jornalista, comentador ou político dos que são convidados e considerados como especialistas que venha explicar ao público em geral por que é que a TAP tem de ser privatizada e por que é que a maior exportadora nacional, com aviões sempre cheios, dava prejuízo. Independentemente das verdadeiras trapalhadas denunciadas pela IGF, agora com lucros acumulados é que é preciso vender? Expliquem! Por favor, tratem-nos como gente capaz de pensar e não como broncos.

J. E. Coutinho Duarte, Lisboa

Chorar ou não, eis a questão

A magnífica crónica da Alexandra Lucas Coelho de 24 de Agosto é um grito de alma sobre os efeitos dramáticos do conflito israelo-palestiniano, a par de uma lúcida análise sobre o posicionamento hipócrita da classe política americana (...).

Diariamente as televisões mostram-nos os crimes sobre pessoas inocentes que continuam indefesas à mercê dos bombardeamentos das suas habitações, escolas, hospitais e locais de trabalho. Para os autores materiais e morais desses crimes, qualquer pretexto serve e os danos colaterais infligidos às populações de nada valem no discurso oficial em que a morte de um "terrorista" justifica o ataque a escolas provocando a morte de dezenas de crianças, ou a hospitais com a morte de centenas de doentes, etc.

Tudo isto é motivo bastante para todos nós chorarmos e não só a Alexandra. É certo que nada disto é novo na história da Humanidade, mas, para muitos de nós, depois de tantos séculos de desenvolvimento económico, social e político (igualdade de género, reconhecimento internacional dos direitos políticos, mediação dos grandes organismos internações, etc.) tal não parecia possível devido à resistência cultural dos povos e à memória trágica dos grandes conflitos mundiais.

Infelizmente, a educação não privilegia o estudo da História, na perspectiva da paz e da cooperação, mas na da competição permanente entre pessoas, empresas e nações, e a memória das tragédias perde-se no tempo. Na falta de uma base histórica e cultural de resistência à política dos interesses e da força, as populações são facilmente induzidas a aceitar soluções políticas de destruição dos "inimigos" (?) e a tolerar os abusos, e mesmo os crimes de guerra, praticados pelos seus dirigentes, que exploram conflitos religiosos seculares, cujos guias espirituais se auto-excluem, criando dificuldades irracionais e, por isso, inultrapassáveis, à Paz e ao Amor que todos desejam.

Mas nós, como diria a nossa Sophia, "vemos, ouvimos e lemos, não podemos ignorar".

Nobre Ferreira, Lisboa

O país à beira de eleições

Julgo que o país vai para eleições. Se não, vejamos: a Educação não tem professores, a Saúde não tem médicos, a secretaria-geral do MAI é assaltada, descobre-se o processo da venda da TAP, helicópteros caem e o Benfica está como está! Isto só se resolve com eleições, diz o povo, mesmo indo contra a vontade do Presidente, que gostaria de terminar o mandato como seu partido instalado no poder.

Ricardo Charters d'Azevedo, S. Pedro do Estoril

As cartas destinadas a esta secção têm de ser enviadas em exclusivo para o PÚBLICO e não devem exceder as 150 palavras (1000 caracteres). Devem indicar o nome, morada e contacto telefónico do autor. Por razões de espaço e clareza, o PÚBLICO reserva-se o direito de seleccionar e editar os textos e não prestará informação postal sobre eles **cartasdirector@publico.pt**

A opinião publicada no jornal respeita
a norma ortográfica escolhida pelos autores

ESCRITO NA PEDRA

Quem aprendeu a discordar sem ser desagradável descobriu o segredo mais valioso da negociação
Chris Voss, ex-negociador de crises do FBI

O NÚMERO

3,1

Magnitude do sismo registado ontem, às 3h26, cerca de 30 quilómetros a sul de Sesimbra

Medir em vez de discutir

Ainda ontem

Miguel Esteves Cardoso

Sempre tive ar condicionado em casa, mas ultimamente tenho-me sentido ainda mais encalorado do que é costume, levando-me a duvidar do aparelho.

Mas afinal o aparelho estava bom e eu é que estava avariado. Decidi comprar termómetros aqui para casa, para ver até que ponto é que o meu termóstato interior estava desafinado.

Há muita gente que não sabe que a temperatura ideal para o conforto masculino (20 ou 21 graus) é diferente daquela que determina o conforto feminino, que é 24 ou 25 graus. Destes graus de diferença – que são uma média planetária – nascem diariamente biliões de discussões, sempre em torno da questão de estar frio ou estar calor.

São estas as temperaturas que permitem ao ser humano não pensar na temperatura e poder pensar, sei lá, noutras coisas. Para mais, durante o ano inteiro, seja qual for o tempo que está lá fora.

Mal espalhei os termómetros pela casa, senti-me logo desmentido. Bem que tentei imaginar que estivessem todos feitos uns com os outros, para me enganar, convencendo-me de que não estava o calor que eu sentia. Mas contra seis termómetros – com uma margem de erro máxima de 1 grau – é impossível marrar.

De um dia para outro, deixei de usar o ar condicionado. Deixei de ter calor. Foram os números dos termómetros que me acalmaram. Desafiaram-me a continuar a ser histérico. E eu desisti imediatamente.

O ser humano precisa de números. Precisa de medir. Ir contra os números é ir contra a natureza humana. Por muito que gostemos de discutir se está frio ou calor, ou se vamos depressa ou devagar, ou se ganhamos muito ou pouco, ou se somos altos ou baixos, gordos ou magros, novos ou velhos, há um limite para essas tagarelices: são os números.

Os números constituem o limite da tagarelice.

A matemática pode ser difícil para a grande maioria das pessoas, mas para uma minoria considerável (que se pode medir e avaliar) é um prazer essencial.

Os números não são mágicos: nós é que somos ilusionistas.

ZOOM PARIS

KACPER PEMPEL/REUTERS

A equipa chinesa, formada por Yu Qinquan e Yu Deyi, defrontou o Brasil na competição de goalball nos Jogos Paralímpicos, reeditando a final de Tóquio 2020

P

publico.pt

Lisboa (sede: editor e redacção)
Edifício Diogo Cão,
Doca de Alcântara Norte
1350-352 Lisboa
Tel. 210 111 000

Porto
Rua Júlio Dinis,
n.º 270 Bloco A 3.º
4050-318 Porto
Tel. 226 151 000

DIRECTOR
David Pontes
Directores adjuntos
Andreia Sanches, Marta Moitinho Oliveira,
Sónia Sapage, Tiago Luz Pedro
Directora de arte
Sónia Matos
Directora de design de produto digital
Inês Oliveira
Editoras executivas
Helena Pereira, Patrícia Jesus
Editor de fecho
José J. Mateus

Editor de Opinião Álvaro Vieira **Editor P2** Sérgio B. Gomes **Online** Ana Maria Henriques, Mariana Adam, Pedro Esteves, Pedro Guerreiro, Pedro Sales Dias (editores), Amílcar Correia (redactor principal), Carolina Amado, João Pedro Pincha, José Volta e Pinto, Marta Leite Ferreira, Miguel Dantas, Sofia Neves (última hora); Rui Barros (jornalista de dados); Ruben Martins, Inês Rocha (áudio); Joana Bougard (editora multimédia), Carlos Alberto Lopes, Joana Gonçalves, Mariana Godet, Teresa Miranda (multimédia); Amanda Ribeiro (editora de redes sociais), Ana Zayara, Michelle Coelho, Patrícia Campos (redes sociais) **Política** David Santiago (editor), Susete Francisco (subeditora), Ana Sá Lopes, São José Almeida (redactoras principais), Ana Bacelar Begonha, Liliana Borges, Margarida Gomes, Maria Lopes, Nuno Ribeiro **Mundo** Ivo Neto, Paulo Narigão Reis (editores), Bárbara Reis, Jorge Almeida Fernandes, Teresa de Sousa (redactores principais), Rita Siza (correspondente em Bruxelas), Alexandre Martins, António Rodrigues, António Saraiva Lima, João Ruela Ribeiro, Leonete Botelho (grande repórter), Maria João Guimarães, Sofia Lorena **Sociedade** Natália Faria, Gina Pereira (editoras), Clara Viana (grande repórter), Alexandra Campos, Ana Cristina Pereira, Ana Dias Cordeiro, Ana Henriques, Ana Maia, Cristiana Faria Moreira, Daniela Carmo, Joana Gorjão Henriques, Mariana Oliveira, Patrícia Carvalho, Samuel Silva, Sónia Trigueirão **Local** Ana Fernandes (editora), Luciano Alvarez (grande repórter), André Borges Vieira, Camilo Soldado, Mariana Correia Pinto, Samuel Alemão, Teresa Serafim **Economia** Pedro Ferreira Esteves, Isabel Aveiro (editores), Manuel Carvalho (redactor principal), Cristina Ferreira, Sérgio Aníbal (grandes repórteres), Ana Brito, Luís Villalobos, Pedro Crisóstomo, Rafaela Burd Relvas, Raquel Martins, Rosa Soares, Victor Ferreira **Ciência** Teresa Firmino (editora), Filipa Almeida Mendes, Tiago Ramalho **Azul** Andrea Cunha Freitas (editora), Claudia Carvalho Silva (subeditora), Aline Flor, Andréia Azevedo Soares, Clara Barata, Nicolau Ferreira, Tiago Bernardo Lopes (multimédia), Gabriela Gómez (infografia), Rodrigo Julião (webdesign) **Cultura/Ípsilon** Paula Barreiros, Inês Nadais (editoras), Pedro Rios (editor Ípsilon), Isabel Coutinho (subeditora), Nuno Pacheco, Vasco Câmara (redactores principais), Isabel Salema, Sérgio C. Andrade (grandes repórteres), Daniel Dias, Joana Amaral Cardoso, Lucinda Canelas, Luís Miguel Queirós, Mariana Duarte, Mário Lopes **Desporto** Jorge Miguel Matias, Nuno Sousa (editores), Augusto Bernardino, David Andrade, Diogo Cardoso Oliveira, Marco Vaza, Paulo Curado **Fugas** Sandra Silva Costa, Luís J. Santos (editores), Alexandra Prado Coelho (grande repórter), Luís Octávio Costa, Mara Gonçalves **Guia do Lazer** Sílvia Pereira (coordenadora), Cláudia Alpendre, Sílvia Gap de Sousa **Ímpar** Bárbara Wong (editora), Carla B. Ribeiro, Inês Duarte de Freitas **P3** Inês Chaíça, Renata Monteiro (subeditoras), Mariana Durães **Terroir** Ana Isabel Pereira **Newsletters e Projectos digitais** João Pedro Pereira **Projectos editoriais** João Mestre **Fotografia** Miguel Manso, Manuel Roberto (editores), Adriano Miranda, Daniel Rocha, Nelson Garrido, Nuno Ferreira Santos, Paulo Pimenta, Rui Gaudêncio, Alexandra Domingos (digitalização), Isabel Amorim Ferreira (documentalista) **Paginação** José Souto (editor de fecho), Marco Ferreira (subeditor), Ana Carvalho, Cláudio Silva, Joana Lima, José Soares, Nuno Costa, Sandra Silva; Paulo Lopes, Valter Oliveira (produção) **Copy-desks** Aurélio Moreira, Florbela Barreto, Joana Quaresma Gonçalves, João Miranda, Manuela Barreto, Rita Pimenta **Design Digital** Alex Santos, Ana Xavier, Nuno Moura **Infografia** Célia Rodrigues (coordenadora), Cátia Mendonça, Francisco Lopes, Gabriela Pedro, José Alves **Comunicação Editorial** Inês Bernardo (coordenadora), João Mota, Ruben Matos **Secretariado** Isabel Anselmo, Lucinda Vasconcelos **Documentação** Leonor Sousa

Publicado por PÚBLICO, Comunicação Social, SA.
Presidente Ângelo Paupério
Vogais Cláudia Azevedo, Ana Cristina Soares e João Günther Amaral

Área Financeira e Circulação Nuno Garcia **RH** Maria José Palmeirim **Direcção Comercial** João Pereira **Direcção de Assinaturas e Apoio ao Cliente** Leonor Soczka **Análise de Dados** Bruno Valinhas **Marketing de Produto** Alexandrina Carvalho **Área de Novos Negócios** Mário Jorge Maia

NIF 502265094 | Depósito legal n.º 45458/91 | Registo ERC n.º 114410
Proprietário PÚBLICO, Comunicação Social, SA | Sede: Lugar do Espido, Via Norte, Maia | Capital Social €8.550.000,00 | Detentor de 100% de capital: Sonaecom, SGPS, S.A. | **Publicidade** comunique.publico.pt/publicidade | comunique@publico.pt | Tel. 210 111 353 / 210 111 338 / 226 151 067 | **Impressão** Unipress, Tv. de Anselmo Braancamp, 220, 4410-350 Arcozelo, Valadares; Empresa Gráfica Funchalense, SA, Rua da Capela de Nossa Senhora da Conceição, 50, 2715-029 Pêro Pinheiro | **Distribuição** VASP – Distrib. de Publicações, Quinta do Grajal – Venda Seca, 2739-511, Agualva-Cacém | geral@vasp.pt

Membro da APCT Tiragem média total de Agosto **19.838 exemplares**

O PÚBLICO e o seu jornalismo estão sujeitos a um regime de auto-regulação expresso no seu Estatuto Editorial **publico.pt/nos/estatuto-editorial**
Reclamações, correcções e sugestões editoriais podem ser enviadas para **leitores@publico.pt**

ASSINATURAS Linha azul **808 200 095** (dias úteis das 9h às 18h)
publico.pt/assinaturas • assinaturas@publico.pt

Espaço público

Talvez o melhor seja mesmo irmos para eleições

Francisco Mendes da Silva

Responsabilizo o "Borgen" e a "Geringonça". Na última década as cliques político-obsessivas portuguesas passaram a nutrir um amor tão cego pelo parlamentarismo que hoje nem conseguem ver bem o que a Constituição diz sobre a separação de poderes. Há quem esteja sinceramente convencido de que a Assembleia da República tem um ascendente ilimitado sobre os outros poderes.

Por estes dias percebemos, por exemplo, que há quem ache normal que a elaboração da proposta de lei de Orçamento do Estado seja feita por "*diktat*" dos partidos que se sentam nas bancadas da oposição, antes sequer da submissão do documento à Assembleia.

Não me interpretem mal. Eu também sou do clube de fãs do parlamentarismo. Mas é preciso ter noção dos limites. A Constituição reserva ao Governo o poder de iniciativa orçamental, porque esse poder é indispensável para proteger a sua esfera de actuação.

E o grau de protecção não depende de o Governo ter ou não apoio maioritário na Assembleia. A Constituição não protege menos os poderes do Governo só porque o partido do primeiro-ministro ganhou as eleições por uma margem pequena. Quando há Governo, há Governo. É aquele. Ponto.

A Constituição, no seu artigo 182.º, define o Governo como "o órgão de condução da política geral do país e o órgão superior da administração pública". Ou seja, é o Governo que tem a prerrogativa de estabelecer as prioridades da orientação política do país, o que significa inevitavelmente que seja a ele que cabe a determinação do essencial da política orçamental para cada ano.

Que despesa e receitas deve a Assembleia autorizar que o Governo realize e amealhe? Em primeira linha, é o Governo que tem de responder. Essa despesa e essas receitas servirão para cumprir que objectivos políticos da governação? É o Governo que tem de o dizer.

Sim, é óbvio que, no caso de um executivo sem apoio maioritário, aquele poder de iniciativa orçamental também implica que seja o partido do Governo a mexer-se primeiro para tentar criar as condições de aprovação do Orçamento. Só que, para a discussão que aqui interessa, há uma outra consequência fundamental. Pode parece contraditória, mas não é. Sem prejuízo de todas as negociações, o que é normal é que o conteúdo do Orçamento traduza, no essencial, a ideia que o Governo tem para o país.

Se, por bloqueio da oposição, o Governo não dispuser de um Orçamento do Estado que lhe permita cumprir o seu programa (um programa que, repare-se, não foi objecto de moção de rejeição aquando da sua apresentação à Assembleia), então teremos um problema.

Há vários ângulos possíveis para explicar esse problema: a iniciativa orçamental passa para a oposição, contra a Constituição; o Governo transforma-se num mero mordomo às ordens de partidos hostis; o princípio democrático é violado porque a única força que obteve votos suficientes para governar fica impedida de cumprir o mandato que o povo lhe deu.

Todos esses ângulos de abordagem ao problema confluem numa só conclusão: estaremos aí, então, perante o famoso "irregular funcionamento das instituições". Resolúvel apenas através de uma clarificação eleitoral.

Quando um Governo é minoritário, o que é normal é o que o Bloco de Esquerda e o Partido Comunista Português faziam durante os Governos de António Costa. Em primeiro lugar, e apesar de nessa altura até existirem acordos prévios sobre o teor da governação, quer o Bloco quer o PCP assumiam que os Orçamentos eram puramente Orçamentos do PS. Aliás, até viviam obcecados em dizer isso, tal era o seu desconforto com a aproximação ao poder.

Em segundo lugar, estabeleciam condições positivas para viabilizarem a aprovação dos Orçamentos. Exigiam que se acrescentasse ao documento esta ou aquela medida (por exemplo, a redução do IVA da electricidade ou a recuperação do tempo de serviço para efeito de remuneração dos professores). A tensão que existia era por causa de propostas que os parceiros da esquerda achavam essenciais e que o PS achava inaceitáveis.

O que os socialistas agora fazem é exactamente o contrário. No seu discurso no encerramento da Academia Socialista, mais de um mês antes de o Governo ter de entregar o Orçamento na Assembleia da República, o PS estabeleceu condições para o deixar passar que não só têm uma índole negativa (o PS não exige a inclusão de nada; apenas exige que o Governo não ouse incluir certas medidas no documento) como representam a inviabilização de um elemento que o próprio Governo diz ser essencial ao seu projecto político (a redução de impostos, no IRC e no IRS, com um determinado âmbito e objectivo).

O PS podia dizer simplesmente que se absteria se, apesar de não concordar com o essencial do Orçamento, conseguisse nele inserir algumas medidas representativas dos interesses do seu eleitorado (como o Bloco e o PCP). Mas não: a condição do PS é que o Governo, no seu Orçamento, se abstenha de representar o seu próprio eleitorado.

Pior: uma vez que a eficácia de algumas medidas já aprovadas na Assembleia pelo PS (e pelo Chega) necessita de um Orçamento que as contemple, Pedro Nuno defendeu que, na impossibilidade de um Orçamento "normal" para 2025, se fizesse um Orçamento rectificativo.

Se, por bloqueio da oposição, o Governo não dispuser de um Orçamento do Estado que lhe permita cumprir o seu programa, então teremos um problema

A sugestão, portanto, é que, de uma forma ou de outra, o próximo Orçamento em vigor seja um Orçamento com as prioridades do PS. Isto seria política e constitucionalmente insustentável. O Governo não pode ser o idiota útil da oposição.

Pedro Nuno Santos tem todo o direito de não querer colocar a sua chancela numa política da qual discorda. Não pode é depois, se se instalar o impasse a que a sua atitude pode conduzir, acusar o Governo de ser responsável por uma crise só porque este não aceitou que fosse verdadeiramente o PS a governar o país a partir da Assembleia.

Este seria o pior momento para o PS ir a eleições. Ainda parece existir uma maioria eleitoral de direita, que bloquearia a hipótese de um Governo de esquerda. A AD teria uma narrativa de campanha simples, justa e compreensível ("Não nos deram sequer meio ano"). Não teria nenhuma vitória para mostrar, mas ainda não teria tido tempo para falhar. A pressão do voto útil à direita seria enorme. E o Chega, nesta fase atarantada pós-europeias, parece um velho circo deprimente de palhaços tristes, com truques cada vez mais grotescos, ao qual cada vez menos gente liga.

Se Luís Montenegro pensasse como Soares ou Sá Carneiro, alérgicos a impasses e chantagens, não hesitaria em deixar que se rompesse a corda que Pedro Nuno deseja esticar. Talvez fosse a solução mais digna.

Advogado. Escreve à sexta-feira

NUNO FERREIRA SANTOS

Identidades e famílias. No plural, claro

Susana Peralta

Não poupo quem escreveu ao meu sincero agradecimento por terem embarcado connosco nesta aventura improvável, que me faz acreditar na democracia

Quando, em abril, li o livro *Identidade e Família*, apresentado com estrondo mediático por Pedro Passos Coelho, terminei aqui o texto que escrevi sobre ele com uma promessa: "Promoveremos a liberdade e acolheremos a diferença." Portanto, lavrei um pacto, na primeira pessoa do plural, comprometendo um conjunto de pessoas que na altura não sabia quem eram, mas que estava certa de que existiam.

A convicção revelou-se acertada; poucos dias depois, estava a discutir com a Joana Mortágua e com a Maria Castello Branco o projeto de um livro com estes dois objetivos: promover a liberdade e acolher a diferença. Diferença que, de resto, começava neste grupo improvável de coordenadoras com ideologias, idades e projetos de vida díspares. A nossa ideia, que perseguimos de forma obsessiva, era reunir um conjunto de pessoas, tão diverso quanto possível, que quisessem contribuir para o debate suscitado na sociedade portuguesa pelo livro *Identidade e Família*.

O livro *Reflexões sobre a Liberdade, Identidades e Famílias* está finalmente à venda e foi apresentado esta semana, na Livraria Buchholz, que se encheu de pessoas de todas as idades e posições políticas para discutir o lugar da liberdade e da diversidade numa democracia madura.

Juntámos um grupo eclético de mulheres e homens, da esquerda à direita, com diferentes orientações sexuais e identidades de género, profissões e percursos de vida, de gerações diferentes e oriundas de países, etnias e meios socioeconómicos variados. Algumas destas pessoas estão na vida política ativa, outras já estiveram; muitas não estão e são conhecidas pela sua intervenção cívica ou profissional em prol de diferentes causas.

Perguntaram-nos várias vezes nos últimos dias como conseguimos juntar numa obra coletiva pessoas tão diferentes. A resposta é muito simples. O que os autores e autoras têm em comum é a convicção de que uma democracia liberal deve permitir que cada pessoa viva de acordo com os seus princípios, e não de acordo com os princípios que os outros lhe querem impor.

A partir dessa premissa, na qual todos e todas nos revemos, é fácil convivermos num volume coletivo, apesar de cada um de nós não concordar com tudo o que as outras pessoas escreveram. Foi também com base nesta premissa que conseguimos que o livro nascesse em tão pouco tempo. Uma vez que concordámos na ideia de princípio, cada autor e cada autora teve total liberdade de escolher o tema e a perspetiva que preferia para o seu texto.

MANUEL ROBERTO

O livro fala de diversidade e discriminação, dos direitos e da emancipação das mulheres, da reação masculina à perda do privilégio, de parentalidade, de aborto, de eutanásia, de direitos das pessoas *queer* e transgénero, de famílias e crianças. Alguns autores partilharam generosamente histórias pessoais ou da sua família; outros, retalhos da sua vida profissional. Outros, ainda, trouxeram contributos mais teóricos, de natureza jurídica ou filosófica. Alguns falam de alterações legislativas mais ou menos recentes, das suas conquistas e fragilidades.

Através destes testemunhos, o livro abre vários debates fundamentais. Fala das discriminações, que são reais; das famílias de geometria variável; das crianças com dois pais e duas mães, ou com um padrasto companheiro do pai, que vão à escola com os filhos das crianças que têm um pai e uma mãe; de como crescer *queer* ou viver trans neste país (ainda) é um desafio; de como os direitos das mulheres são uma conquista recente e frágil; do aborto clandestino enquanto máquina de morte e tortura; da nossa liberdade de vida, que vai até ao momento da morte.

Hugo van der Ding, que combina um talento fenomenal com uma intervenção cívica que quebra tabus, deu-nos a honra de apresentar o livro na quarta-feira. Na conversa, recordou que carregamos todos a herança subconsciente da moral vigente nos últimos séculos, que procurou impor aos indivíduos uma norma heterossexual, monogâmica, que remete a mulher à condição de procriadora, limitando a sua capacidade para ter uma participação ativa no mercado de trabalho ou acesso aos lugares de poder.

Este caldo cultural é gerador de medo do outro. Nas minhas leituras do livro *Identidade e Família*, encontrei muitas vezes esse medo. O medo da libertação da mulher e do reconhecimento do seu direito a fazer escolhas de fertilidade, o medo das famílias que não são formadas por um homem e uma mulher, que alegadamente não procriam, o medo das pessoas trans, o medo das orientações sexuais não heteronormativas, da eutanásia e do aborto. Como se uma sociedade cuja lei reconhece outra realidade do que a das mulheres que se casam com homens e se dedicam ao trabalho doméstico e reprodutivo caminhasse para a sua própria extinção.

O livro fala de diversidade e discriminação, dos direitos e da emancipação das mulheres, da reação masculina à perda do privilégio, de parentalidade, de aborto

Os temas tratados nestes dois livros — o da identidade e família, no singular, e o das identidades e famílias, no plural — são bicudos. Estão ligados à vida íntima, à forma como nos vemos em relação com a sociedade, isto é, a nossa identidade, de género e não só, à maneira de organizarmos e vivermos os afetos, ao sexo, aos limites da vida e da morte. É normal que despertem emoções fortes e ativem molas subconscientes que libertam medo e outros sentimentos de exclusão do outro.

O *Reflexões sobre a Liberdade, Identidade e Famílias* demonstra que é vasto o espectro de pessoas na sociedade portuguesa que acreditam que uma democracia liberal se define pelo acolhimento da diferença e pelo reconhecimento da liberdade de cada um para viver (e morrer) à sua maneira. Tem 20 textos, de cinco autores e 16 autoras (um dos capítulos é escrito por duas mulheres). Vou poupar os meus leitores à enumeração de todos. Mas não poupo quem escreveu ao meu sincero agradecimento por terem embarcado connosco nesta aventura improvável, que me faz acreditar na democracia e na liberdade.

Professora de Economia na Nova SBE. Escreve à sexta-feira

PS quer reforçar apoio financeiro às vítimas de violência doméstica

Vai ser um projecto “no sentido de reforçar os mecanismos de combate à violência doméstica e de apoio, inclusive financeiro, às vítimas de violência doméstica”, disse ao PÚBLICO a líder parlamentar do PS

Ana Bacelar Begonha

O PS vai apresentar uma proposta no Parlamento para reforçar o combate à violência doméstica e o apoio financeiro às vítimas. E vai mesmo avançar com um projecto de lei para alargar o prazo da interrupção voluntária da gravidez (IVG), provavelmente até às 12 semanas, que passará por alterar o período de reflexão obrigatório.

“Vamos apresentar um projecto de lei no sentido de reforçar os mecanismos de combate à violência doméstica e de apoio, inclusive financeiro, às vítimas de violência doméstica”, adiantou ao PÚBLICO a líder parlamentar do PS, Alexandra Leitão.

Os contornos da medida ainda não estão fechados, nomeadamente, em relação ao apoio financeiro – actualmente já existem apoios como o subsídio de reestruturação familiar para as vítimas que são obrigadas a sair de casa –, mas o partido quer responder às situações de vítimas de violência doméstica que acabam por não ter resposta, mesmo depois de alertarem as autoridades.

Na *rentrée* do PS, Alexandra Leitão tinha defendido que é preciso responsabilizar “todos aqueles, incluindo as autoridades, que, uma vez alertados, permitem que mulheres continuem a ser mortas pelos seus companheiros”. Só em 2023, foram assassinadas 22 pessoas em contexto de violência doméstica, 17 das quais mulheres, sendo que “existiam registadas no sistema formal de justiça seis situações anteriores”, segundo a Procuradoria-Geral da República.

A par deste projecto, os socialistas vão também avançar com um projecto de lei relacionado “com a questão da objecção de consciência, a questão do período de reflexão, que a própria Direcção-Geral de Saúde tem dito que não é compaginável [com o direito à IVG], e com o alargamento [do aborto], cujo prazo ainda será estipulado”.

Até às 12 semanas

Existe já um anteprojecto de lei criado pela Juventude Socialista que defende o alargamento do prazo do aborto para as 14 semanas. Mas “o mais provável” é que a iniciativa legislativa final proponha o aumento do prazo “para as 12 semanas”, segundo Alexandra Leitão. Depois de ter anunciado, na *rentrée* do PS, que queria “lançar um debate” sobre o alargamento do prazo do aborto, a dirigente socialista confirma, assim, que vai mesmo apresentar um projecto de lei no Parlamento.

DANIEL ROCHA

A líder parlamentar do PS, Alexandra Leitão, considera insuficiente o regime actual

Este é o prazo praticado na maioria dos Estados-membros da União Europeia, existindo apenas outros dois, além de Portugal, que permitem a IVG até às 10 semanas de gestação. Os restantes países têm prazos mais alargados, que vão até às 22 semanas ou 24 semanas, no caso dos Países Baixos e do Reino Unido.

A líder da bancada do PS não indica, contudo, como é que o partido pretende “mexer no período de reflexão”. Mas há várias organizações que pedem o fim deste período obrigatório entre a consulta prévia e a data da IVG, fixado nos três dias, por considerarem que torna a lei “restritiva”. As estruturas A Colectiva e a Associação para o Planeamento da Família, por exemplo, defenderam-no num manifesto publicado neste ano.

Quanto à regulamentação da objecção de consciência, Alexandra Leitão sublinha que “é preciso estudar com detalhe” o tema, mas garante que o objectivo do PS “não é tirar o direito à objecção”, antes “compatibilizá-lo com um outro direito que não pode deixar de ser efectivado, nos termos da lei”, isto é, o direito ao aborto. “Estes direitos têm de ser compatibilizados, de forma que não haja situações em que, pura e simplesmente, as mulheres perdem o direito à interrupção”, defende, sinalizando que isso cria “desigualdade social, económica e territorial”.

O acesso das mulheres ao aborto tem sido dificultado por existirem apenas 15 hospitais a realizar este procedimento no país, o que cria assimetrias entre as várias regiões. Um relatório da Entidade Reguladora da Saúde mostrava que, em 2023, em Portugal continental, a região do Alentejo tinha 57,1% dos médicos que realizam IVG, seguida das regiões Centro, com 19,5%, Lisboa e Vale do Tejo, com 16,3%, Algarve, com 15,4%, e Norte, com 7,9%.

Também o Bloco de Esquerda vai apresentar um projecto de lei para alargar o prazo do aborto e regulamentar a objecção de consciência, posição defendida por todos os partidos de esquerda. Já a direita e o PAN não querem fazer mexidas à lei. Mas o partido de Inês Sousa Real concorda com a regulamentação da objecção.

"A CDU recusa-se a ser uma bengala para que o PS ganhe câmaras"

Entrevista

Ana Bacelar Begonha Texto
Nuno Ferreira Santos Fotografia

Vasco Cardoso Não se pode "partir" para o Orçamento "em nome de evitar uma instabilidade política", avisa dirigente do PCP

O PCP recusa categoricamente ser uma "bengala para que o PS ganhe câmaras municipais" nas autárquicas de 2025. Já nas presidenciais de 2026 não exclui apoiar um candidato comum à esquerda, referindo-se ao apoio a um candidato do PCP como "uma possibilidade". Numa entrevista ao PÚBLICO antes da Festa do *Avante!*, Vasco Cardoso defende ainda que não é necessário substituir o actual ministro das Infra-Estruturas, antes "travar a privatização da TAP".

Um relatório da Inspecção-Geral das Finanças concluiu que a TAP foi comprada com um empréstimo com garantia da própria TAP com o conhecimento do Governo. Miguel Pinto Luz, que foi secretário de Estado durante a privatização da TAP em 2015, tem condições para se manter em funções e acompanhar esta pasta?

Não estamos preocupados sobre se é Miguel Pinto Luz ou outro ministro que vai concretizar a privatização da TAP. Outro ministro é uma desnecessidade, o que é preciso é travar a privatização. A empresa está a dar lucro, foi recapitalizada. As Lufthansas desta vida querem a TAP, não porque ela vale pouco, mas porque ela vale muito.

Se o Governo não colocar a descida do IRC e o IRS Jovem no Orçamento do Estado, como o PS exigiu, o PCP pode mudar de posição sobre o Orçamento?

Não estamos com ilusões sobre este Orçamento. Este Governo tem anunciado medidas pontuais, mas qual é a linha? Há um problema na saúde, põe mais dinheiro no negócio privado da doença. Há um problema de investimento em infra-estruturas para a utilização do novo aeroporto, decide dar melhores condições à Vinci para manter o aeroporto no centro de Lisboa. Há uma dificuldade nos salários, quer baixar os impostos às grandes empresas por via do IRC. Este Governo comporta-se como um agente ao serviço dos interesses dos grupos económicos e financeiros e isso vai estar presente no Orçamento.

O PCP recusou fazer parte de uma coligação com o PS nas eleições autárquicas em Lisboa. Não temem ser prejudicados?

A tentativa de desvalorizar o PCP é tanta que até esquecem que o PCP é, a seguir ao PS e ao PSD, a principal força autárquica do país. E é um projecto distintivo, que se bate pelos serviços públicos, os direitos dos trabalhadores, que combate as privatizações, que recusa uma política de transferência de encargos para as autarquias sem meios. O projecto autárquico da CDU não se revê na política do PS e do PSD em Lisboa e noutras câmaras, que despreza as populações em função do turismo, da especulação imobiliária, dos interesses privados. Em muitas matérias, a presidência de Carlos Moedas deu continuidade àquilo que Fernando Medina tinha feito. A CDU recusa-se a ser uma bengala para que o PS ganhe câmaras municipais. Temos um projecto próprio com provas dadas.

Mas têm um histórico de acordos com o PS, inclusive em Lisboa em 1989.

Com circunstâncias bastante diferentes. O PCP era a força maioritária em Lisboa, não era o PS. E havia um trajecto desgraçado da maioria de Abecasis. Nós demos uma contribuição a partir de um programa concreto, mas foi a partir do nosso próprio programa. Agora, uma aritmética em que a ideia de um projecto autárquico que promova a qualidade de vida das populações, os serviços públicos, os direitos dos trabalhadores, a participação e o envolvimento do movimento associativo e popular, que procure valorizar aquilo que é a componente ambiental e o papel que as autarquias têm… trocar esse projecto de futuro por um arranjo eleitoral? Não nos parece certo.

Nas presidenciais, já anunciaram que vão ter um candidato próprio. Numa segunda volta, admitem apoiar um candidato comum à esquerda?

A nossa linha de orientação é olhar para as funções do Presidente da República e fazê-las coincidir com o mandato que a Constituição da República lhe atribuiu. Com uma voz própria, vamos intervir nesse processo, procurando contribuir sempre para que na Presidência da República esteja alguém comprometido com aquilo que a Constituição determina.

Portanto, essa pessoa não tem de ser necessariamente do PCP?

Vamos ter uma intervenção. Agora, até lá ainda vamos ter que avaliar. Temos tido candidaturas apoiadas pelo PCP e essa questão está colocada, aliás, pelo secretário-geral do PCP como uma possibilidade.

O PCP saudou a eleição de Nicolás Maduro. Entretanto, a ONU concluiu num relatório que o Conselho Nacional Eleitoral ficou "aquém das medidas básicas de transparência e integridade" para umas "eleições credíveis". Mantém a posição?

O processo na Venezuela de ruptura e enfrentamento com os Estados Unidos dura há 25 anos. E o povo venezuelano, infelizmente, tem pagado demasiado caro essa factura de querer decidir livremente qual é o caminho que quer para o seu país e para os seus recursos, que são imensos. Nós enquadramos esta tentativa de ingerência na Venezuela, articulada com as forças fascistas naquele país, como uma tentativa de pôr em causa essa afirmação de soberania, que tem, naturalmente, muitos problemas. A Venezuela tem conseguido resistir a essa tentativa, com muitos problemas, com muitas dificuldades, com coisas que, naturalmente, o PCP não acompanha, mas olhamos para um país que tem o direito de escolher livremente o seu futuro.

Mas, tendo em conta que há dúvidas sobre a legitimidade das eleições, não é importante serem conhecidas as actas e haver uma verificação independente antes de se reconhecer o resultado?

O que diria que faz sentido, naturalmente junto dos observadores internacionais, é que, como em qualquer país soberano, se respeite as decisões soberanas das instituições democráticas desse mesmo país.

Fernando Araújo é hipótese do PS para Porto

Ana Sá Lopes

O ex-director executivo do SNS já teve uma reunião com o secretário-geral do partido, Pedro Nuno Santos

Na última vez que o PS ocupou o poder autárquico no Porto, os eleitores que hoje têm 30 anos tinham acabado de entrar para o primeiro ano do ensino básico. São quase 24 anos de jejum de poder autárquico que, naturalmente, o PS gostaria de quebrar nas próximas eleições.

Fernando Araújo é um dos nomes que estão em cima da mesa, como já noticiou o *Jornal de Notícias*. O antigo director executivo do SNS, que se demitiu em conflito com o Governo, é uma figura com prestígio em todo o Norte (e no país), nomeadamente pelo facto de ter sido presidente do conselho de administração do Hospital de São João desde 2019, considerado um modelo de gestão e que foi um exemplo de organização durante a pandemia de covid-19.

Fernando Araújo não é militante do PS, mas é "*compagnon de route*": foi secretário de Estado adjunto e da Saúde quando Adalberto Campos Fernandes era ministro da pasta, entre 2015 e 2018.

Contactado pelo PÚBLICO, Fernando Araújo entendeu "nesta fase não comentar o assunto" das autárquicas. O ex-director executivo do SNS já teve uma reunião com o secretário-geral do partido, Pedro Nuno Santos.

Na verdade, a escolha do candidato do PS à Câmara Municipal do Porto não será tomada sem que existam previamente sondagens que ajudem a direcção do partido a perceber qual dos potenciais candidatos tem mais hipóteses de conquistar a câmara.

Tanto José Luís Carneiro, antigo ministro da Administração Interna e adversário de Pedro Nuno Santos na corrida à liderança do PS, como o ex-ministro da Saúde Manuel Pizarro continuam a ser dois nomes na lista de possibilidades.

ADRIANO MIRANDA

Fernando Araújo foi secretário de Estado da Saúde entre 2015 e 2018

Mas, ao contrário do que costuma ser habitual dentro do pouco pacífico PS/Porto, a unidade parece agora maior, em nome do objectivo primeiro: conseguir conquistar a câmara municipal perdida há 24 anos.

No seu espaço de comentário na CNN, *Bússola*, José Luís Carneiro foi confrontado com a possibilidade de ser candidato, mas escusou-se a uma resposta directa. Afirmou que agora "o mais relevante é discutir e avaliar as prioridades de política no quadro nacional, nos quadros metropolitanos".

Para Carneiro, na decisão sobre as autárquicas, deve estar em primeiro lugar a definição das "políticas para servir as pessoas", em segundo "onde se devem estabelecer alianças, coligações" e "só depois as personalidades". Quando à sua disponibilidade pessoal, já anteriormente manifestada, não quis dizer nada. Apenas afirmou serem "escolhas que devem competir à direcção nacional".

A saída do independente Rui Moreira abre uma nova página na futura luta autárquica no Porto. As eleições para as autarquias são daqui a um ano.

Gouveia e Melo recusa dizer "não" a Belém

Pedro Guerreiro

Chefe do Estado-Maior da Armada deixa cargo no final do ano e revela que tem sido incentivado a avançar com candidatura

O almirante Henrique Gouveia e Melo remete para o final deste ano, depois de deixar a vida militar, um anúncio sobre uma possível candidatura à Presidência da República. Em entrevista à RTP anteontem à noite, o chefe do Estado-Maior da Armada não quis responder que "não" e disse que, por causa da sua condição militar, não poderia dizer agora que "sim", dando mais força ao tabu que se tem vindo avolumar sobre uma eventual candidatura presidencial.

"Fazerem-me essa pergunta só tem uma resposta: ou é 'não' para me condicionar, e de alguma forma perco a liberdade de dizer qualquer coisa no futuro, ou dizer 'nim', que é não e sim", disse. A única resposta possível, de momento, será esta: "Não incluo nem excluo a possibilidade da candidatura."

"Que ninguém venha condicionar a minha liberdade, porque aí, sim, ficarei aborrecido: acho que nós não devemos ser condicionados nas liberdades garantidas por lei", diz por agora, defendendo que, finda a actividade, os militares passam a ser "um cidadão como outro qualquer".

"A população é que tem que escolher, pelo voto, se esse cidadão merece ou não a confiança. Não é uma clique política ou um grupo de comentadores que vai condicionar um cidadão a apresentar-se ou não a eleições. No fim, quem vai escolher são os cidadãos livres, através do voto", afirmou.

O almirante, que se notabilizou na liderança do esforço de vacinação contra a covid-19 durante a pandemia, citou o exemplo do último ex-militar que chegou a Belém: "A população portuguesa tem que estar muito agradecida ao último militar que esteve no cargo, que é o general Ramalho Eanes."

"Primeiro, tenho que sentir que a candidatura tinha que ser útil para o país, e isso é um 'se' muito grande. E depois se avançaria ou não é outro 'se'", sublinhou, revelando que por vezes é interpelado na rua por pessoas que lhe dizem que se avançar teria o seu voto.

"A minha decisão, seja ela qual for, não será condicionada por sondagens", acrescentou ainda.

Governo convoca nova ronda sobre OE, Marcelo pede "bom senso"

Helena Pereira

Executivo promete enviar até hoje novos dados aos partidos. E há abertura para mudar IRC e IRS Jovem

O Governo convocou ontem os vários partidos para uma segunda ronda negocial sobre o Orçamento do Estado nas próximas terça e quarta-feira e manifestou-se disponível para negociar medidas da oposição e as suas próprias, incluindo IRS jovem e IRC.

No final do Conselho de Ministros, o ministro da Presidência, António Leitão Amaro, reiterou que, na discussão do Orçamento do Estado, o Governo terá abertura para discutir quer medidas da oposição, quer medidas do executivo, incluindo aquelas sobre as quais foi directamente questionado: a descida de um terço do IRS para os jovens até 35 anos e a redução gradual do IRC até final da legislatura.

"Não vou entrar no detalhe – por respeito a cada um dos atores partidários que se sentará connosco dentro da sala – a discutir o detalhe e o caminho desta proposta", disse. No entanto, alertou, essa abertura ao diálogo não poderá desvirtuar "a coerência do programa de Governo".

DANIEL ROCHA

Marcelo Rebelo de Sousa diz que país não deve ficar em duodécimos

Esta posição de maior abertura acontece no dia em que o PÚBLICO noticiou que o PS não aceita mudar um milímetro as suas propostas sobre IRC e IRS.

Ao fim do dia de ontem, o Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, pediu "bom senso" ao Governo e à oposição para alcançar um acordo para a viabilização do Orçamento do Estado para 2025. Em declarações aos jornalistas, o chefe de Estado sublinhou que é uma matéria "importantíssima" e por isso é que tem insistido na necessidade de negociações frutíferas.

Na abertura da Festa do Livro, no Palácio de Belém, em Lisboa, declarou: "Se não fosse importantíssimo, não achava que houvesse razão para insistir tanto na aprovação deste Orçamento."

Marcelo Rebelo de Sousa aproveitou a oportunidade para comentar uma ideia lançada pelo secretário-geral do PS, Pedro Nuno Santos, na *rentrée* socialista, em que este admitiu que, se o Orçamento para 2025 acabar por ser chumbado, os socialistas irão propor um Orçamento Rectificativo para que haja dinheiro para os aumentos salariais na função pública.

"A solução de duodécimos não tem a força, a pujança nem a imagem de estabilidade que tem um Orçamento do Estado (OE), cá dentro e lá fora", explicou. "E o problema não se resolve com um orçamento rectificativo, que é sempre uma iniciativa do Governo. Como é que um Governo que vê um OE chumbado apresenta um Orçamento Rectificativo proposto por quem chumbou? Não é uma coisa muito fácil", prosseguiu, acrescentando: "Vai ter que haver bom senso". **com Lusa**

Conselho de Ministros aprova aumento "histórico" do salário dos militares

Fernando Costa

Valorização terá retroactivos a Julho e pode significar mais 300 euros por mês

O Governo aprovou ontem, em Conselho de Ministros, o aumento salarial para os militares já anunciado há algumas semanas.

O ministro da Presidência, António Leitão Amaro, sublinhou a "maior valorização histórica dos militares portugueses", referindo-se aos aumentos do suplemento de condição militar. Com retroactivos a Julho, o aumento será de 200 euros inicialmente, aos quais se somarão 50 euros em duas vezes. No final, o aumento será de 300 euros. Leitão Amaro anunciou ainda que a medida está "pronta para envio para Belém".

O Governo aprovou também três iniciativas para acelerar o PRR, que, sublinhou o ministro, estava muito "atrasado" quando o actual Governo tomou posse. Uma destinada a "acelerar a decisão e acompanhamento dos processos" e dois diplomas "com medidas importantes na área da fiscalização".

Os diplomas incluem "um regime especial de fiscalização preventiva pelo TdC, específico para projectos do PRR". Ao nível dos tribunais administrativos, foi anunciada uma "facilitação do recurso à arbitragem" e um novo mecanismo que permite lidar "de forma acelerada" com "mecanismos de suspensão em caso de providências cautelares".

"Temos de garantir que continua a existir fiscalização pelo Tribunal de Contas e pelos Tribunais Administrativos sobre a legalidade dos processos, a legalidade financeira e a legalidade contratual", apontou. "Mas temos de garantir que essa fiscalização é expedita e não coloca entraves que seriam desproporcionados", apontou.

Militares no 10 de Junho

CGA apreciada pela AR

O Conselho de Ministros aprovou também uma proposta de lei sobre a reinscrição na Caixa Geral de Aposentações de funcionários públicos que viram vedado o seu regresso à CGA, mantendo o conteúdo do decreto vetado pelo Presidente.

Esta proposta de lei dá resposta ao solicitado por Marcelo Rebelo de Sousa, que vetou o decreto do Governo sobre esta questão, indicando que este diploma fosse "convertido em proposta de lei ou proposta de lei de autorização legislativa".

"Demos boa conta da mensagem do sr. Presidente da República sugerindo a via parlamentar e, com o mesmo conteúdo, aprovámos hoje para apresentar rapidamente à Assembleia da República uma proposta com este tema das condições do reingresso dos trabalhadores na CGA", disse Leitão Amaro.

Na mensagem que acompanhou o veto, o Presidente da República referiu que uma proposta de lei ou de autorização legislativa permite "conferir legitimidade política acrescida a um tema que dividiu o topo da jurisdição administrativa e merece solução incontroversa".

O diploma aprovado no início de Julho pelo Governo e vetado por Marcelo Rebelo de Sousa clarifica, segundo referiu na altura o ministro da Presidência, António Leitão Amaro, que "esse direito à reinscrição na Caixa Geral de Aposentações existe para aqueles que tiveram uma continuidade material nos seus vínculos". **com Lusa**

O BE critica entrega da Saúde a privados

Mortágua denuncia "gestão sádica" do SNS

A coordenadora do Bloco de Esquerda acusou ontem o Governo de fazer "uma gestão sádica" do Serviço Nacional de Saúde (SNS) e de tomar decisões que o amarram a uma relação com o privado "de predação e canibalismo".

"O Governo tem uma gestão sádica do SNS. Temos um Governo, uma ministra [da Saúde] que não dá aos hospitais as condições para poderem funcionar", sustentou Mariana Mortágua no final de uma reunião no Porto com a Federação Nacional dos Médicos (FNAM), que convocou uma greve para 24 e 25 de Setembro.

A coordenadora bloquista considerou que, quando as coisas correm mal, o Governo PSD "faz uma purga" às administrações hospitalares "como sucedeu" com o conselho de administração da Unidade Local de Saúde Almada-Seixal (ULSAS), que inclui o Hospital Garcia de Orta.

Mariana Mortágua referia-se ao facto de, na quarta-feira, a direcção executiva do Serviço Nacional de Saúde ter afastado o conselho de administração da ULSAS, presidido por Maria Teresa Luciano, e nomeado para o cargo o socialista Jorge Seguro Sanches.

"O segundo elemento desta gestão sádica do SNS é um Governo que não faz negociações com os médicos e que não quer aumentar os salários, mas que depois pega no dinheiro que teria disponível para fazer essas negociações e vai entregá-lo para centros de saúde privados", justificou.

A bloquista aludia à decisão do Governo de criar unidades de saúde familiar geridas pelos sectores social e privado. **Lusa**

Guerra entre fornecedor e MAI trava *bodycams* na PSP e GNR

Segundo concurso para plataforma de videovigilância e *bodycams* das polícias foi alvo de impugnação pelo mesmo fornecedor que impugnou o primeiro. Tribunal já deu razão ao MAI, mas empresa recorreu

Sónia Trigueirão

A juíza Cláudia Luísa Costa, do Tribunal Administrativo de Círculo de Lisboa, julgou "totalmente improcedente" a acção de contencioso pré-contratual da empresa Antero Lopes, representante da marca Axon em Portugal, que visou impugnar, pela segunda vez, o caderno de encargos do concurso público para a aquisição de uma Plataforma Unificada de Segurança dos Sistemas de Videovigilância, isto é, o concurso para a plataforma das *bodycams* das polícias. A sentença é de 22 de Julho e determinou que não havia "ilegalidades nas especificações técnicas constantes das peças do procedimento", ao contrário do que alegou a empresa.

A impugnação não tinha efeito suspensivo, mas o Ministério da Administração Interna (MAI) decidiu parar com o processo concursal porque uma eventual decisão do tribunal podia afectar os resultados. Como a empresa Antero Lopes não desistiu, e já apresentou recurso da decisão, o processo vai continuar parado. Como não há plataforma, o MAI também não pode avançar com a aquisição das *bodycams* que estão prometidas às polícias há mais de um ano.

A lei que define a utilização das câmaras portáteis de uso individual pelos agentes policiais foi publicada a 2 de Janeiro de 2023 e, no dia 27 de Abril do mesmo ano, o então secretário-geral do MAI, Marcelo Mendonça de Carvalho, prometeu que os agentes da PSP e os militares da GNR iriam receber as primeiras 2500 câmaras em Novembro e outras 2500 em 2024. Ou seja, por esta altura, as nossas forças de segurança já deviam estar equipadas com 5000 *bodycams*. Segundo o mesmo responsável, estava previsto adquirir 10 mil câmaras destas até 2026.

No entanto, os concursos para a plataforma de videovigilância e *bodycams* do MAI têm sido alvo de impugnações ou de queixas ao júri do concurso por parte dos fornecedores. O primeiro concurso público para a compra da plataforma foi lançado em Abril do ano passado e foi suspenso após ter sido impugnado pela empresa Antero Lopes e de a Meo, do grupo Altice, também ter apresentado queixa ao júri do concurso.

O segundo concurso foi lançado já em Janeiro deste ano, mas também acabou por ser impugnado pela Antero Lopes, que continua determinada em travar o processo na justiça. No recurso, a empresa alega que o tribunal julgou erradamente a matéria de facto. Para a Antero Lopes, ficou demonstrado que os requisitos técnicos do concurso público para a aquisição da plataforma, tal como sucedeu no procedimento anterior, apenas permitem o acesso a um único concorrente ou apenas a empresas que concorrem com *software* da marca Genetec.

Aliás, a empresa diz mesmo que, com os requisitos apresentados no caderno de encargos para a plataforma, o mais certo é que "o futuro concurso público para a aquisição de *bodycams* fique deserto", porque, no seu entendimento, não é exigida a comunicação e integração com as *bodycams* existentes no mercado.

HORACIO VILLALOBOS/GETTY IMAGES

ANTÓNIO COTRIM/LUSA

Empresa ofereceu, em 2017, 257 câmaras portáteis de uso individual à GNR e à PSP na compra de 257 *tasers* X2

Por esta altura, as forças de segurança já deviam estar equipadas com 5000 *bodycams*

MAI rebate argumentação

Sublinha a empresa que pode chegar-se à conclusão de que não existem equipamentos compatíveis com a plataforma unificada adquirida e o ministério terá pago mais de um milhão de euros "com a aquisição de um VMS – *video management system* – que não é compatível com nenhuma *bodycam*" disponível no mercado e que, por isso, não poderá servir para esse efeito. A empresa sugere que o MAI devia fazer um concurso público por lotes: um para a plataforma de videovigilância (que vai armazenar, por exemplo, as imagens das câmaras de rua) e outro para as *bodycams*.

Em tribunal, o MAI alegou que, quando foi constituído o grupo de trabalho para determinar os requisitos, foi testada uma plataforma, nomeadamente a Genetec, que permitiu a integração e comunicação com várias marcas de *bodycams* e que é possível criar uma API (interface de programação de aplicações) para as que não têm logo essa interligação.

Além disso, o MAI defendeu-se argumentando que a aquisição de vários *softwares*, de variados fabricantes - que também requerem integrações entre si e serviços de manutenção constantes dessas mesmas integrações - traria, de certeza, limitações aquando de necessidades de actualizações de versões instaladas, o que poderia causar constrangimentos e dificuldades operacionais.

Outro cenário que a empresa apresenta no recurso é que somente um número reduzido de fabricantes estará em condições de apresentar proposta num futuro concurso público para a aquisição de *bodycams* porque apenas os seus equipamentos estarão aptos a comunicar e integrar com a plataforma unificada adquirida pelo MAI, "deixando de fora uma grande fatia do mercado". Para a Antero Lopes, em qualquer dos casos, o caderno de encargos do MAI terá como efeito" a redução artificial da concorrência, impedindo, até, a escolha em condições de concorrência efectiva e de entre as opções existentes no mercado, da proposta economicamente mais vantajosa, do ponto de vista seja do preço, seja da qualidade". O MAI ainda irá responder a este recurso. Na prática, a Antero Lopes defende que os critérios do MAI para a compra da plataforma vão condicionar, mais tarde, a GNR e a PSP no concurso das *bodycams*. Tal como o PÚBLICO noticiou, a Antero Lopes ofereceu, em 2017, no âmbito de uma campanha promocional, 257 câmaras portáteis de uso individual à GNR e à PSP na compra de 257 *tasers* X2. Os *tasers*, uma arma não-letal, entraram em uso, mas as câmaras estão a ganhar pó há anos.

Esta oferta aconteceu quando a lei ainda não permitia que as forças de segurança usassem este tipo de aparelhos, mas já se falava que, em 2018, o Governo iria legislar nesse sentido. Facto é que o Governo demorou a fazer a regulamentação sobre o uso destas minicâmaras de vídeo nas fardas dos agentes e, depois, foi a Comissão Nacional de Protecção de Dados (CNPD) que colocou vários entraves, que obrigaram a alterações na referida regulamentação, que só veio a ser publicada no início de 2023, passados sete anos da oferta de Antero Lopes à PSP e à GNR. O PÚBLICO contactou Carlos Paradinha, da empresa Antero Lopes, que não quis fazer qualquer comentário sobre esta situação.

Empresário diz que autarca de Espinho lhe pediu 50 mil euros

Mariana Oliveira

Francisco Pessegueiro confessou de forma genérica a acusação de corrupção que envolve dois ex-autarcas de Espinho

O empresário Francisco Pessegueiro contou ontem no arranque do julgamento do processo Vórtex que Joaquim Pinto Moreira, antigo presidente da Câmara de Espinho, lhe pediu 50 mil euros em "luvas" num café-bar daquela cidade, entre finais de 2020 e início de 2021, quando ainda liderava a autarquia.

"Foi aí que ele me pediu o dinheiro pelas *démarches* políticas: 25 mil euros para o projecto 32 Nascente e 25 mil euros para o lar", afirmou perante o colectivo de juízes, liderado por Carlos Azevedo. Quanto a um outro projecto, relativo à construção de um hotel em frente ao mar, Pinto Moreira terá dito que não conseguia ainda quantificar quanto iria pedir já que era uma obra numa zona muito sensível.

JOSÉ COELHO/LUSA

Joaquim Pinto Moreira, antigo presidente da Câmara de Espinho, à chegada ontem ao tribunal

O empresário assumiu que aceitou pagar o dinheiro, mas apenas quando vendesse os terrenos com os projectos aprovados. E garantiu aos juízes que sentiu que não tinha como não aceder aos pedidos de Pinto Moreira, dizendo ter-se sentido como se estivesse num beco sem saída. "Não queria que os meus projectos entrassem para uma gaveta e ficassem encostados a um canto", reconheceu.

Francisco Pessegueiro afirmou, contudo, que "nunca chegou a entregar qualquer dinheiro a Pinto Moreira", já que os projectos em causa, que pretendiam ter o estatuto de estratégicos para não terem de cumprir o Plano Director Municipal, nunca chegaram a ser votados na assembleia municipal.

Esta versão não é, contudo, a que consta da acusação, que sustenta que Pessegueiro entregou a Pinto Moreira 50 mil euros em dinheiro num café em São Félix da Marinha, a 27 de Novembro de 2020, o mesmo dia em que assinou a escritura de venda de um terreno de mais de 6000 metros quadrados que serviu para construir um grande empreendimento imobiliário para habitação, com oito pisos, dois dos quais de garagens.

O terreno tinha sido comprado em Março pela Construções Pessegueiro, uma imobiliária daquela família, por 400 mil euros, tendo em Maio sido assinado um contrato de promessa de compra e venda com o empresário Paulo Malafaia por 950 mil euros.

O imóvel acabou, contudo, por ser vendido a 27 de Novembro de 2020 por 1,85 milhões de euros a uma outra empresa, a Sedorfe, que Malafaia terá angariado. Este último recebeu 300 mil euros por esse trabalho, uma transferência que foi justificada formalmente com a perda de interesse das Construções Pessegueiros com a sociedade Malafaia Investimentos. Ou seja em apenas oito meses a família Pessegueiro conseguiu uma mais-valia de 1,45 milhões de euros, tendo entregue 300 mil euros a Malafaia.

Durante a tarde o juiz presidente e a procuradora confrontaram Francisco Pessegueiro com inúmeras provas que parecem contrariar a versão que nunca chegou a pagar luvas a Pinto Moreira. Depois de ser confrontado com mensagens diversas, o empresário reconheceu que se encontrou com Pinto Moreira naquele dia, mas não soube explicar o pretexto da reunião.

Negou ter dado os 50 mil euros ao então presidente da câmara de Espinho, insistindo que esse montante em dinheiro vivo tinha sido entregue nesse dia a Paulo Malafaia. Não soube explicar bem, contudo, uma pergunta de Malafaia que, na véspera da escritura de venda do terreno, lhe pergunta "qt queres em bifes?", tendo perante o silêncio o parceiro de negócio insistido, mais tarde, "se não queria também em bifes" 50Kg ou 100. Só no dia seguinte Pessegueiro responde "50kg".

No início do depoimento, Pessegueiro - que está acusado de oito crimes de corrupção e cinco de prevaricação, entre outros - confessou de forma genérica os factos de que está acusado perante o colectivo de juízes. O presidente do colectivo questionou-o sobre se confirmava de forma genérica os factos que constavam da acusação, tendo Francisco Pessegueiro respondido afirmativamente. Depois, o juiz passou a confrontar de forma detalhada o empresário com os factos que integram a acusação.

Em Setembro de 2021, ou seja, uns meses após o alegado pedido de luvas do autarca, o socialista Miguel Reis venceu as eleições autárquicas em Espinho e o social-democrata Pinto Moreira deixou de ser presidente da câmara.

A ouvir o depoimento esteve Pinto Moreira, que foi deputado do PSD na anterior legislatura, e que está acusado do crime de tráfico de influências na qualidade de parlamentar e dois crimes de corrupção agravada e um de violação de regras urbanísticas enquanto autarca. Sentado a seu lado estava Miguel Reis, acusado de quatro crimes de corrupção (um dos quais agravado) e cinco de prevaricação e que chegou a estar em prisão preventiva neste caso.

Na véspera da escritura de venda do terreno, Paulo Malafaia perguntou: "qt queres em bifes?". Resposta de Pessegueiro chegou no dia seguinte: "50 kg"

No início do depoimento, Francisco Pessegueiro começou por explicar a relação que tinha com cada um dos outros 12 acusados, incluindo dois dos alegados corruptores.

O empresário, que confirmou que era quem geria de facto a Construções Pessegueiro, uma empresa imobiliária da família, contou que conheceu Pinto Moreira de forma casual no parque de estacionamento do restaurante McDonald's. "Reunia-me imensas vezes com ele [por motivos profissionais], mas mantínhamos uma relação distante, de respeito", afirmou.

Confirmou que chegou a ter o telemóvel de Pinto Moreira, mas disse que pensa que tal terá acontecido apenas depois de o antigo autarca ter saído da presidência da câmara.

Já quanto a Miguel Reis, arquitecto de profissão, contou que o conheceu antes de ele ser eleito, na sequência da compra de uma casa para habitação própria na Rua 18, em Espinho. "O arquitecto Miguel Reis ficou de ver a capacidade construtiva da casa e se era um imóvel classificado", relatou.

Centro da AIMA abre na segunda-feira em Telheiras

Joana Gorjão Henriques

Primeiro Centro de Atendimento da Estrutura de Missão vai funcionar entre as 8h e as 22h com mais de 100 funcionários

Depois de o Governo ter anunciado há três meses que ia criar uma estrutura de missão para despachar os cerca de 400 mil processos em atraso até Junho de 2025, a Agência para a Integração, Migrações e Asilo (AIMA) afirmou ontem ao PÚBLICO que irá abrir na segunda-feira o seu primeiro centro de atendimento no Centro Hindu, em Telheiras, Lisboa. Esta estrutura tem como objectivo a regularização da situação dos imigrantes que já estavam a trabalhar em Portugal até ao dia 3 de Junho de 2024 e que tinham o seu processo para obter autorização de residência na AIMA ou no extinto Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF).

Segundo o gabinete de imprensa da AIMA, este centro de atendimento terá um horário alargado, entre as 8h e as 22h, e conta com mais de 100 trabalhadores entre funcionários da própria AIMA, colaboradores de entidades e da sociedade civil, que já receberam formação técnica por parte das Forças de Segurança e outras autoridades competentes.

Segundo o PÚBLICO Brasil, a AIMA fez parceria com várias instituições que lidam com imigrantes e está a treinar os seus funcionários para, entre outras tarefas, fazerem a recolha de dados biométricos. Em Agosto, o ministro António Leitão Amaro tinha anunciado que este mês iriam abrir vários centros de atendimento, em vários pontos do país, mas a maioria seria em Lisboa. E admitiu que afinal as pendências podem afinal não ser 400 mil. "Muitos podem já ter abandonado o território nacional, desesperados com a falta de resposta do Estado português. Prometemos e criámos uma estrutura de missão, que está a funcionar, a contratualizar espaços com autarquias, com outras entidades e organizações não governamentais, com as ordens, para termos centros de atendimento e equipas de *backoffice* para começarmos a tramitar estes processos de forma muito mais acelerada."

Está previsto que a estrutura de missão tenha um reforço, por um ano, de 300 profissionais para a AIMA. Estão previstos "pelo menos três centros de atendimento" temporários para apoio aos imigrantes.

DANIEL ROCHA

Privados lamentam que não exista ainda nenhum acordo com o Governo que permita a frequência gratuita por estas crianças

Gratuitidade do pré-escolar: famílias à espera das novas regras

Patrícia Carvalho

Sector privado enviou proposta e CNIS pediu uma reunião urgente. Alguns pais pagaram o primeiro mês do seu bolso

A Associação de Creches e Pequenos Estabelecimentos de Ensino Particular (ACPEEP) enviou uma proposta ao Ministério da Educação, Ciência e Inovação (MECI) pedindo que os estabelecimentos lucrativos que queiram aderir à gratuitidade no pré-escolar tenham acesso "às mesmas condições que foram definidas pelo Governo e que vierem ainda a ser negociadas com os representantes dos jardins-de-infância das instituições particulares de solidariedade social". É uma tentativa de agilizar o processo, já que no sector privado o ano lectivo arrancou no dia 2 e, sem regras definidas, não há como permitir a frequência gratuita das crianças no pré-escolar, mesmo daquelas que até agora beneficiaram da gratuitidade concedida pelo programa Creche Feliz. O sector social garante que também não tem ainda respostas do ministério.

"Ainda não sabemos nada. Esperamos que por estes dias haja de facto alguma decisão, mas até ao momento não sabemos nada", diz o padre Lino Maia, que preside à Confederação Nacional das Instituições de Solidariedade (CNIS). Por isso, acrescenta, apesar de estar já agendada uma reunião "para muito breve" com o ministério, foi pedido um outro encontro "com carácter de urgência", para "vincar as posições" da CNIS sobre o alargamento da gratuitidade ao pré-escolar.

Nas IPSS, por enquanto, garante, "está tudo a funcionar nas mesmas condições", ou seja, nos casos em que há protocolos com o Estado, o apoio continua idêntico. Mas para os privados a gratuitidade no pré-escolar, a existir, será uma novidade, por isso, sem regras definidas, não há mesmo como garantir que as crianças que transitam da Creche Feliz para o jardim-de-infância podem continuar a frequentar a componente lectiva sem encargos para os pais.

Na proposta que enviou ao MECI – "pelos canais oficiais, porque não tem havido resposta aos outros contactos", diz Susana Batista, da ACPEEP –, frisa-se que a rede pública não tem capacidade para dar resposta a todas as crianças que deveriam frequentar o pré-escolar e que, tendo os estabelecimentos privados iniciado já a sua actividade, e existindo "em muitos deles" vagas nesta valência, "não existe nenhum acordo ou programa com o Governo que permita a frequência gratuita por estas crianças, o que está a levar muitas famílias ao desespero, principalmente as que não têm capacidade para pagar as mensalidades e aguardam resposta do Governo".

Ao PÚBLICO, Susana Batista diz não entender o silêncio do Governo nesta matéria. "O que está a acontecer é que os pais que têm capacidade para pagar fizeram-no em relação a este primeiro mês e estão a aguardar, alguns conseguiram uma vaga na rede pública e outros estão em casa com as crianças, a ver o que acontece. O Governo não decidiu regras. Tentou até à última colocar as crianças no sector público, tentaram reconverter tudo o que conseguiram, mas não há lugar para todos, tudo tem um limite e o ano lectivo para nós já começou e as únicas crianças que frequentaram a Creche Feliz que neste momento têm garantia de continuar a ter acesso à gratuitidade no pré-escolar são as que saíram para a rede pública."

Em Agosto, o MECI revelou que o grupo de trabalho constituído para fazer um diagnóstico detalhado da oferta concluíra que havia 20.262 crianças entre os 3 e os 5 anos a aguardar colocação no pré-escolar, das quais 8237 tinham 3 anos. Os concelhos com mais urgência de vagas eram Sintra (1911), Lisboa (1073) e Seixal (939). Na mesma informação, o ministério indicava ter já garantido a abertura de 103 novas salas da rede pública, para este ano lectivo, "em concelhos com maior pressão", explicando que estava a trabalhar "em articulação com a rede social e com o sector privado para aumentar significativamente o número de salas". O Governo defendeu que, "caso não haja resposta na rede pública ou no sector social e solidário da freguesia onde se situa o estabelecimento de ensino, a transição para a educação pré-escolar no sector privado será considerada como uma solução subsidiária" e argumentou que se nenhuma destas alternativas for viável, as crianças que beneficiaram da Creche Feliz e deveriam transitar para o pré-escolar poderiam "excepcionalmente continuar a frequentar a creche".

No caso da rede privada, garante Susana Batista, são "pouquíssimos" os casos em que tal possibilidade será permitida, já que as vagas estão praticamente todas esgotadas. Na proposta que agora enviou ao MECI, a ACPEEP insurge-se contra a prioridade dada à rede pública e ao sector social na busca de um lugar no jardim-de-infância e pede que sejam "garantidos os mesmos direitos às crianças no acesso e na frequência dos estabelecimentos, independentemente da natureza jurídica dos mesmos, seguindo o princípio da igualdade de oportunidades".

O PÚBLICO questionou o MECI sobre o estado das negociações e a proposta apresentada pela ACPEEP, mas não obteve resposta. Também não foi possível obter informação mais detalhada sobre o número de novas vagas que se conseguiram abrir, do anterior ano lectivo para o actual, que arranca na próxima semana. Em Cascais, por exemplo, a autarquia divulgou que foram criadas 275 novas vagas. A autorização para se abrirem oito destas salas chegou do MECI a 8 de Agosto, juntando-se a uma outra prévia para que fossem abertas três salas para o ano lectivo 2024/2025.

Susana Batista só pede que o processo seja agilizado. "É preciso resolver isto rapidamente. Nós assumimos que, seja qual for o valor negociado com o sector social, o vamos aceitar, porque acreditamos que terão de ser condições de sustentabilidade. Aceitamos as mesmas condições, o que for preciso para não se perder mais tempo", diz.

Mais de 100 mil na Creche Feliz

No caso da Creche Feliz, que garante a creche gratuita para crianças nascidas após 1 de Setembro de 2021, o programa avançou primeiro no sector social e solidário (a 1 de Setembro de 2022) e só depois no sector privado (1 de Janeiro de 2023). A todos eles o Estado garante o pagamento integral do custo da frequência das crianças, nas componentes lectivas. O valor inicial foi entretanto revisto e anunciado, ainda pela anterior ministra, que iria passar para cerca de 474 euros mensais por criança. O programa abrange mais de 100 mil crianças, servidas por quase duas mil instituições, grande parte do sector social. Ainda assim, a falta de vagas tem sido uma constante.

Bolseiros de investigação poderão dar até 150 horas de aulas por ano

Cristiana Faria Moreira

Governo reduz de dez para seis horas semanais o número de aulas que poderão dar. Vão suprir necessidades temporárias

Os bolseiros de investigação que o Governo quer atrair para as escolas básicas e secundárias e, assim, ajudar a colmatar a falta de professores vão poder dar aulas até ao limite de 150 horas por ano lectivo. Este será um dos pontos que constam no diploma que o Conselho de Ministros aprovou ontem e que altera o Estatuto do Bolseiro de Investigação de modo a permitir o "recrutamento de milhares de bolseiros de doutoramento para darem aulas no ensino básico e secundário".

Esta foi uma das medidas do Plano +Aulas +Sucesso, apresentado em Junho pelo ministro da Educação, e que tem como objectivo reduzir drasticamente o número de alunos que passam parte do ano – ou mesmo todo o período lectivo – sem aulas a pelo menos uma disciplina. "Desta forma é alargada a base de recrutamento de docentes com novos perfis com experiência de investigação que vão contribuir para enriquecer os processos de ensino-aprendizagem em sala de aula", refere o Ministério da Educação, Ciência e Inovação (MECI) em resposta ao PÚBLICO.

Segundo a tutela, os últimos números da Fundação para a Ciência e a Tecnologia indicavam que existiam no país 6052 bolseiros de doutoramento, dos quais 2433 estão na região de Lisboa e Vale do Tejo, uma das zonas do país onde se tem registado maior falta de docentes.

Para que os bolseiros pudessem dar aulas a estes níveis de ensino – já o podiam fazer no ensino superior até quatro horas semanais –, era preciso rever o estatuto que regula a actividade dos bolseiros de investigação científica. Entre as mudanças avançadas pelo MECI, está a alteração do "regime de dedicação exclusiva aplicável aos bolseiros de investigação, por forma a compatibilizar as funções de bolseiro neste regime com o exercício de funções docentes remuneradas, no âmbito do ensino básico e secundário, até um máximo de 150 horas por ano lectivo".

Quer isto dizer que os bolseiros de doutoramento não poderão dar aulas ao básico e secundário além das 150 horas anuais, estando também limitados às seis horas lectivas por semana. Estava previsto que esse limite fosse de dez horas semanais, mas esse valor foi entretanto revisto.

Será uma tentativa de procurar responder a algumas das preocupações levantadas pela Associação de Bolseiros de Investigação Científica (ABIC), que considerou que aumentar o limite de quatro para dez horas é "desproporcional e descabido". Por altura da apresentação do plano, a sua presidente, Sofia Lisboa, acusou o Governo de estar a "recorrer à precariedade" para evitar dar "uma resposta cabal a um problema" no sistema. E via como "difícil" a conciliação do plano de trabalho de cada bolseiro de investigação, que tem entre três e quatro anos para o concluir, com trabalho lectivo em escolas.

O objectivo do Governo é atrair pelo menos 500 bolseiros para colmatar, de forma "temporária", falhas de professores nas escolas. Entre outras medidas, prevê também recrutar professores já aposentados e manter a dar aulas os que estejam perto da reforma, com um incentivo salarial de 750 euros/mês, tendo lançado uma campanha de comunicação para o efeito.

O diploma aprovado ontem clarifica ainda "aspectos do regime de compatibilização de funções do bolseiro de investigação com o exercício de outras funções remuneradas". E prevê ainda que o contrato de bolsa possa ser prorrogado "nos casos que determinam a suspensão deste contrato, consignando-se que a totalidade dos períodos de suspensão não pode ser superior à duração total do contrato", detalha o MECI na resposta enviada ao PÚBLICO.

NELSON GARRIDO

Objectivo é que bolseiros ajudem a colmatar falhas temporárias

Em Lisboa e no Sul há disciplinas que não vão ter professores, alerta movimento de docentes

Clara Viana

A uma semana do início das aulas, o cenário dificilmente poderia ser pior. Por comparação com o ano passado, não só deverão ser mais os alunos que começarão as aulas sem pelo menos um professor, como há disciplinas essenciais com muitos lugares por preencher e para as quais já não existirão docentes disponíveis a sul. É um novo alerta do movimento Missão Escola Pública, que tem por base o número de horários docentes (lugares) que estavam em contratação de escola ao fim da tarde de quarta-feira. A contratação de escola é "alimentada", sobretudo, pelos pedidos que foram recusados ou ficaram sem resposta nos concursos nacionais.

Para estes cálculos foram só contabilizados horários completos e anuais, ou seja, os lugares em falta para serem asseguradas 22 horas de aulas por semana, a uma disciplina, durante todo o ano lectivo. Estavam por ocupar 1128 destes horários, dos quais mais de metade (722) pertencem às disciplinas de Informática (187), Português (135), Matemática (93), Geografia (87), Inglês (76), Biologia e Geologia (73), Física e Química (71).

Só no distrito de Lisboa faltam 454 professores a estas disciplinas. A situação a sul volta não só a ser a mais grave como corre o risco de não ter resolução, pelo menos com professores qualificados. A Missão Escola Pública assegura que, nos distritos de Lisboa, Setúbal, Faro e Beja, "não existem professores disponíveis no concurso nacional na grande maioria das disciplinas, destacando-se algumas estruturantes".

Em termos gerais, dos 1128 horários por ocupar, 1033 estão nos distritos de Lisboa (697), Setúbal (254), Faro (60) e Beja (22), segundo apuraram os docentes da Missão Escola Pública num trabalho conjunto com o professor de Matemática responsável por estes cálculos no blogue de Arlindo Ferreira, especialista em estatísticas da Educação.

200

A previsão de 200 mil alunos parte do pressuposto de que os horários em falta continuem a aumentar, muito devido às aposentações (458 este mês)

A falta de professores nestas regiões tem vindo a acentuar-se devido sobretudo à subida do preço da habitação. Como a maioria dos professores vive na região Norte, aceitar um lugar no Sul significa ter de pagar rendas que são incomportáveis para ordenados que rondam os 1400 euros líquidos em média. A maior parte dos candidatos que permanecem nas listas são professores contratados, que não são obrigados, por lei, a concorrer a todo o país. Nestas listas subsistem cerca de 18 mil candidatos, mas a maioria não tem as regiões com mais falta de professores nas preferências de colocação que manifestou, nem pertence aos grupos de recrutamento (disciplinas) mais desfalcados.

Vacinação contra a gripe arranca no dia 20

Alexandra Campos

A única novidade nesta campanha é que a vacina de dose elevada vai ser alargada a todas as pessoas com 85 ou mais anos

Portugal comprou 2,6 milhões de doses de vacinas contra a gripe, que vão começar a ser administradas a partir do dia 20 deste mês. A campanha de vacinação sazonal do Outono-Inverno 2024-2025 contra a gripe e a covid-19 arranca nesse dia nos centros de saúde e nas farmácias, como já tinha acontecido em 2023. A única novidade é que a vacina contra a gripe de dose elevada vai ser alargada a todas as pessoas com 85 ou mais anos, para além de ser disponibilizada às pessoas residentes em lares de idosos e na rede de cuidados continuados.

Nas farmácias, a vacinação é gratuita para as pessoas entre os 60 e os 84 anos e os profissionais destes estabelecimentos. Nas unidades do Serviço Nacional de Saúde (SNS), é recomendada e dada às pessoas a partir dos 60 anos, profissionais e residentes em lares de idosos, "similares" e rede de cuidados continuados, além das pessoas com patologias de risco, explica a Direcção-Geral da Saúde (DGS). Mas a vacinação nos centros de saúde, acrescenta, também se destina a grávidas, profissionais dos serviços de saúde (públicos e privados), estudantes em estágio clínico, bombeiros envolvidos no transporte de doentes, prestadores de cuidados a pessoas dependentes e profissionais de distribuição farmacêutica, além de pessoas sem-abrigo e em estabelecimentos prisionais.

Apelando a todas as pessoas elegíveis que se vacinem, a DGS sublinha que "o reforço com uma nova dose da vacina contra a gripe e contra a covid-19 em cada época do Outono-Inverno (altura em que a circulação de vírus respiratórios é mais intensa) é essencial para evitar infecções por estes vírus que resultem em doença grave, internamento e morte, diminuindo-se de forma relevante a sobrecarga dos serviços de saúde".

Os Serviços Partilhados do Ministério da Saúde adiantaram que foram comprados 2,6 milhões de doses de vacinas contra a gripe – perto de 2,3 milhões de dose normal e 360 mil de dose elevada. O Governo irá gastar 7,6 milhões de euros com a vacinação nas farmácias, que se realizou pela primeira vez na campanha anterior, motivando várias críticas.

Promotores pedem a Silves oito milhões de indemnização pela lagoa dos Salgados

Até onde pode a construção no Algarve continuar a crescer? "Não existe nenhum estudo sobre a capacidade de carga do Algarve em termos urbanísticos", diz o presidente da CCDR

Idálio Revez

O projecto da construção de mais um empreendimento turístico, na lagoa dos Salgados, continua em aberto e a criação da Reserva Natural, anunciada no final do ano passado, ficou no limbo. Os promotores imobiliários, com planos para construir mais 4 mil camas, acham-se com direitos adquiridos e passaram ao contra-ataque. A câmara de Silves foi alvo de um pedido de indemnização de 8 milhões de euros. "Vamos recorrer dentro do prazo, que será no final de Setembro", afirmou o vereador Maxime Sousa Bispo, acrescentando: "Tomaremos, oportunamente, uma posição pública sobre este assunto." A acção sustenta-se no facto de o tribunal ter considerado "nula" a Declaração de Conformidade Ambiental – Decape "desfavorável" ao empreendimento. O acto, praticado pela Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional (CCDR), segundo a sentença, ficou sem efeito "pela ausência de decisão no prazo de 50 dias úteis".

O presidente do Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas (ICNF), Nuno Banza, questionado pelo PÚBLICO, reafirma a necessidade de defesa da zona húmida e dos valores naturais em presença: "Nós fomos notificados, enquanto contra-interessados, mas a nossa posição [negativa ao projecto] vai manter-se." Por sua vez, a CCDR confirma a acção "administrativa de impugnação", sublinhando outro aspecto: "É também importante referir que a 9 de Dezembro de 2021, por iniciativa do ICNF, foi aberto um período de discussão pública da proposta de classificação de área protegida de âmbito nacional, a Reserva Natural da Lagoa dos Salgados. Mas, em Agosto de 2017, o município já tinha emitido o alvará para as infra-estruturas da primeira fase do loteamento, tendo recebido, para esse efeito, uma garantia bancária no valor de 10.732.000 euros."

Numa altura em que estão a ser revistos os instrumentos de ordenamento do território, o processo da lagoa dos Salgados, situada entre as praias de Albufeira e Armação de Pêra, ganha particular relevância. É o caso do Plano Regional de Ordenamento Territorial (PROT), que já tem 17 anos. O trabalho, informou a CCDR-Algarve, vai ser desenvolvido com recurso à contratação de serviços externos, através de concurso público. A verba para execução da tarefa, cerca de 400 mil euros, provém do Fundo Ambiental.

Por outro lado, a revisão dos Planos Directores Municipais (PDM), depois de quatro adiamentos, vai também impor novas regras na ocupação do território. A principal alteração que está a ser desenhada é a passagem das actuais áreas de expansão urbana que não tenham projectos aprovados a terreno rústico. No Algarve, as quatro câmaras que têm os processos de revisão mais atrasados são Albufeira, Aljezur, Castro Marim, Portimão e São Brás de Alportel.

Mais 100 mil camas

Por causa desta revisão, a pressão imobiliária tem-se intensificado. Mas até que ponto o Algarve suporta um crescimento quase ilimitado? A avaliação anual das políticas de ordenamento território, prevista no diploma de criação de um Observatório do PROT em 2009, não se chegou a concretizar. "Não existe nenhum estudo sobre a capacidade de carga do Algarve em termos urbanísticos", afirmou o presidente da CCDR, José Apolinário. O ministro das Infra-Estruturas, Miguel Pinto Luz, entretanto, anunciou para "breve" a primeira versão da revisão dos solos, que irá determinar até que ponto se poderá sacrificar o espaço rural para alargar os perímetros urbanos das cidades.

Com os PIN e os projectos que entraram nas câmaras nos últimos três anos, prevê-se que a região venha a contar, num cálculo por defeito, com mais 100 mil camas turísticas

Os sucessivos adiamentos dos prazos para actualizar os Instrumentos de Gestão Territorial permitiram que áreas urbanizáveis que deveriam ter passado a solo rural até 2020 ainda permaneçam com direitos adquiridos. Da lista de dez antigos projectos urbanísticos, mesmo aqueles que se situam na faixa litoral dos 500 metros, onde o PROT interdita a edificação, uns estão a saltar das gavetas dos departamentos de urbanismo municipais, outros aguardam melhor ocasião. A praia do Alemão/Vau, em Portimão, e a lagoa dos Salgados são apenas dois exemplos.

Os estudos efectuados, no âmbito do PROT em 2007, já apontavam para aumento de 81.295 camas nos anos seguintes. Com o aumento do volume de construção então previsto, o antigo vice-presidente da CCDR, o arquitecto Porfírio Maia previa um aumento dos consumos de água na ordem dos 18 a 20%. A crónica escassez de recursos hídricos da região, aparentemente, não faz parte da equação quando se trata de licenciar novos aldeamentos turísticos.

A falta de legislação actualizada, todavia, não deveria servir de argumento para a construção em cima de arribas, como tem vindo a acontecer desde há décadas. Mas com a chancela de projectos de Potencial Interesse Nacional (PIN) e outras medidas de excepção chegou-se a um ponto em que se desconhece o que mais ainda estará para acontecer. Por estimativa, tomando como cálculo os PIN e os projectos que deram entrada nas

Praias quase privadas

O acesso aos areais é cada vez mais dificultado

As rochas a desagregarem-se, na zona nascente da praia de Olhos d'Água, e as placas a sinalizarem "arribas instáveis" não meteram medo a quem construiu um anel de hotéis em cima das falésias. O mar, na zona nascente, ano após ano, vai desenhando a silhueta da evolução e queda das falésias. Na mesma praia, do outro lado do areal, o Resort Villas d'Águas, construído há cerca de duas décadas, ocupou o antigo caminho de acesso à praia, frequentado por pescadores e moradores locais. "Não proibimos o acesso, a cancela [à entrada do aldeamento] abre-se por aproximação", justifica a directora, Patrícia Correia. No interior, todos os lugares de estacionamento são numerados e atribuídos aos proprietários. A edificação neste troço de costa, entre Olhos d'Água e a praia Maria Luísa, está a transformar a orla marítima num conjunto de condomínios privados, comprimindo o espaço do domínio público. A praia da Falésia (Albufeira) é outro dos exemplos da limitação do acesso

dos veraneantes ao litoral. O acesso à praia não foi cortado, mas a construção de um novo empreendimento reduziu o parque de estacionamento – ficaram apenas três lugares reservados a viaturas oficiais e um para deficientes. Os banhistas que ali se deslocam acabam a estacionar na segunda faixa da via. Quando duas viaturas se cruzam, obrigatoriamente uma tem de recuar. Não raras vezes se instala a confusão. Na praia dos Tomates (Rocha Baixinha), os proprietários do terreno adjacente, não obtendo licença para construir, fizeram um parque, "privado e pago", informal.

NUNO FERREIRA SANTOS

A lagoa dos Salgados é uma área de grande importância natural

câmaras nos últimos três anos, prevê-se que a região venha a contar, num cálculo por defeito, com mais 100 mil camas turísticas.

Projecto do Vau chumbado

A praia do Alemão/Vau (Portimão) é o mais recente exemplo do que também se está passar noutros municípios da região, embora aqui o desfecho tenha sido diferente. Os promotores imobiliários, servindo-se de um alvará de loteamento emitido há 35 anos, apresentaram na câmara uma nova proposta urbanística. Numa das últimas reuniões, o executivo deliberou no sentido da "intenção de indeferir" o pedido, cuja licença fora declarada "caducada" por decisão judicial em 2000. O novo presidente do município, Álvaro Bila (assumiu o cargo após a saída da socialista Isilda Gomes para o Parlamento Europeu), mostra-se determinado: "Para mim, o alvará da Vau Rocha está caducado, nada mais há a dizer." Em resposta, os donos da propriedade bloquearam, com pedregulhos, o acesso ao interior do terreno, usado pelos utentes da praia para estacionamento.

A recusa da autarquia à iniciativa urbanística, além da decisão judicial, assenta também num despacho ministerial de 10 de Maio de 1994, que declarou a "incompatibilidade parcial do alvará com o PROT". Os promotores não desistiram. Apresentaram, recentemente, uma proposta de alteração ao projecto, passando os 178 lotes de apartamentos que estavam aprovados para 37 lotes de habitação unifamiliar. O número de estacionamentos privados, na nova versão, mais que duplicaria em relação ao parqueamento público (37 lugares públicos, 96 privados). E o acesso à praia passaria a ser mais restrito para os não residentes.

Este tipo de intenções é cada vez mais a prática no litoral algarvio, em que as praias adjacentes aos *resorts*, à beira-mar implantados, estão a transformar-se em territórios privados, de acesso público cada vez mais restrito.

Ordenamento

Constrói-se por todo o lado e o apetite continua. Apenas o sol ficou a salvo

Idálio Revez

A quem serve o atraso na revisão dos Planos Directores Municipais (PDM)? "Está bem de ver", responde a dirigente do movimento cívico Cidade da Participação, Lucinda Caetano, ilustrando a observação com o desenrolar de um outro loteamento: João d'Aréns, no concelho de Portimão. O que está previsto, sublinha, é a "construção de três hotéis, com 411 quartos, num dos poucos sítios que restam de mancha verde no concelho".

A área, de acordo com o Plano de Urbanização (PU) da Unidade Operativa de Planeamento e Gestão de Hotelaria Tradicional (UOP 3), é considerada "espaço urbanizável" no concelho de Portimão, podendo lá serem construídos edifícios de três pisos.

No entanto, por se situar numa zona de arribas, cársica, obteve uma Declaração de Impacte Ambiental (DIA) desfavorável. O processo não foi encerrado. "Os promotores pediram para se reunir comigo", disse ao PÚBLICO Álvaro Bila, presidente da câmara, adiantando que o encontro ainda não teve lugar.

Porém, defende, "aquele espaço é a grande janela verde da cidade, tem de ser um parque natural, devolvido aos portimonenses". Mas, confrontado com a questão dos direitos adquiridos, admite: "Não quer dizer que não haja alguma edificação, massificar aquela zona é que não."

Hotéis e apartamentos encarrapitados sobre arribas, antevê Lucinda Caetano, arquitecta, vão continuar a construir-se, mesmo que venha aí um novo Plano Regional de Ordenamento do Território (PROT).

"Em bom rigor, já não há direitos adquiridos pela incorporação de normas europeias no ordenamento jurídico nacional. Porém, critica, as câmaras não têm interesse em assumir isso por causa das receitas do IMI (Imposto Municipal sobre Imóveis) e do IMT (Imposto Municipal sobre Transacções)".

No preâmbulo da lei dos solos (Lei 31/2014), lê-se, o modelo de ordenamento do território deve assegurar a correcta classificação do solo, "invertendo-se a tendência, predominante nas últimas décadas, de transformação excessiva e arbitrária do solo rural em solo urbano".

Mas o pior é mesmo a construção em zonas perigosas dada a sua instabilidade, como as arribas e as falésias, mas que são também as mais apetecidas dadas as vistas para o oceano.

O problema da erosão

A zona mais vulnerável à erosão no litoral algarvio situa-se entre o Forte Novo, Quarteira, Vale do Lobo e Vale Garrão. A ministra do Ambiente, Maria da Graça Carvalho, anunciou recentemente, de visita ao Algarve, que nesse troço vão ser investidos 14 milhões de euros para fazer o enchimento das praias e travar (se possível) a queda dos prédios na envolvente.

"De dez em dez anos precisa de uma intervenção deste género", justificou. É esse o preço a pagar para se continuar a construir em cima de arribas? À pergunta do PÚBLICO, a governante respondeu: "No que depender de nós, nas áreas do litoral e zonas protegidas, não autorizamos a construção em cima de arribas."

Os autarcas, por seu lado, desculpam-se: quem dita as regras do ordenamento é o Governo.

Um ordenamento com regras entretanto ultrapassadas, entalado por direitos adquiridos, com uma teoria longe de ser a realidade. Porque entre a declaração de princípios e a prática vai um salto de gigante. Lídia Jorge, no seu livro *Contrato Sentimental*, de 2009, descreve: "O assalto descontrolado que foi sendo promovido [no Algarve] acabou por só ter deixado intacto o que era impossível estragar – o sol inalcançável."

A construção em cima de arribas continua

Barnier promete ruptura mas também respeito na liderança do novo Governo

O político experiente do partido de centro-direita Os Republicanos, que negociou, pelo lado de Bruxelas, a saída do Reino Unido da União Europeia, sucede a Gabriel Attal no cargo de primeiro-ministro

André Certã

Depois de muitas consultas e negociações, Emmanuel Macron escolheu o centrista Michel Barnier, o político que negociou pelo lado europeu a saída do Reino Unido da União Europeia (UE), para liderar o novo Governo de França.

"O Presidente da República nomeou Michel Barnier primeiro-ministro. Encarregou-o de formar um governo de união ao serviço do país e dos franceses", lê-se no comunicado publicado na rede social X pelo gabinete de Macron.

"Esta nomeação surge na sequência de um ciclo de consultas sem precedentes durante o qual, em conformidade com o seu dever constitucional, o Presidente assegurou que o primeiro-ministro e o futuro Governo reuniriam as condições necessárias para ser tão estável quanto possível e para terem a oportunidade de reunir o maior número possível de pessoas", lê-se ainda no comunicado.

Michel Barnier, 73 anos, é o primeiro-ministro mais velho da Quinta República, regime que vigora desde a aprovação da Constituição Francesa de 1958, sucedendo assim ao mais novo a ocupar o cargo, Gabriel Attal, 51 dias depois de este se ter demitido. "Estes são tempos sérios. Encaro este período, esta nova página, com uma grande dose de humildade. Talvez seja essa a sabedoria que vem com os cabelos brancos", afirmou Barnier, na sessão de transição, discursando ao lado de Attal.

"Haverá também mudanças e rupturas. Finalmente, terá de haver muita escuta e muito respeito, entre o Governo e o Parlamento, para com todas as forças políticas, e quero dizer todas as forças políticas, para com os parceiros sociais, os parceiros económicos e os representantes eleitos locais", disse ainda, num discurso em que elogiou também o papel do antecessor.

"O que esperamos de um primeiro-ministro? Digo isto com humildade: acho que se espera que diga a verdade. Mesmo que esta verdade seja difícil", acrescentou, sublinhando que a verdade deve ser "em primeiro lugar (...) sobre a dívida financeira e a dívida ecológica que já está a pesar sobre os ombros dos nossos filhos".

Já Attal aproveitou o seu discurso de despedida para elogiar todos os que trabalharam com ele e fez um balanço da sua passagem pelo Governo (a segunda mais curta da Quinta República, atrás de Bernard Cazeneuve), enquanto pediu a Barnier para "continuar a fazer da escola uma prioridade absoluta" do seu Governo.

Barnier, figura do partido de centro-direita Os Republicanos, foi deputado durante 15 anos, de 1978 a 1993, e ministro por várias vezes durante os anos 1990 e 2000 em governos liderados pelo seu campo político, durante as presidências de Jacques Chirac e de Nicolas Sarkozy.

O primeiro-ministro nomeado destacou-se pelo seu envolvimento na política europeia, que começou há quase exactamente 25 anos, quando foi escolhido pela primeira vez para comissário europeu para a Política Regional em Setembro de 1999, durante a presidência da Comissão de Romano Prodi. Em 2009, Barnier foi eleito eurodeputado, tendo ocupado o cargo até 2010, quando foi nomeado novamente comissário europeu com a pasta do Mercado Interno e dos Serviços com a presidência de Durão Barroso.

Depois do fim do seu tempo como comissário europeu, foi conselheiro de Jean-Claude Juncker e, em 2016, foi o escolhido para liderar as *task forces* que iniciaram e negociaram o processo do "Brexit", levando à saída do Reino Unido da União Europeia.

Em 2021, Barnier foi candidato nas primárias d'Os Republicanos para as eleições presidenciais de 2021, tendo ficado em terceiro lugar e apoiado a eventual candidata do partido Valérie Pecresse.

STEPHANE DE SAKUTIN/EPA

STEPHANE DE SAKUTIN/REUTERS

A passagem de testemunho de Gabriel Attal para Michel Barnier no Matignon

Partido Socialista diz que escolha de Macron é a "negação da democracia"

Esquerda critica escolha

A esquerda francesa, cuja união na Nova Frente Popular vencera as eleições na segunda volta do passado dia 7 de Julho, criticou ferozmente a escolha de Michel Barnier por Macron, defendendo o seu direito a governar por terem sido a força que mais deputados conquistou.

Jean-Luc Mélenchon, fundador do partido da esquerda França Insubmissa, afirmou que a eleição foi "roubada", denunciou que Barnier foi nomeado com apoio da União Nacional e que é uma nomeação "que não tem nada a ver com as eleições". "Surge um primeiro-ministro que é nomeado com a autorização, e talvez com a sugestão, da União Nacional", acusou Mélenchon, citado pela *franceinfo*, sublinhando que não acreditavam "que nem por um momento haja uma maioria na Assembleia Nacional que aceite uma tal negação da democracia".

Já Olivier Faure, líder do Partido Socialista, disse que a "negação democrática atingiu o seu ápice" ao nomear "um primeiro-ministro do partido que ficou em 4.º lugar e que nem sequer participou na Frente Republicana", nome dado à estratégia da Nova Frente Popular e das forças macronistas para bloquear a União Nacional com desistências na segunda volta nas eleições legislativas.

A União Nacional, que venceu a primeira volta das eleições, referiu, em comunicado, que Barnier parece ser "um homem que respeita as diferentes forças políticas" e que espera ver qual será o "discurso político" do novo líder do Governo francês.

À estação de televisão LCI, Marine Le Pen afirmou que Michel Barnier "parece satisfazer, pelo menos, o primeiro critério que pedimos, ou seja, um homem que respeite as diferentes forças políticas e que seja capaz de se dirigir à União Nacional, que é o maior grupo da Assembleia Nacional, da mesma forma que os outros grupos". "Estamos à espera de ver qual será o discurso de política geral do Sr. Barnier e como é que ele vai lidar com os compromissos que serão necessários para o próximo Orçamento", acrescentou Le Pen.

À direita e no campo centrista ligado a Emmanuel Macron, a nomeação de Barnier foi aplaudida. Yaël Braun-Pivet, presidente da Assembleia Nacional, felicitou Barnier pela sua nomeação. "Temos agora de trabalhar em conjunto para sermos bem-sucedidos, ao serviço do povo francês. Os deputados desempenharão plenamente o seu papel neste domínio e assumirão as suas responsabilidades. O nosso mandato obriga-nos a isso", escreveu na rede social X.

Liz Cheney anuncia voto em Harris para travar “perigo” de Donald Trump

Alexandre Martins

Antiga congressista do Partido Republicano quebra silêncio e declara o seu apoio à candidata do Partido Democrata

A antiga congressista norte-americana Liz Cheney, uma das mais fortes opositoras de Donald Trump no Partido Republicano, anunciou que vai votar em Kamala Harris na próxima eleição presidencial nos Estados Unidos, a 5 de Novembro.

Cheney, de 58 anos, filha do antigo vice-presidente dos EUA Dick Cheney, junta-se a uma longa lista de políticos e de altos quadros republicanos que já anunciaram o seu voto na candidata do Partido Democrata. Nessa lista, com cerca de 250 nomes, destacam-se vários antigos funcionários da Administração Trump, e também das equipas dos antigos Presidentes dos EUA George Bush e George W. Bush e dos antigos candidatos à Casa Branca John McCain e Mitt Romney, todos do Partido Republicano.

“Como conservadora, e como alguém que acredita e que se preocupa com a Constituição, dediquei muito tempo a pensar nisto”, disse Cheney, na noite de quarta-feira, durante uma palestra sobre democracia, realizada na Universidade de Duke, na Carolina do Norte. “Devido ao perigo que Donald Trump representa, não só não vou votar em Donald Trump, como vou votar em Kamala Harris”, afirmou a antiga congressista republicana, motivando fortes aplausos da assistência.

Eleita três vezes consecutivas como a única representante do estado do Wyoming na Câmara dos Representantes dos EUA, Cheney chegou a ser vista, até Janeiro de 2021, como uma potencial candidata do Partido Republicano à Casa Branca. A sua situação no partido – e no seu estado natal do Wyoming, onde Trump venceu com 70% dos votos na eleição presidencial de 2020 – alterou-se profundamente depois da invasão do Capitólio por apoiantes de Trump, a 6 de Janeiro de 2021.

Poucos dias depois, a 13 de Janeiro de 2021, Cheney votou a favor do segundo processo de impugnação de Trump na Câmara dos Representantes, motivado pela acusação de que o então Presidente dos EUA tinha incitado os seus apoiantes a invadirem a sede do poder legislativo do país numa tentativa de impedir a transição de poder na Casa Branca.

Em retaliação, Cheney foi afastada do seu cargo na liderança da bancada republicana na Câmara dos Representantes – onde era a n.º 3 – e substituída por Elise Stefanik, uma forte apoiante de Trump.

Na mesma altura, Cheney e outro congressista republicano que também tinha votado a favor da impugnação do mandato (*impeachment*) do então Presidente dos EUA, Adam Kinzinger – um de quatro republicanos que discursaram na convenção nacional do Partido Democrata, em Julho –, aceitaram integrar uma comissão de inquérito sobre a invasão do Capitólio juntamente com congressistas do Partido Democrata, o que selou o destino de ambos no partido.

Nos meses seguintes, Cheney e Kinzinger – e os restantes oito congressistas republicanos que votaram “sim” no segundo procedimento para impugnação de mandato de Trump – ficaram com os seus lugares em risco na Câmara dos Representantes, depois de o partido ter declarado o seu apoio a candidatos pró-Trump nas eleições primárias republicanas de Novembro de 2022.

DAVID STUBBS/REUTERS

Liz Cheney integrou a comissão de inquérito sobre a invasão do Capitólio

A antiga congressista do Wyoming junta-se a 238 republicanos que assumiram a mesma posição na semana passada

Dos dez republicanos que votaram a favor do segunda tentativa de impugnação de Trump, quatro não se recandidataram em 2022 e outros quatro foram derrotados nas primárias republicanas por candidatos pró-Trump – incluindo Cheney. No seu discurso de admissão de derrota, em Agosto de 2022, Cheney lançou alertas sobre o futuro da democracia nos EUA, numa altura em que já era claro que o Partido Republicano não se ia afastar de Donald Trump. “A nossa nação é jovem na história da Humanidade, mas nós somos a mais velha democracia do mundo. E a nossa sobrevivência não está garantida”, afirmou a republicana.

Na semana passada, 238 pessoas que trabalharam nas equipas dos antigos Presidentes dos EUA George Bush (1989-1993) e George W. Bush (2001-2009), e nas campanhas presidenciais de John McCain (2008) e Mitt Romney (2012), anunciaram, numa carta aberta publicada no jornal *USA Today*, que vão votar em Harris e no candidato a “vice” pelo Partido Democrata, Tim Walz.

“Temos várias discordâncias ideológicas com a vice-presidente Harris e com o governador Walz, o que é expectável. No entanto, a alternativa é simplesmente insustentável”, lê-se no comunicado.

Outras figuras do Partido Republicano que foram escolhidas por Trump para trabalharem na sua Administração, entre 2017 e 2021, já vieram a público vincar a sua oposição a um novo mandato do ex-Presidente dos EUA.

Nesta lista, destacam-se o antigo secretário da Defesa Mark Esper, que se referiu a Trump, em Janeiro, como “uma ameaça à democracia”; o antigo conselheiro de Segurança Nacional John Bolton, para quem Trump “não tem qualidades” para ser Presidente dos EUA; o antecessor de Esper na liderança do Departamento de Defesa, o general Jim Mattis, que acusou Trump de “dividir os americanos”; e o antigo chefe de Gabinete da Casa Branca John Kelly, que acusou Trump de humilhar soldados mortos em combate.

Trump declara-se inocente

Juíza de Washington avalia nova acusação por subversão eleitoral

Donald Trump declarou-se ontem inocente ao ser confrontado com uma nova acusação de tentativa de subversão dos resultados eleitorais de 2020, dois meses depois de o Supremo Tribunal norte-americano ter decidido que os antigos Presidente dos EUA – incluindo Trump – têm imunidade total contra investigações criminais por actos oficiais realizados durante os seus mandatos na Casa Branca.

A decisão histórica do Supremo dos EUA, anunciada 1 de Julho, pôs em risco a continuidade deste processo contra Trump, em que o ex-Presidente norte-americano é acusado de ter incitado a invasão do Capitólio e de ter liderado um plano mais abrangente para se manter na Casa Branca depois ter sido derrotado nas urnas por Joe Biden.

Segundo os seis juízes da maioria conservadora no Supremo Tribunal dos EUA – incluindo três nomeados por Trump –, grande parte da acusação inicial, formalizada em Agosto de 2023 pelo procurador especial Jack Smith, tinha na sua base acções e comunicações que envolviam Trump e altos responsáveis da sua Administração, pelo que deveriam ser entendidas como actos oficiais, e não como actos privados ou particulares.

Para evitar um confronto directo com os juízes do Supremo dos EUA, Smith passou os últimos dois meses a reformular a acusação inicial.

O novo documento, já aprovado por um grande júri, mantém as acusações iniciais contra Trump, mas reforça o carácter privado – no entender do procurador – das acções e comunicações do então Presidente no período entre a eleição presidencial e a invasão do Capitólio. Neste caso, a acusação pretende deixar claro que Trump agiu na qualidade de candidato e não de Presidente.

Governo britânico vai acabar com os lugares hereditários na Câmara dos Lordes

António Saraiva Lima

Noventa e dois membros da câmara alta do Parlamento britânico que herdaram o cargo por ligações familiares perdem o lugar

O Governo trabalhista do Reino Unido apresentou ontem um projecto de lei que decreta a abolição dos lugares hereditários na Câmara dos Lordes. No total, 92 membros (*peers*) da câmara baixa do Parlamento britânico que herdaram o cargo por laços familiares devem ficar sem eles até ao Verão do próximo ano.

A proposta do executivo liderado pelo primeiro-ministro Keir Starmer cumpre uma promessa inscrita no programa eleitoral do Partido Trabalhista, que venceu de forma clara as últimas legislativas, realizadas em Julho. Mas não inclui outra promessa do programa, que defende o fim dos cargos vitalícios, estabelecendo uma idade de reforma para os lordes: 80 anos. Os cargos hereditários de Earl Marshal (conde-marechal, chefe de protocolo) – detido pelos duques de Norfolk desde 1672 – e de Lord Great Chamberlain (camareiro-mor) – exercido de forma rotativa por membros de três famílias britânicas –, que desempenham papéis cerimoniais em representação da Coroa, vão continuar a existir; mas os seus detentores vão deixar de se sentar e de ter direito de voto na Câmara dos Lordes.

A Câmara dos Lordes tem, sobretudo, funções de fiscalização e competência para fazer emendas às propostas de lei da Câmara dos Comuns. Ainda assim, é há muito tempo alvo das críticas da maioria dos partidos e das organizações de direitos civis e políticos que defendem reformas eleitorais no Reino Unido e que olham para ela como um lugar de privilégio, antiquado, oposto aos princípios da democracia liberal e associado a interesses da monarquia, da nobreza e da Igreja.

Fontes do Governo trabalhista disseram ao *Times* que este projecto de lei, que deve ser aprovado até ao início do próximo ano, é "o primeiro passo para uma reforma mais ampla na segunda câmara". No seu programa eleitoral, o Labour já dizia estar

REUTERS

A Câmara dos Lordes tem, actualmente, 805 membros

"comprometido em substituir a Câmara dos Lordes por uma segunda câmara alternativa que seja mais representativa das regiões e das nações do Reino Unido".

No final de 2022, quando estava na oposição, citando as conclusões de um relatório elaborado pela Comissão Sobre o Futuro do Reino Unido, coordenado pelo antigo primeiro-ministro trabalhista Gordon Brown, que descrevia a Câmara dos Lordes como "antidemocrática", Starmer prometeu mesmo uma câmara "mais pequena, mais representativa e mais democrática" no Parlamento de Westminster, a que queria chamar "Assembleia de Nações e Regiões", se chegasse ao poder.

A câmara alta do Parlamento britânico já foi alvo de várias reformas, que alteraram os métodos de escolha e de nomeação dos *peers* (pares do reino), as suas competências, entre outras questões. A redução do número de membros hereditários para os actuais 92 foi definida em 1999, por proposta do Governo trabalhista de Tony Blair.

Citado pelo *Guardian*, Nick Thomas-Symonds, secretário de Estado para a Constituição, diz que a proposta é uma "reforma histórica".

"O princípio hereditário na elaboração de leis já dura há demasiado tempo e está desfasado do Reino Unido moderno. A segunda câmara desempenha um papel vital na nossa Constituição e as pessoas não devem ter direito de voto sobre a nossa legislação, no Parlamento, por um acidente de nascimento", defendeu Thomas-Symonds.

Na mesma linha, e embora "reconhecendo os contributos valiosos que muitos pares do reino hereditários deram ao Parlamento", Angela Smith, líder da Câmara dos Lordes (uma espécie de porta-voz do Governo na câmara alta), afirmou: "É adequado apresentar agora esta reforma e completar o trabalho que iniciámos há 25 anos."

Polícia mata atacante junto a Consulado de Israel em Munique

Maria João Guimarães

Um suspeito com uma "arma longa", de "fabrico antigo", na descrição da polícia, foi morto numa troca de tiros com a polícia ontem, em Munique, Sul da Alemanha, junto a um centro de documentação do nazismo e ao Consulado de Israel. Tratava-se de um cidadão austríaco de 18 anos, disse ainda a polícia.

O atacante era conhecido das autoridades de Viena após uma denúncia por alegada participação num grupo islamista. "Presumimos que se trata de um atacante solitário que se radicalizou", afirmou Franz Ruf, director-geral da segurança pública da Áustria, citado pela agência Reuters.

Cinco agentes estiveram envolvidos na troca de tiros, iniciada pelo atacante, e não havia indicações de mais suspeitos. Depois de uma grande operação policial no local com buscas, incluindo a um veículo ligado ao atacante, a polícia declarou que já não havia perigo.

Parecia cada vez mais claro que o alvo era o Consulado de Israel.

"De acordo com a informação que temos, parece ter havido um contexto islamista", declarou o presidente do Conselho Central dos Judeus da Alemanha, Josef Schuster, segundo a emissora Bayerische Rundfunk. "Estamos num estado permanente de tensão e medo."

O atacante, um austríaco de 18 anos, disparou contra polícias junto à representação israelita

As autoridades pediram para não serem difundidos rumores sobre o que aconteceu.

O Consulado de Israel estava fechado por causa de uma cerimónia que assinalava o aniversário do ataque nos Jogos Olímpicos de Munique de 1972, em que terroristas palestinianos mataram 11 atletas israelitas, segundo o Ministério dos Negócios Estrangeiros de Israel.

O ataque da manhã de ontem ocorreu numa zona com uma história particular, conta o diário *Süddeutsche Zeitung*. O centro de documentação do nazismo, inaugurado em 2015, foi construído sobre as ruínas da chamada Casa Castanha, a antiga sede do partido nazi em Munique.

No mesmo ano, o Consulado-geral de Israel mudou-se para um escritório praticamente ao lado do centro, o que, lembra o jornal, causou sensação, lembra o diário: "70 anos depois do Holocausto, a representação de Israel instalou-se no antigo bairro do Partido Nazi, que se tinha formado à volta da sua sede".

A ministra do Interior, Nancy Faeser, disse não querer especular e afirmou apenas que se tratou de um incidente "grave", agradecendo à Polícia de Munique e acrescentando que "a protecção de instalações judaicas e israelitas tem, como sabem, a mais alta prioridade".

Pragmatismo vence a polarização na campanha para as municipais brasileiras

João Ruela Ribeiro

Em mais de 80 municípios os partidos de Lula e Bolsonaro apoiam as mesmas candidaturas para as eleições locais

Daqui a um mês, os brasileiros são chamados para escolher os prefeitos dos mais de 5500 municípios do país e, apesar do seu carácter muito particular, os resultados destas eleições podem deixar algumas pistas para o próximo ciclo eleitoral.

No dia 6 de Outubro, as atenções vão estar concentradas nas capitais estaduais e, entre estas, em metrópoles como São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Recife, Salvador da Bahia ou Porto Alegre. Em muitas destas cidades é improvável que as eleições fiquem resolvidas logo na primeira volta – nos municípios com mais de 200 mil habitantes em que não haja um candidato com mais de 50% dos votos, haverá segunda volta a 27 de Outubro.

Uma das corridas que têm motivado mais interesse é a de São Paulo, onde as sondagens deixam antever um cenário de enorme imprevisibilidade.

A um mês da primeira volta, três candidatos aparecem em situação de empate técnico, segundo a maior parte dos estudos de opinião: o actual autarca, Ricardo Nunes, do Movimento Democrático Brasileiro (MDB); o candidato do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL, de esquerda radical), Guilherme Boulos, apoiado pelo Presidente Lula da Silva; e o candidato do Partido Renovador Trabalhista Brasileiro (PRTB, conservador), Pablo Marçal.

A grande novidade é o aparecimento de Marçal, um auto-intitulado *coach* motivacional que se tornou famoso nas redes sociais, onde partilha vídeos que acredita serem inspiradores e que contam com milhões de subscritores.

Sem qualquer experiência política, Marçal apresenta-se como um *outsider* e crítico feroz dos políticos tradicionais, não hesita em ofender os seus adversários, em propagar mentiras ou em usar a sua influência digital para derrubar os seus detractores – a justiça eleitoral suspendeu todos os seus perfis digitais porque o candidato promoveu o pagamento a seguidores que publicassem conteúdos que lhe eram favoráveis.

A receita é idêntica à que esteve na base do sucesso do ex-Presidente Jair Bolsonaro quando se candidatou à presidência em 2018, mas, apesar de ter tentado, Marçal não conta com o apoio do principal nome da extrema-direita brasileira. Bolsonaro está ao lado de Ricardo Nunes, mas, perante o avanço de Marçal, esse apoio está hoje a titubear.

É prematuro dizer se Marçal terá hipótese de protagonizar uma das maiores surpresas em eleições municipais no Brasil, chegando à prefeitura da maior cidade do país, mas o seu aparecimento animou o que, de outra forma, seria uma campanha morna.

Em São Paulo, as eleições municipais deste ano são vistas como uma "anomalia" perante o quadro nacional, dizia à revista *Piauí* a presidente da empresa de sondagens Ideia, Cila Schulman. "Esta não é uma eleição de *outsider* em nenhum lugar do Brasil. E São Paulo não está numa situação dramática que precisasse de um *outsider*: não é o Brasil em 2018, depois de uma *Lava-Jato* e do *impeachment*", afirma.

Polarizados, mas pouco

No Rio de Janeiro, o espaço para incerteza é consideravelmente menor. O actual prefeito, Eduardo Paes, apoiado por Lula, deverá ser reeleito com facilidade, derrotando com larga vantagem Alexandre Ramagem, um aliado muito próximo de Bolsonaro que, durante a sua presidência, chegou a chefiar a Agência Brasileira de Inteligência (Abin).

A capital "mineira" também não parece poder vir a dar boas notícias a Bolsonaro. Em Belo Horizonte, o candidato do Partido Liberal, Bruno Engler, está muito atrás do candidato dos Republicanos, Mauro Tramonte.

Em São Paulo, há uma "anomalia" que pode servir rampa de lançamento de mais um *outsider*

Como se trata de eleições ao nível local, é difícil que se tracem conclusões muito gerais para o futuro dos principais blocos políticos brasileiros, mas há algumas tendências que podem dar pistas. Em 2016, no auge da crise causada pela *Lava-Jato* e do processo de destituição de Dilma Rousseff, as eleições municipais mostraram uma queda abrupta nos resultados do Partido dos Trabalhadores (PT), antecipando a derrota do seu candidato presidencial dali a dois anos.

Apesar de em cada município haver questões locais que dominam a campanha, o papel de Lula da Silva e Jair Bolsonaro como "cabos eleitorais" permanece decisivo, embora em menor grau do que em eleições nacionais. "O vínculo com Lula e Bolsonaro mexe com as intenções de voto, o que indica que os eleitores já chegam ao pleito polarizados e o padrinho político importa", diz ao jornal *O Globo* o investigador da Universidade Federal do Rio de Janeiro Josué Medeiros. "A vinculação será explorada a partir da realidade de cada município, e dificilmente veremos candidaturas totalmente independentes competitivas", acrescenta.

A polarização que tem marcado a cena política brasileira nos últimos anos não impede, contudo, que o cálculo político pragmático se imponha à retórica. Em 85 cidades, o PT e o PL pertencem à mesma coligação de apoio a um candidato – em 12 casos, o PT apoia um candidato a prefeito do partido de Bolsonaro, e o contrário acontece em três, segundo o jornal *Estado de São Paulo*. São, na sua generalidade, cidades de pequena dimensão, quase todas no Nordeste.

"A eleição municipal tende a reflectir demandas da cidade e isso faz com que os alinhamentos e as discussões nacionais, que possuem um conteúdo ideológico mais profundo, sejam deixados de lado", explica ao mesmo jornal a politóloga Mayra Goulart.

FELIPE BELTRAME/NURPHOTO/GETTY IMAGES

Em São Paulo, o candidato de esquerda radical Guilherme Boulos tem o apoio do Presidente Lula da Silva

BdP aperta regras da publicidade e alarga-as aos intermediários de crédito

Expressões como "o melhor do mercado", "sem juros" e outras similares têm de ser acompanhadas com informação que as suporte. Informação sobre contas-pacote ou crédito à habitação também é reforçada

Rosa Soares

O Banco de Portugal vai reforçar os deveres de informação e de transparência na publicidade a produtos e serviços financeiros, abrangendo novas entidades, como os intermediários de crédito, que têm assumido um papel importante na colocação de crédito. Neste domínio, o supervisor considera que "são susceptíveis de criar confusão entre a actividade de intermediação de crédito e a concessão de crédito" expressões como "possibilidade de financiamento", "faça o seu financiamento connosco", "temos um crédito para si", entre outras.

Aquelas expressões "não podem ser usadas quando não se encontrarem acompanhadas da menção ao exercício da actividade de intermediário de crédito com destaque similar", consta do projecto de aviso que o Banco de Portugal (BdP) colocou ontem em consulta pública, que decorrerá até 27 de Outubro. Tendo em conta o calendário previsto, nomeadamente o prazo de 30 dias após publicação do aviso para a sua entrada em vigor, a eficácia das novas normas só se deverá fazer sentir no arranque de 2025.

O novo diploma regulamentar não se limita a criar regras à publicidade institucional ou de produtos dos intermediários de crédito, que têm assumido papel complementar às actividades de venda de imóveis, de automóveis e muitos outros. O universo das instituições de crédito, sociedades financeiras, instituições de pagamento, mas também as instituições de moeda electrónica e outras entidades habilitadas a exercer a actividade de intermediário de crédito, irá passar a ser abrangido pelas novas restrições, como no caso do uso de "a (o) mais baixa (o) do mercado", "a (o) melhor do mercado", ou equivalentes, que terão de ser acompanhadas, com destaque similar, das condições particulares que suportam tais afirmações.

Na publicidade a produtos e serviços financeiros, são ainda elencadas expressões que irão passar a ter uso restrito, como é o caso de "sem juros" ou "0% de juros", que apenas poderão ser utilizadas "quando não for exigível ao cliente o pagamento de quaisquer juros, sem prejuízo da indicação, com destaque similar, de eventuais comissões aplicáveis que não estejam reflectidas na(s) medida(s) de custo total do crédito". Ou ainda as expressões "sem custos", "gratuito" ou equivalente, que poderão ser usadas apenas quando "não for exigível ao cliente o pagamento de quaisquer juros, comissões ou outros encargos".

Banco de Portugal, liderado por Mário Centeno, actualiza normas fixadas há 16 anos

Novo diploma estabelece regras quanto à dimensão mínima de caracteres, ao recurso a uma opção cromática, orientação ou tipo de letra que permita uma leitura adequada

E até mesmo os anúncios de prémios atribuídos a instituições financeiras por entidades terceiras terão de ser acompanhados com informação que permita a sua contextualização, nomeadamente da entidade que o atribui, e dos detalhes que o caracterizam, como a categoria e o período a que se reportam.

Dimensão dos caracteres

Também a acomodar alterações recentes no sector bancário, como a proliferação de contas-pacote, o projecto de aviso estabelece regras a constar da publicidade a estes produtos, como o custo ou comissão de manutenção, "com um destaque similar ao das características ou benefícios destacados". Sendo ainda necessário que estas contas cumpram "os deveres de informação estabelecidos no presente aviso para cada um dos produtos ou serviços que as integram".

São ainda "afinadas" as condições a cumprir na publicitação de produtos relevantes para os particulares, como é o caso do crédito à habitação, com destaque para o cálculo da taxa anual de encargos efectiva global (TAEG), sem e com vendas associadas de outros produtos e serviços, mas também no crédito ao consumo, e às empresas, e ainda a produtos de poupança, como os depósitos.

O novo diploma regulamentar vem revogar o Aviso n.º 10/2008, ou seja, criado há 16 anos, uma necessidade justificada pelo supervisor pela "evolução da actividade publicitária, alinhada com a crescente digitalização na comercialização de produtos e serviços financeiros, com a inovação financeira e com as novas práticas comerciais das instituições".

O aviso passa a segmentar a publicidade a produtos e serviços financeiros, a publicidade à actividade e a publicidade institucional.

E, reconhecendo que "a informação transmitida através das mensagens publicitárias é susceptível de interferir com o comportamento dos clientes bancários, seja no âmbito da comparação das diferentes ofertas disponíveis no mercado, seja na decisão de contratação dos produtos e serviços", o novo diploma estabelece regras quanto à dimensão mínima dos caracteres, ao recurso a uma opção cromática, orientação ou tipo de letra que permita uma leitura adequada, e ainda por período suficiente para permitir uma leitura e audição adequadas. São ainda fixadas regras relativas ao envio, ao BdP, dos suportes das campanhas de publicidade abrangidas pelo aviso.

Preços do cacau continuam em alta com limitações na produção

Ana Brito

Oferta tem sido penalizada por condições climatéricas e pragas. Gana e Costa do Marfim sobem preços pagos aos agricultores

Faltam três meses e meio para o Natal, mas há razões para suspeitar que, este ano, os preços do chocolate podem ser mais altos que o habitual. O preço do cacau, que já vinha a subir desde o ano passado e que tem mantido a tendência este ano, acumulando uma subida superior a 130%, deverá continuar a agravar-se, reflectindo uma produção insuficiente para fazer face ao aumento da procura nos dois principais mercados consumidores, a Europa e os Estados Unidos da América (EUA).

Além disso, os dois maiores produtores mundiais, a Costa do Marfim e o Gana (que, juntos, representam cerca de 60% da produção mundial de cacau), têm-se mantido alinhados numa tentativa de melhorarem os rendimentos dos seus produtores, que são os elos mais vulneráveis na cadeia de valor do chocolate. Ambos aumentaram os preços garantidos aos agricultores pelas suas colheitas na campanha de 2023/2024, e, no início desta semana, o Gana anunciou novos aumentos, de 45%, na campanha de 2024/2025, que se iniciou neste mês de Setembro.

Além de melhorar as condições económicas dos pequenos produtores, o objectivo da medida é impedir o contrabando de grãos para fora do país, noticia a Reuters. Segundo a agência noticiosa, o comité de revisão dos preços do cacau ao produtor do Gana (segundo maior produtor mundial, a seguir à Costa do Marfim) fixou o preço em 48.000 cedis (2760 euros) por tonelada, o que corresponde a 3000 cedis por saca de cacau com 64 quilos (kg), para a campanha de 2024/25.

Com a subida continuada dos preços do cacau, é previsível também que grandes fabricantes mundiais de chocolates, como a Hershey e a Mondelez, aumentem os preços dos seus produtos aos consumidores.

Isto num contexto em que continuam a existir incógnitas relativamente à oferta. A Organização Internacional do Cacau (OIC) divulgou no final de Agosto as estimativas revistas da produção mundial na época 2022/2023 e as previsões também revistas para a época 2023/2024, em que "a oferta global continua baixa", reflectindo um conjunto de factores como as "condições climáticas adversas, árvores envelhecidas e pragas e doenças que afectaram a produção nas principais áreas de cultivo".

A organização, sediada em Abidjan (Costa do Marfim), antecipa "um défice de produção de 462.000 toneladas para a campanha de 2023/24" (com uma quebra de produção global de cerca de 14% face ao período homólogo) e um *stock* no final da época de 1,324 milhões de toneladas. "Isto resulta num rácio existências/moagem de 27,9%, o mais baixo dos últimos 45 anos", refere a OIC.

A organização, que reúne 22 países exportadores (como Gana, Costa do Marfim, República Democrática do Congo, Colômbia, Equador, Brasil, Indonésia, Malásia ou República Dominicana, por exemplo) e, como países importadores, todos os Estados-membros da União Europeia, a Federação Russa e a Suíça, adianta que, "embora os preços tenham registado recentemente uma descida em relação aos seus aumentos históricos, continuam a ser relativamente elevados, pois persistem as limitações da oferta".

O contrato de futuros de cacau para Dezembro negociado em Nova Iorque estava a subir cerca de 4% ontem, para 7161,50 dólares por tonelada, embora abaixo dos valores registados ainda em Agosto, na casa dos 7800 dólares. Já em Londres, o contrato de Setembro valia ontem 5130 euros por tonelada, longe dos nove mil euros que chegou a atingir em Junho e do recorde de mais de 10 mil dólares ultrapassado em Abril.

Colheitas anuais voláteis

As moagens europeias e norte-americanas são as principais consumidoras de cacau, mas até há pouco havia uma diferença nas cotações nestes dois mercados. O último relatório mensal da OIC explica que as cotações subiram mais no espaço europeu porque "o principal destino dos grãos da Costa do Marfim e do Gana " é a Europa. Mas, entretanto, o facto de os valores sobre a moagem nos EUA terem sido mais altos que o esperado no segundo trimestre também contribuiu para que os preços se tenham mantido elevados neste mercado.

"Do lado da oferta" no segundo trimestre deste ano, indica o mesmo relatório, "as chegadas aos portos da Costa do Marfim diminuíram 26,5% em relação ao mesmo período da campanha anterior, tendo atingido 1,679 milhões de toneladas até 11 de Agosto". Para o Gana, ainda não estavam disponíveis dados de produção até Agosto.

> **OIC destaca a "insustentabilidade" do valor pago aos produtores, que "não lhes permite atingir um nível de vida decente para eles e para as famílias"**

Já relativamente à procura, os números publicados pela Associação Europeia do Cacau e pela Associação Nacional dos Industriais de Confeitaria (Estados Unidos) para a próxima campanha são de cerca de 1,5 milhões de toneladas, o que traduz aumentos homólogos de moagem de 4% para a Europa e 2% para os EUA, respectivamente (comparando com uma diminuição de 1,4% na procura asiática).

O relatório da OIC deixa a pergunta no ar: "Tendo em conta o contexto de escassez da oferta e de preços elevados, quando é que a procura começará a enfraquecer?"

O *site* da associação destaca que "há uma tendência clara para aumentar a produção de cacau, mas as colheitas anuais são muito voláteis", essencialmente devido a alterações inesperadas nas condições climáticas ou à disseminação de pragas e doenças que afectam os cacaueiros.

Por outro lado, "há vários problemas que afectam a sustentabilidade da economia mundial do cacau". A começar pela "insustentabilidade" do valor pago aos produtores, que "não lhes permite atingir um nível de vida decente para eles e para as suas famílias". Isso tem levado muitos agricultores a migrarem para as cidades.

MANUEL ROBERTO

A produção de cacau deverá cair 14,2% na campanha de 2023/2024

Governo alerta para relatório do TdC sobre a Efacec

O ministro da Presidência, António Leitão Amaro, mostra-se convicto de que a entrada do Estado na Efacec (em 2020) e o posterior processo de privatização da empresa (em 2023) vão ser alvo de um grande e atento debate público, tendo em conta os dinheiros públicos que diz terem sido mobilizados para salvar a empresa portuguesa de engenharia e produção industrial.

Questionado sobre a auditoria à Efacec que está a ser feita pelo Tribunal de Contas (TdC), o ministro referiu que o actual Governo teve conhecimento de uma versão preliminar do relatório, mas que não se vai pronunciar por agora sobre o seu teor porque o processo de auditoria ainda não terminou.

Empresa de engenharia foi nacionalizada em 2020, em plena pandemia, e reprivatizada em 2023

No entanto, a partir da informação que se conhece do processo de nacionalização da Efacec em 2020 – com a tomada da posição maioritária (71,73%) de Isabel dos Santos pelo Estado português – e a sua posterior reprivatização em 2023, Leitão Amaro acredita que o assunto "vai seguramente suscitar uma grande discussão pública", atendendo à "forma como as decisões foram tomadas, como foram mobilizados dinheiros públicos, como foram arriscados dinheiros dos portugueses".

A nacionalização temporária e a venda que se seguiu ao fundo alemão Mutares foram decididas pelos anteriores governos, liderados por António Costa.

O jornal *Observador* noticiou esta semana que a intervenção pública na Efacec custou 484 milhões de euros aos cofres do Estado até à venda da empresa. Citando informação preliminar de uma auditoria do TdC, o jornal refere que, de acordo com o relatório em causa, a ajuda financeira à empresa pode superar os 500 milhões de euros, e que, embora o Estado ainda possa recuperar uma parte, o relatório considera que a nacionalização falhou os objectivos.

A entrada do Estado foi decidida pelo Governo de Costa durante a pandemia como uma solução temporária para evitar a queda da empresa. Em 2023, o último executivo de Costa acabaria por concretizar a reprivatização. **PÚBLICO/Lusa**

A BELA E O MONSTRO
MARIA LAMAS
As Mulheres do meu País
COMPRE AQUI
loja.publico.pt
SUGESTÃO DE ENCADERNADORES PARA A COLECÇÃO:
Lisboa
Bernardino António 915 287 505/213 422 103
Luís Valente 213 908767
Porto
Ana & Carvalho 222 009 824
Edições 50 Kg 919 009224
Encadernação Machado Oliveira 222 059 823
In Libris 223 234 518
Invicta Livro 222 004774
PARA AQUISIÇÃO PARCIAL OU TOTAL DOS FASCÍCULOS, CONTACTAR COLECCOES@PUBLICO.PT
A obra emblemática de Maria Lamas sobre as MULHERES PORTUGUESAS. Um retrato extraordinário e revolucionário do nosso país, feito por uma mulher empenhada nos movimentos de defesa dos direitos das mulheres, agora reeditado como há 75 anos, em 1948, em 15 fascículos mensais, com capa dura, os ferros de estampagem originais e o restauro integral das imagens. Guarde este documento histórico dedicado «a todas as mulheres portuguesas (...) que reflecte o grande sonho de um mundo mais harmonioso e iluminado de fraternal amor», como era o desejo da autora.
+12,90€ EM BANCA COM O PÚBLICO
P
MARIA LAMAS
As Mulheres do meu País
FASCÍCULO 15
PVP vol. 1 – 8,90€; PVP vol. 2 a 15 – 12,90€. Preço total colecção 189,50€. Periodicidade mensal, na 1ª quarta-feira de cada mês, entre 7 de Junho de 2023 e 7 de Agosto de 2024. Stock limitado.
*Colecção de 15 fascículos (oferta de capa + caderno extra no vol. 1 – não podem ser vendidos separadamente).
REPÚBLICA PORTUGUESA
MINISTRA ADJUNTA E DOS ASSUNTOS PARLAMENTARES
REPÚBLICA PORTUGUESA
CULTURA
BNP BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL
CIG
COMISSÃO PARA A CIDADANIA E A IGUALDADE DE GÉNERO
Graal
PORTUGAL MAIS IGUAL
torresnovas município
CÂMARA MUNICIPAL VIANA DO CASTELO
RTP
ANTENA 1
50 X2 DEMOCRACIA 25 DE ABRIL

Edif. Diogo Cão, Doca de Alcântara Norte, 1350-352 Lisboa
pequenosa@publico.pt
Tel. **21 011 10 10/20** Fax **21 011 10 30**
De seg a sex das 09H às 19H
Sábado 11H às 17H

CLASSIFICADOS

Administração Interna
Autoridade Nacional de Segurança Rodoviária

Procedimento concursal p/ o cargo de direção intermédia de 1.º grau – Diretor da Unidade de Prevenção e Segurança Rodoviária.

Foi publicado do Aviso n.º 19846/2024/2, no *Diário da República*, 2.ª Série, n.º 172, de 05/09/2024, referente à abertura de procedimento concursal para provimento do cargo de direção intermédia de 1.º grau de Diretor da Unidade de Prevenção e Segurança Rodoviária desta Autoridade.

Os requisitos formais de provimento, o perfil exigido, a composição do júri, os métodos de seleção e outras informações de interesse para a apresentação de candidatura serão publicitados, por um período de 10 dias úteis, na Bolsa de Emprego Público (BEP), no prazo de 5 dias úteis a contar da publicação do referido Aviso n.º 19846/2024/2.

Administração Interna
Autoridade Nacional de Segurança Rodoviária

Procedimento concursal p/ o cargo de direção intermédia de 2.º grau – Chefe de Divisão de Apoio e Desenvolvimento Organizacional.

Foi publicado o Aviso n.º 19845/2024/2, no *Diário da República*, 2.ª Série, n.º 172, de 05/09/2024, referente à abertura de procedimento concursal para provimento do cargo de direção intermédia de 2.º grau de Chefe de Divisão de Apoio e Desenvolvimento Organizacional desta Autoridade.

Os requisitos formais de provimento, o perfil exigido, a composição do júri, os métodos de seleção e outras informações de interesse para a apresentação de candidatura serão publicitados, por um período de 10 dias úteis, na Bolsa de Emprego Público (BEP), no prazo de 5 dias úteis a contar da publicação do referido Aviso n.º 19845/2024/2.

Meta Capital Prestamistas, Lda.

LEILÕES

1.º Leilão

META CAPITAL PRESTAMISTAS, LDA., irá efetuar na Rua Arco Marquês do Alegrete, n.º 6 - A, 1100-034 Lisboa, no dia 26 de Setembro de 2024, pelas 10H30, Leilão de penhores sobre ouro, pratas, joias e objetos diversos, ao abrigo do art.º 27.º do Decreto-Lei n.º 160/2015, de 11 de agosto.

Os penhores dizem respeito às Agências da Meta Capital Prestamistas, Lda., cujos contratos à data tiverem os juros vencidos e não pagos há mais de três meses.

É facultado ao público o exame dos objetos a leiloar no dito local durante as duas horas que antecedem o leilão.

Os objetos são arrematados no local e no estado em que se encontram. Após cada licitação, caso o arrematante não liquide a totalidade do lote, ser-lhe-á exigido de imediato um sinal (por transferência bancária) nunca inferior a 40%, no ato da adjudicação.

Os lotes arrematados que não forem totalmente pagos no ato do leilão deverão ser levantados até 24 horas a partir da data do leilão sob pena de ser anulada a venda com a perda do sinal.

Não serão aceites reclamações após a adjudicação dos lotes.

2.º Leilão

Em caso de inexistência de propostas aquisitivas em primeiro leilão para as coisas em causa, será realizado segundo leilão no dia 26 de Setembro de 2024, pelas 10H35, nos termos do n.º 7 do artigo 28.º Decreto-Lei n.º 160/2015, de 11 de agosto e nas condições supraprevistas para o 1.º Leilão. O exame dos objetos a leiloar é facultado ao público no dito local, durante as duas horas que antecedem o leilão.

3.º Leilão

Em caso de inexistência de propostas aquisitivas em segundo leilão para as coisas em causa, será realizado terceiro leilão no dia 26 de Setembro de 2024, pelas 10H40, nos termos do n.º 8 do artigo 28.º Decreto-Lei n.º 160/2015, de 11 de agosto e nas condições supraprevistas para o 1.º Leilão, não estando porém a venda condicionada ao valor da avaliação. O exame dos objetos a leiloar é facultado ao público no dito local, durante as duas horas que antecedem o leilão.

Lisboa, 06 de Setembro de 2024

A Gerência

www.casacreditopopular.pt **Ligue Grátis 800 208 186**

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE LISBOA NORTE
Juízo Local Cível de Loures - Juiz 2
Processo: 8536/24.1T8LRS

ANÚNCIO

Acompanhamento de Maior
FAZ-SE SABER que foi distribuído neste tribunal, o processo de Acompanhamento de Maior em que é requerido Maria Cristalina Rodrigues Soares, nascido em 02-05-1931, natural de: Alcântara [Lisboa], com domicílio: Casa de Repouso A-Das-Lebres, Rua Cesário Verde, N.º 5, 2660-147 Santo Antão do Tojal, com vista à aprovação de medidas que visam assegurar o seu bem-estar, a sua recuperação, o pleno exercício de todos os seus direitos e o cumprimento dos seus deveres, salvo as excepções legais ou determinadas por sentença.

N/ Referência: 161997208

Loures, 03-09-2024

O Juiz de Direito,
Diogo Alves

A Oficial de Justiça
Ana Maria Branco C. Corda

Público, 06/09/2024

XVII Edição do Prémio de Atores de Cinema da Fundação GDA

Prémio para Atores de Cinema em longas--metragens de ficção, faladas em português, selecionadas por um júri.

Atores ou produtores com interesse podem contactar a Fundação GDA até ao dia 07 de outubro de 2024.

Luís José Vieira Duque, José Paulo Vieira Duque, Maria da Graça Vieira Duque, Manuel Maria Vieira Duque, Fernando José Vieira Duque, Pedro José Vieira Duque Isabel Maria Vieira Duque Monteiro, Isabel Ribeiro Vieira Duque, Joana Raimundo Vieira Duque, Helena Valente da Silva Vieira Duque, José António Monteiro, Mafalda Caupers Vieira Duque e Cristina Bitton Vieira Duque, seus filhos, genros e noras comunicam que foi o Senhor servido chamar a Si a sua mãe, sogra e avó,

Maria da Graça Miguéns Vieira Gonçalves Duque.

Será celebrada missa de 7.º Dia amanhã, dia 7 de setembro, às 19h, na Igreja Paroquial de Santa Joana Princesa em Lisboa.

Processo de Recrutamento Simplificado de Técnico/a Superior de Diagnóstico e Terapêutica de Ortóptica – Contratos a Termo

A Unidade Local de Saúde de Braga, E.P.E. está a recrutar Técnico/a Superior de Diagnóstico e Terapêutica de Ortóptica.

As candidaturas decorrem em 5 dias úteis.

Todas as informações sobre este processo encontram-se disponíveis em: **https://recrutamento.hospitaldebraga.pt/processos-ativos**

Braga, 06 de Setembro de 2024

Prorrogação de Prazo

Informa-se que se prorrogou o prazo da Consulta Pública do Plano de Ação e Gestão de Ruído do Lanço IC21 – Montijo (IP1) / Alcochete até ao dia 20 de setembro de 2024. Os interessados poderão pronunciar-se por escrito até ao dia 20 de setembro de 2024, através do site www.participa.pt.

Os referidos estudos encontram-se, igualmente, disponíveis para consulta ao público nas seguintes Câmaras Municipais do Barreiro, Moita e Palmela.

Eng. Aníbal Guimarães Gomes Bessa

1934 - 2024

IGREJA de St.º António do Estoril
VELÓRIO Sábado / 7 Setembro a partir das 18h
MISSA Domingo / 8 Setembro / 14h
CREMAÇÃO Domingo / 8 Setembro / 16h / Centro Funerário de Cascais / Alcabideche

Fundada em 1988 pelo Professor Doutor Carlos Garcia, a Associação Portuguesa de Familiares e Amigos de Doentes de Alzheimer - Alzheimer Portugal é uma Instituição Particular de Solidariedade Social. É a única organização em Portugal, de âmbito nacional, constituída há mais de 30 anos especificamente para promover a qualidade de vida das pessoas com demência e dos seus familiares e cuidadores. Tem cerca de dez mil associados em todo o país.

Oferece Informação sobre a doença, Formação para cuidadores formais e informais, Apoio domiciliário, Apoio Social e Psicológico e Consultas Médicas da Especialidade.

Como membro da Alzheimer Europe, a Alzheimer Portugal participa ativamente no movimento mundial e europeu sobre as demências, procurando reunir e divulgar os conhecimentos mais recentes sobre a Doença de Alzheimer, promovendo o seu estudo, a investigação das suas causas, efeitos, profilaxia e tratamentos.

Contactos

Sede: Av. de Ceuta Norte, Lote 15, Piso 3, Quinta do Loureiro, 1300-125 Lisboa - Tel.: 21 361 04 60/8 - E-mail: geral@alzheimerportugal.org
Centro de Dia Prof. Dr. Carlos Garcia: Av. de Ceuta Norte, Lote 1, Loja 1 e 2 - Quinta do Loureiro, 1350-410 Lisboa - Tel.: 21 360 93 00
Lar, Centro de Dia e Apoio Domiciliário «Casa do Alecrim»: Rua Joaquim Miguel Serra Moura, n.º 256 - Alapraia, 2765-029 Estoril - Tel. 214 525 145 - E-mail: casadoalecrim@alzheimerportugal.org
Delegação Norte: Centro de Dia "Memória de Mim" - Rua do Farol Nascente n.º 47A R/C, 4455-301 Lavra - Tel. 229 260 912 | 226 066 863 - E-mail: geral.norte@alzheimerportugal.org
Delegação Centro: Urb. Casal Galego - Rua Raul Testa Fortunato n.º 17, 3100-523 Pombal - Tel. 236 219 469 - E-mail: geral.centro@alzheimerportugal.org
Delegação da Madeira: Avenida do Colégio Militar, Complexo Habitacional da Nazaré, Cave do Bloco 21 - Sala E, 9000-135 FUNCHAL - Tel. 291 772 021 - E-mail: geral.madeira@alzheimerportugal.org
Núcleo do Ribatejo: R. Dom Gonçalo da Silveira n.º 31-A, 2080-114 Almeirim - Tel. 24 300 00 87 - E-mail: geral.ribatejo@alzheimerportugal.org
Núcleo do Algarve da Alzheimer Portugal: Urbanização do Pimentão, lote 2, Cave, Gabinete 3, Três Bicos, 8500-776 Portimão - Telemóvel: 965 276 690 - E-mail: geral.algarve@alzheimerportugal.org

Condicionamento de Trânsito

IC19 – Nó de Ranholas

A Infraestruturas de Portugal informa que, de modo a permitir a execução dos trabalhos de beneficiação da Passagem Inferior da A16 sobre o IC19 (Nó de Ranholas), será necessário proceder ao condicionamento do trânsito no IC19.

A intervenção, da responsabilidade da Ascendi, decorre entre os dias **10 de setembro e 14 de outubro** e obriga aos seguintes constrangimentos à circulação rodoviária:

- **Corte de berma direita permanente**, em ambos os sentidos do IC19, com duração de 35 dias de calendário – **de 10/09/2024 a 14/10/2024;**
- **Corte de via direita**, em ambos os sentidos do IC19, com duração de 14 dias de calendário – **de 17/09/2024 a 30/09/2024 - (em período noturno entre as 21h00 e as 07h00)**;
- **Corte de via esquerda**, em ambos os sentidos do IC19, com duração de 14 dias de calendário – **de 01/10/2024 a 14/10/2024 - (em período noturno entre as 21h00 e as 07h00)**;

Os trabalhos estarão devidamente sinalizados no local. Agradecemos a compreensão dos utentes por eventuais transtornos causados no decorrer dos trabalhos.

Número de Apoio ao Utente: 707 500 501

AVISO

Processo de bolsa de reserva de recrutamento para admissão de Técnicos Superiores - m/f

UNIDADE LOCAL DE SAÚDE ARCO RIBEIRINHO, E.P.E., pretende constituir uma bolsa de recrutamento de Técnicos Superiores, em regime de Contrato Individual de Trabalho, ao abrigo do Código do Trabalho, aprovado pela Lei n.º 7/2009 de 12 de fevereiro, nas áreas *infra* referidas.

Ref.1 Técnico superior – Área de Qualidade
Ref.2 Técnico Superior – Área de RH
Ref.3 Técnico Superior – Área de gestão hoteleira
Ref.4 SIE – Área de Instalações e Equipamentos

1. Condições:
Remuneração: 1385,99€ de remuneração base;
Carga Horária: 35 horas semanais.

2. Perfil:
Requisitos obrigatórios: Detentor de Licenciatura.

Ref.1 Técnico superior – Área de Qualidade
Requisitos preferenciais:
- Pós-graduação ou mestrado na área da Qualidade (preferencial);
- Formação profissional certificada na norma NP EN ISSO 9001 ou ACSA;
- Experiência na área da Qualidade e SGQ (preferencialmente em Serviços de Saúde);
- Experiência como auditor de acordo com o referencial NP EN ISSO 9001 e/ou ACSA;
- Experiência em Avaliação da Satisfação do Cliente;
- Capacidade de adaptação e autonomia de trabalho;

Ref.2 Técnico superior – Área de Recursos Humanos
Requisitos preferenciais:
- Formação superior em direito do trabalho, gestão e/ ou BI;
- Experiência em Recursos humanos, preferencialmente área da saúde e/ ou gestão de vencimentos;
- Capacidade de adaptação e autonomia de trabalho.

Ref.3 Técnico superior – Gestão hoteleira
Requisitos preferenciais:
- Gestão Industrial e Logística;
- Gestão de Processos e Operações Empresariais;
- Gestão de Empresas;
- Experiência em gestão hoteleira na área da saúde.

Ref.4 – SIE
Requisitos preferenciais:
- Licenciatura em Engenharia Civil e ou Eletrotécnica.

As candidaturas deverão ser enviadas por email (rhrecrutamento@ulsar.min-saude.pt), acompanhadas do *curriculum vitae* e comprovativo de habilitações literárias e formação.

Prazo: 10 dias úteis.

ULSAR, EPE, 05 de setembro de 2024

A Diretora do Serviço de Recursos Humanos
Drª Paula Monteiro

Aviso

Reserva de Recrutamento Assistente Técnico

A Unidade Local de Saúde do Algarve, E.P.E. pretende constituir uma reserva de recrutamento para o exercício de funções de Assistente Técnico, em regime de contrato individual de trabalho, nos termos do Código do Trabalho e do art.º 17.º do DL 52/2022 de 4 de agosto, encontra-se aberto, pelo prazo de 5 dias úteis a contar do dia seguinte da data de publicitação do presente aviso;

1. **Local de Trabalho:** Unidade Local de Saúde do Algarve, E.P.E. (Unidade de Faro, Unidade de Portimão, Sub's e ACES)
2. **Período de Trabalho:** O período de trabalho é de 35 horas (trinta e cinco horas), (sujeito a turnos rotativos, com fins de semana, feriados e tardes dependendo do local a que ficar alocado)
3. **Remuneração:** €922,47 (novecentos e vinte e dois euros e quarenta e sete cêntimos)
4. **Critérios de Admissão ao Concurso:** Serão admitidos no procedimento concursal os candidatos que até ao termo do prazo de apresentação de candidaturas, reúnam os seguintes requisitos:
   a) Idade mínima: 18 anos;
   b) Habilitação literária mínima obrigatória 12.º ano;
   c) Disponibilidade para trabalhar por turnos, dependendo do posto de trabalho atribuído (manhãs, tardes e noites, incluindo fins de semana e feriados)
5. **Formalização das candidaturas:** Os interessados deverão apresentar as respetivas candidaturas no prazo de 5 dias úteis, mediante envio da seguinte documentação:
   a) *Curriculum Vitae* (modelo Euro-Pass) atualizado;
   b) Formulário geral de candidatura (disponível na página da internet);
   c) Certificado de habilitações (mínima obrigatória 12.º ano)

Enviar a candidatura para o endereço: expediente@chalgarve.min-saude.pt (o assunto da mensagem de correio deverá ser "Reserva de Recrutamento Assistentes Técnicos)

6. **Prazo de Validade:** A reserva de recrutamento constituída no âmbito do presente Procedimento Concursal é válida pelo prazo de um ano.

Faro, 4 de setembro de 2024

Unidade Local de Saúde do Algarve, E.P.E.
Direção do Serviço dde Capital Humano
Dr.ª Rita Neves

CÂMARA MUNICIPAL DE LOULÉ

EDITAL N.º 35/24

Viaturas Abandonadas

Marilyn Zacarias, Vereadora da Câmara Municipal de Loulé, torna público que os veículos abaixo discriminados foram removidos pelo serviço de Gestão de Viaturas Abandonadas da Divisão de Fiscalização Municipal, conforme Art.ºs 163.º e 164.º do Código da Estrada.
Os proprietários têm 30 (trinta) dias, a contar da data de publicação deste edital, para requerer o levantamento das viaturas, conforme o Art.º 165.º do aludido Código ficando responsáveis pelo pagamento das taxas de remoção e de depósito, a contar da mesma data, conforme o estabelecido na Portaria n.º 1334-F/2010, de 31 de Dezembro Relativamente às viaturas não levantadas, iniciar-se-á o processo destinado a considerá-las perdidas a favor do Estado, conforme n.º 4 do já referido Art.º 165.º.

MARCA	MATRÍCULA	REMOVIDO DE (FREGUESIA)	N/ REF.ª (Proc. Viaturas - PVR)
PEUGEOT	62-42-BP	S. CLEMENTE	Proc. 303/22 viaturas PVR 17/23
RENAULT	21-BP-31	S.CLEMENTE	Proc. 156/22 viaturas PVR 19/24
ALFA ROMEO	3903 CHX	BOLIQUEIME	Proc. 60/24 viaturas PVR 23/24
RENAULT	UB-84-67	ALTE	Proc. 239/21 viaturas PVR 28/24
HYUNDAI	66-CD-79	S. CLEMENTE	Proc. 2/23 viaturas PVR 31/24
ROVER	84-36-EH	S. SEBASTIÃO	Proc. 88/23 viaturas PVR 41/24
NISSAN	0X-11-76	S. SEBASTIÃO	Proc. 197/23 viaturas PVR 42/24
CITROËN	23-70-OI	S. CLEMENTE	Proc. 156/24 viaturas PVR 43/24
FORD	6702 BRR	S. SEBASTIÃO	Proc. 27/22 viaturas PVR 44/24
VOLKSWAGEN	62-39-LX	ALMANCIL	Proc. 55/23 viaturas PVR 33/24
FORD	SL-75-29	ALMANCIL	Proc. 53/24 viaturas PVR 32/24

Para constar se passou o presente e outros que serão afixados nos lugares designados por lei.

Paços do Concelho de Loulé, 31 de julho de 2024

VEREADOR DA CÂMARA MUNICIPAL
Marilyn Zacarias

Dá-se conhecimento público de que se encontra aberto o processo de recrutamento de pessoal em regime de contrato de trabalho a termo incerto a contratação de um (1) Técnico Superior – Grau 3, em regime de contrato de trabalho a termo resolutivo incerto, nos termos do Código do Trabalho e ao abrigo do Regulamento relativo às carreiras, ao recrutamento e aos contratos de trabalho de pessoal não docente e não investigador em regime de contrato de trabalho da Universidade Nova de Lisboa (Regulamento n.º 577/2017, de 13 de outubro, publicado no *Diário da República*, 2.ª Série, n.º 210, de 31 de outubro), para exercer funções como Gestor de Projeto financiado pelo programa de Recuperação e Resiliência (PRR) Operações integradas em Comunidades Desfavorecidas na Área Metropolitana de Lisboa, aprovado o plano de ação da operação integrada local 1 – Caparica Trafaria nos termos do Aviso N.º 02/C03-i06.02/2022, com início de projeto a 01/01/2023 e duração de 36 meses. A NOVA será parceiro executor dos projetos "Festival de Arte Digital da Trafaria" e "Incubadora, FabLab e Formação para o Empreendedorismo". A Universidade NOVA de Lisboa estabeleceu o Protocolo de Cooperação com a Direção-Geral do Património Cultural para Prestação de Serviços de Digitalização e Investigação no âmbito do investimento "re-c04-i01- redes culturais e transição digital" previsto no plano de recuperação e resiliência.

1 vaga de técnico superior (m/f), referência : **CT-20/2024 – Gestor_ Projeto,** ao qual podem candidatar-se os indivíduos que reúnam as condições fixadas no aviso disponível no endereço:

http://www.unl.pt/nova/nao-docentes

O prazo para submissão das candidaturas é de 10 dias úteis a contar da data da publicação do presente anúncio.

CÂMARA MUNICIPAL DE LOULÉ

EDITAL N.º 36/24

Viaturas Abandonadas

Marilyn Zacarias, Vereadora da Câmara Municipal de Loulé, torna público que os veículos abaixo discriminados foram removidos pelo serviço de Gestão de Viaturas Abandonadas da Divisão de Fiscalização Municipal, conforme Art.ºs 163.º e 164.º do Código da Estrada.
Os proprietários têm 30 (trinta) dias, a contar da data de publicação deste edital, para requerer o levantamento das viaturas, conforme o Art.º 165.º do aludido Código ficando responsáveis pelo pagamento das taxas de remoção e de depósito, a contar da mesma data, conforme o estabelecido na Portaria n.º 1334-F/2010, de 31 de Dezembro. Relativamente às viaturas não levantadas, iniciar-se-á o processo destinado a considerá-las perdidas a favor do Estado, conforme n.º 4 do já referido Art.º 165.º.

MARCA	MATRÍCULA	REMOVIDO DE (FREGUESIA)	N/ REF.ª (Proc. Viaturas - PVR)
VOLKSWAGEN	17-12-NR	QUARTEIRA	Proc. 105/23 viaturas PVR 20/24
NISSAN	44-80-JG	QUARTEIRA	Proc. 48/24 viaturas PVR 21/24
HONDA	89-94-BG	QUARTEIRA	Proc. 87/11 viaturas PVR 24/24
NISSAN	26-05-DX	QUARTEIRA	Proc. 276/22 viaturas PVR 26/24
SKODA	81-54-SN	QUARTEIRA	Proc. 155/23 viaturas PVR 27/24
CITROËN	11-09-BG	QUARTEIRA	Proc. 170/16 viaturas PVR 22/24
HONDA	33-34-QA	QUARTEIRA	Proc. 19/22 viaturas PVR 29/24
VOLKSWAGEN	12-87-GM	QUARTEIRA	Proc. 70/21 viaturas PVR 30/24
RENAULT	19-22-SP	QUARTEIRA	Proc. 7/24 viaturas PVR 37/24
VOLKSWAGEN	57-58-HZ	QUARTEIRA	Proc. 251/23 viaturas PVR 38/24
HONDA	89-26-EB	QUARTEIRA	Proc. 143/24 viaturas PVR 39/24

Para constar se passou o presente e outros que serão afixados nos lugares designados por lei.

Paços do Concelho de Loulé, 31 de julho de 2024

VEREADOR DA CÂMARA MUNICIPAL
Marilyn Zacarias

Ainda podemos tornar o tempo mais preciso? Com relógios nucleares, talvez

A medida do tempo mais precisa ainda é dada pelos relógios atómicos — fundamentais na física e até no nosso dia-a-dia. Mas a ambição de criar relógios nucleares pode tornar o tempo ainda mais preciso

Tiago Ramalho

O tempo mais exacto do mundo ainda é o que se define como tempo atómico e funciona como referência para a hora oficial do planeta. O tempo atómico é uma escala muito precisa para marcar as horas e definida por uma rede mundial de relógios atómicos. Agora, há mais um salto para dar: os relógios nucleares.

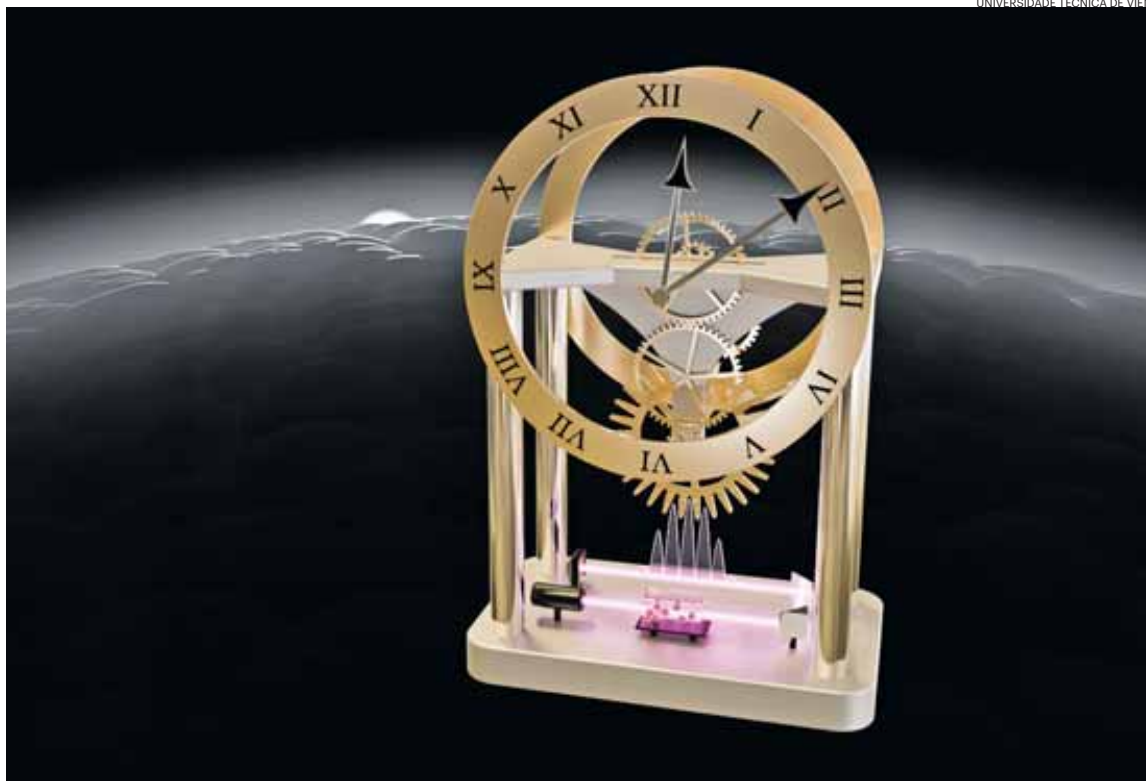
Para já, ainda só estamos na escala das primeiras demonstrações de que é plausível. Ainda não há um relógio nuclear totalmente desenvolvido. A primeira questão será: "O que é um relógio nuclear?" Nada mais do que um aparelho que mede a passagem do tempo através dos sinais que nascem do núcleo de um átomo. A precisão será a uma escala sem precedentes, mesmo para os relógios atómicos (já de si extremamente fiáveis). "Imaginem um relógio de pulso que não perde um segundo, mesmo se o deixarmos correr durante milhares de milhões de anos", elucida Jun Ye, físico do instituto Jila (Estados Unidos) e um dos autores do trabalho agora publicado na *Nature* e que dá a conhecer as primeiras demonstrações deste novo relógio.

Podemos fazer mais comparações. Os relógios que compramos para o pulso usam quartzo para manter o tempo a contar — os cristais do quartzo oscilam a frequências constantes que permitem acertar o tempo do relógio, como um pêndulo em relógios mais antigos. No entanto, para contas mais difíceis, é preciso outro nível de precisão. Por exemplo, na física para medir sem erros de cálculo a posição de um veículo espacial.

Para esses casos usam-se relógios atómicos. Estes relógios utilizam *lasers* para fazer os electrões que orbitam os átomos (geralmente de césio ou estrôncio) saltarem entre diferentes níveis de energia — o que substitui o pêndulo. Quando os átomos são atingidos pela luz do laser a uma certa frequência, os electrões saltam entre dois estados quânticos — e isso é medido. Se essa frequência muda, contudo, tem de se reajustar tudo. Daí que estes precisem de ser extremamente estáveis.

Nos relógios nucleares, a intenção será utilizar os mesmos saltos de energia, mas dentro do núcleo do átomo. Como "o núcleo é muito menos afectado por interferências externas, como os campos electromagnéticos", e há uma "frequência maior" dos saltos de energia (porque o laser emitido também tem de ser mais intenso), explicam os investigadores citados em comunicado, a contagem do tempo também será mais precisa.

UNIVERSIDADE TÉCNICA DE VIENA

UNIVERSIDADE TÉCNICA DE VIENA

Representação do relógio nuclear; e a criação da oscilação para a contagem do tempo

Em dez anos, o atraso do relógio atómico da agência espacial dos EUA, a NASA, é inferior a um microssegundo

Sendo menos afectado por interferências (mesmo que à escala humana sejam indetectáveis) e tendo uma frequência maior, a oscilação constante será mais precisa — tornando o relógio também mais preciso.

Os relógios mais precisos do mundo — para já, os atómicos — são fundamentais até no nosso dia-a-dia e só há cerca de 400 exemplares em todo o mundo. Por exemplo, as transacções financeiras estão dependentes dos relógios atómicos, para que haja uma precisão na escala dos nanossegundos. Mas também as navegações por satélite ou as próprias comunicações, que necessitam desta sincronização precisa das horas para não haver qualquer distúrbio.

A rede de Internet 5G, por exemplo, é alicerçada em sincronização precisa — sem ela, a Internet rápida não existe. Ou, noutro exemplo, se uma tecnologia de navegação, num carro autónomo, não for precisa, o risco de acidente é enorme.

Um exemplo do relógio atómico da agência espacial norte-americana, a NASA, permite perceber o nível de precisão destes cronometristas: em dez anos, o atraso deste relógio é inferior a um microssegundo. Ou melhor: para este relógio estar um segundo atrasado, precisamos de esperar dez milhões de anos.

A vantagem do tório

O grupo de cientistas do Instituto Jila — um consórcio entre a Universidade de Boulder, no Colorado (EUA), e o Instituto Nacional de Padrões e Tecnologia, ambos nos Estados Unidos — criou as primeiras demonstrações de que alguns elementos deste potencial relógio nuclear funcionam. Mas há ainda muitas dificuldades para criar, de facto, um relógio.

Os saltos de energia requerem elevados níveis de energia direccionados para o núcleo dos átomos para funcionarem — e esses são níveis muito maiores do que podem ser produzidos com a actual tecnologia. A equipa do Instituto Jila só o conseguiu fazer através do tório-229, um átomo cujo núcleo requer um salto de energia menor (face a qualquer outro átomo conhecido).

A descoberta deste salto de energia do tório ficou conhecida como "transição nuclear", aquando da sua descoberta em 1976, mas só em 2003 é que se começou a pensar em usar esta "transição" para criar um relógio. Agora, o que os cientistas do Jila conseguiram fazer foi criar as partes que consideram fulcrais para um futuro relógio nuclear: a transição nuclear do tório-220 que dará os "tiques" (a oscilação constante); um laser construído para originar estes saltos de energia no núcleo e um instrumento de frequência para medir os "tiques", explicam os cientistas em comunicado.

Os resultados parecem complicados (e são), mas é importante perceber que nas escalas mais microscópicas do mundo em que vivemos, os núcleos dos átomos (ou seja, a escala nuclear) permitem medições o mais próximas possível da perfeição, pelo seu isolamento. Outro motivo para o optimismo em torno deste protótipo é a prova de que o "tório pode ser usado como cronometrista para medições de altíssima precisão", sublinha Thorsten Schumm, físico da Universidade Técnica de Viena que participou neste trabalho, num comunicado da universidade austríaca. "Resta apenas um trabalho de desenvolvimento técnico, sem que se esperem mais grandes obstáculos", diz.

O entusiasmo em torno destes potenciais instrumentos do futuro é grande e a promessa actual destes relógios nucleares é que permitam "ajudar a responder a questões fundamentais sobre o universo", como sublinham os cientistas Adriana Pálffy e José López Urrutia, num comentário publicado na revista *Nature* sobre este estudo. As questões sobre a origem do universo ou a detecção de matéria escura, por exemplo, podem beneficiar de escalas de precisão muito maiores ou de instrumentos de observação que usem essas escalas.

Os malefícios dos videojogos são francamente exagerados

Parece que o “tempo de ecrã” excessivo com videojogos tem um efeito negativo no bem-estar, mas não será um malefício generalizado. O transtorno de jogo só afectará uma pequena porção de jogadores

Ensaio

David Marçal

O “tempo de ecrã”, em particular no uso de videojogos, é uma preocupação de muitos pais, que receiam que estes sejam prejudiciais para as crianças e jovens. Em 2019 a Organização Mundial de Saúde (OMS) incluiu o “transtorno de jogo” na 11.ª revisão da sua Classificação Internacional de Doenças. Mas os resultados das investigações científicas acerca do efeito dos videojogos são diversos e mostram um panorama bem menos pessimista do que o prevalecente, como veremos neste texto que faz parte da série *Como perder amigos rapidamente*.

Durante os confinamentos da pandemia de covid-19 muitos japoneses quiseram comprar uma consola Nintendo Switch ou PlayStatation 5. Mas, como não havia dispositivos suficientes para todos os interessados, as lojas começaram a fazer sorteios. Criaram assim as condições para uma experiência que permitiu comparar os efeitos no bem-estar mental dos vencedores e dos perdedores dessas lotarias. A oportunidade foi aproveitada por investigadores japoneses, que publicaram recentemente os resultados do seu trabalho na revista *Nature Humane Behaviour*. Os investigadores fizeram inquéritos *online* a 97.603 pessoas, com idades entre os dez e os 69 anos, tendo identificado 8192 participantes nessas lotarias, que entre Dezembro de 2020 e Março de 2022 responderam a cinco rondas de questionários.

Os resultados mostraram que ganhar qualquer uma das consolas reduziu, de modo significativo, o sofrimento psicológico e melhorou a satisfação com a vida. Os vencedores aumentaram os seus tempos de jogo em consolas, mas não em telemóveis. Passar mais horas a jogar em consolas melhorou o seu bem-estar mental, embora esse efeito tenha diminuído para tempos de jogo superiores a três horas diárias. Os autores apresentam argumentos robustos para estabelecer uma relação de causalidade entre jogar videojogos e a melhoria dos indicadores de bem-estar.

O estudo tem, no entanto, várias limitações, sendo uma delas o facto de os dados terem sido recolhidos durante a recente pandemia, um período com elevados níveis de sofrimento psicológico. Mas, apesar de serem contra-intuitivas, as suas conclusões estão alinhadas com outros estudos recentes.

Uma investigação publicada em 2021 na revista *Royal Society Open Science*, que avaliou o bem-estar psicológico de jogadores dos jogos *Plants vs. Zombies: Battle for Neighborville* e *Animal Crossing: New Horizons*, também encontrou um efeito positivo nessas actividades lúdicas.

Outro trabalho publicado no mesmo ano na revista *Frontiers in Psychology*, focado em jovens australianos entre os 12 e os 24 anos, encontrou alguns efeitos negativos nos jogadores intensivos (como mais distúrbios de sono), mas não identificou diferenças de bem-estar significativas entre jogadores moderados e não-jogadores.

Mas há outros estudos que encontraram efeitos negativos dos jogos electrónicos – por exemplo, uma investigação publicada em 2015 na revista *Preventive Medicine* encontrou uma associação entre o “tempo de ecrã” e a depressão e ansiedade nos jovens. Há muitos estudos deste tipo, chamados “observacionais”, com indiscutível validade, mas com uma limitação importante: encontram correlações e não causalidade. Ou seja: o facto de duas coisas acontecerem em conjunto não significa que uma cause a outra. Não conhecendo o mecanismo de causalidade, poderíamos com plausibilidade supor que a depressão e a ansiedade aumentam a propensão para os videojogos.

Outra investigação, publicada em 2022 na *Royal Society Open Science*, também do tipo observacional, com dados de 38.596 jogadores, concluiu que os efeitos do tempo de jogo no bem-estar são provavelmente muito pequenos ou inexistentes.

De acordo com um outro estudo, publicado em 2012 na revista *Aggressive Behavior*, os videojogos violentos stressam as pessoas, tornando-as mais agressivas. Foi pedido aos participantes que jogassem jogos violentos ou não violentos durante 20 minutos, tendo os seus níveis de stress e de agressividade sido depois comparados. Este tipo de estudos, chamados “experimentais”, também tem limitações, pois não replica o ambiente natural dos jogadores. O efeito dos videojogos na agressividade dos jovens foi uma das primeiras preocupações, a partir dos anos de 2000, suscitando investigações que deram resultados contraditórios. Por exemplo, uma análise da literatura científica publicada em 2020, que teve em conta 28 estudos independentes feitos com 21.000 jovens, concluiu que não existia qualquer correlação entre videojogos e agressividade.

Há, portanto, resultados contraditórios na literatura científica, com alguns estudos a encontrarem resultados positivos ou neutros, e outros negativos. Parece que o tempo demasiado excessivo de videojogos tem um efeito negativo no bem-estar, mas não apoia a ideia de um malefício generalizado. Os estudos mais recentes e com metodologias mais robustas tendem a ter resultados mais optimistas. De acordo com a OMS (que, obviamente, nem sempre tem razão) “os estudos sugerem que o transtorno de jogo só afecta uma pequena porção de jogadores”.

Bioquímico e divulgador de ciência

MIKE BLAKE/REUTERS

Tem havido um debate sobre se muito “tempo de ecrã” é prejudicial para as crianças e os jovens

Como perder amigos rapidamente

Sobre aqueles casos em que ciência e os dados contrariam muitos dos *influencers* e *opinion makers*

Acompanhe em publico.pt

DR

Songs of the Slow Burning Earth é um diário audiovisual filmado na linha da frente ucraniana; *Russians at War* regista sete meses passados na frente russa

Em baixo, Anastasia Trofimova e Olha Zhurba

"É a guerra? É, parece que sim": nas frentes russa e ucraniana, mas em Veneza

Um olhar russo e um olhar ucraniano sobre a guerra. Por muito diferentes que sejam, *Russians at War*, de Anastasia Trofimova, e *Songs of Slow Burning Death*, de Olha Khursa, tocam-se

Vasco Câmara, em Veneza

Com este título que bem ficava às espiras de um disco de metal, *Songs of Slow Burning Death*, a secção Não-Ficção, fora de concurso, da 81.ª edição do Festival de Veneza abriu um diálogo no seu programa: em dois dias, a guerra na Ucrânia vista a partir da frente ucraniana (esse filme, de Olha Zhurba) e da frente russa, com o mais épico e romanesco título de *Russians at War*, de Anastasia Trofimova.

Mais de dois anos de rodagem, num caso e noutro, o segundo levou uma das cineastas a ter de se exilar no Ocidente, primeiro no Canadá, depois em França, para poder acabar o seu filme e conseguir que ele ficasse na sua posse.

Foi o que teve de fazer Anastasia, canadiana de origem russa, depois de se ter aventurado sem qualquer acreditação, durante sete meses, no território da Ucrânia oriental que em 24 de Janeiro de 2022 foi invadido pelas forças de Vladimir Putin. Metera-se numa caravana de médicos depois de, numa noite de final de ano em Moscovo, em 2022, ter avistado no metropolitano um Pai Natal que regressava a casa e ter ido atrás dele.

O soldado, Ilya, vinha da guerra, comprara presentes para os filhos e queria vê-los. Para isso, arriscou e abandonou temporariamente a frente, expondo-se a ser julgado, condenado e preso, até se calhar não por esta ordem. Anastasia Trofimova seguiu Ilya até sua casa porque quis conhecer um pouco mais dos seus compatriotas russos. E para chegar ao rosto da verdade, foi mesmo à guerra, sem autorizações. Ilya recebeu-a. O seu batalhão, que fora constituído por 900 homens, estava reduzido a 300. Metade dos que sobreviveram estão hoje amputados.

As cortinas esbracejam

É numa estação de comboios, em Kiev, Ucrânia, que começa também *Songs of Slow Burning Death*. Olha Zhurba não viu o Pai Natal, mas testemunhou o caos a instalar-se na estação quando se fecharam os ouvidos ao aviso de voz metálica: "Primeiro as grávidas, depois as pessoas com problemas físicos, as mulheres e as crianças." Mas não, toda a gente queria sair dali viva. Os primeiros bombardeamentos tinham começado.

"É a guerra?", alguém pergunta."É,

> Acho estranho que se possa humanizar certas pessoas e outras não. Se não nos virmos como pessoas, os estereótipos a preto e branco só farão esta guerra continuar. É o tipo de caminho que os políticos tomam. Mas não me parece uma estrada que as pessoas normais devam tomar
>
> **Anastasia Trofimova**
> Cineasta

parece que sim.” Entre essas imagens e as do fim do filme, já numa unidade de recuperação de amputados, decorre a narrativa de *Songs of Slow Burning Death*. Como se vê, um arco exemplar. É um diário audiovisual, classificação que lhe faz mais justiça do que a de “documentário”. Não há *voz-off*, não há depoimentos, o som e as vozes são apanhados, como murmúrios, dentro ou fora de campo. Como aquelas conversas que temos connosco próprios, “o que hei-de fazer à vida, está tudo acabado para mim”, pensamentos em voz alta: “Uma pessoa planeia a vida, mas ela não acontece dessa maneira.”

A câmara deixa de ser um instrumento que objectifica para absorver. Também falam as paisagens, com ou sem neve, escandalizam-se mesmo as paisagens, e gemem as casas destruídas pelos mísseis. As cortinas esbracejam das janelas dos edifícios bombardeados. Estão sozinhas. Há quilómetros de gente ajoelhada nas estradas homenageando o funeral de um soldado morto. Os insectos acorrem aos cadáveres. E o miúdo que brinca com a bicicleta larga-a violentamente, assustado, atirando para o chão o veículo: passa a rasar o som de um avião.

Humanizar

Para a russa Anastasia Trofimova, não era possível ficar quieta quando “os russos passaram a viver dentro de um livro de História e numa guerra”, não era possível fazer de conta que nada estava a acontecer. O laço que a liga à Rússia existe e existirá. Por isso arriscou física e politicamente. Às notícias russas e às notícias do Ocidente sobre a guerra faltava, segundo ela, um elemento decisivo para entender o que se está a passar: o elemento humano. Não era possível encontrá-lo na imprensa, em lugar algum a não ser na frente de combate. Não sendo a primeira vez que a realizadora cobre guerras e conflitos, pois esteve no Iraque, na Síria e na República Democrática do Congo, sustenta nas entrevistas que as pessoas que foram colocadas em situações extraordinárias abrem-se ao outro que chegou para as ouvir quando sentem que as querem entender. Chegou e declarou aos soldados: “Este é o maior acontecimento da História moderna e vocês são os protagonistas.” Foi aceite.

Sobre esse seu esforço em entender, e há também um arco narrativo que se desenha em *Russians at War* no espaço temporal de dois anos, do entusiasmo e patriotismo iniciais dos soldados até às dúvidas finais que lhes sobram em relação ao que estão a fazer ali, a realizadora não evitou ouvir em Veneza perguntas sobre se era “ético” humanizar os soldados à luz das acusações de crimes de guerra cometidos pelo Exército russo — acusações sobre as quais, aliás, ela interroga os próprios soldados no filme. A resposta de Anastasia em Veneza foi esclarecedora: “Acho estranho que se possa humanizar certas pessoas e outras não. Temos de humanizar toda a gente. Esta é uma grande tragédia na nossa região. Se não nos virmos como pessoas, os estereótipos a preto e branco só farão esta guerra continuar. Infelizmente esse é o tipo de caminho que os políticos tomam. Mas não me parece uma estrada que as pessoas normais devam tomar.”

Ney Matogrosso de volta com *Bloco na Rua*: “Palco é palco e eu não vou desistir tão cedo”

Nuno Pacheco

De volta a Portugal com um espectáculo imparável, o músico de 83 anos não se vê a abandonar os palcos, que são para ele fonte de vida

Vimo-lo em 2019, em 2022, e ele aqui está de novo, com três datas em Portugal: *Bloco na Rua*, espectáculo que Ney Matogrosso estreou no Brasil em 2019, continua na estrada sem fim à vista e vamos vê-lo nos Coliseus de Lisboa (hoje e no dia 15) e Porto (a 12). Pelo meio, actuará no Barbican de Londres, na segunda-feira, já com lotação esgotada. Em Portugal, *Bloco na Rua* estreou-se logo em 2019, em Novembro, nos Coliseus de Lisboa e Porto, regressando a 21 de Junho de 2022, dessa vez no palco do Rock In Rio Lisboa.

O espectáculo, tal como o veremos agora, é e não é o mesmo. À semelhança do traje que Ney enverga durante toda a apresentação, aparentando um lagarto de silhueta humana com o rosto oculto (que ele descobre abrindo um fecho *éclair* antes de começar a cantar), há algo de camaleónico no alinhamento. Sendo todo ele composto não por canções inéditas, mas por outras que escolheu porque gosta de as cantar, o roteiro tem sofrido várias alterações desde o início, mantendo os músicos originais: Sacha Amback (direcção musical e teclados), Marcos Suzano e Felipe Roseno (percussões), Dunga (baixo), Maurício Negão (guitarra), Aquiles Moraes (trompete) e Everson Moraes (trombone).

Basta pensar no registo videográfico deste espectáculo, lançado em DVD. “Aquilo que está lá já não é mais assim”, explica Ney Matogrosso ao PÚBLICO, já em Lisboa. “Aquela coisa toda política que tinha no começo, tirei tudo. Porque agora não tem mais motivo. Mas na hora tinha.” Estreado no mesmo ano da posse de Jair Bolsonaro como Presidente do Brasil, *Bloco na Rua* (que tinha sido pensado muito antes) acabou por ser visto na época quase como um manifesto de resistência cultural. “Ele resolveu apagar da história a cultura”, comenta Ney. “Mas a música brasileira é muito potente, há sempre espaço para ela. E eu sempre tive teatros lotados, nunca foi obstáculo para mim aquela agenda comportamental idiota, de uma mentalidade muito atrasada.”

A mudança de Governo e a posse de Lula da Silva alteraram o cenário. “O Brasil está muito melhor, indo para os eixos, acertando. Mas claro que tem gente que fala mal e eu não estou aqui defendendo o governo, não me envolvo assim com a política. Mas observo que o Brasil está melhorando, há mais gente empregada, porque o Lula é voltado para o social, o outro não era, o outro odiava o povo.” *Mulher barriguda*, tema de 1973, dos Secos & Molhados, que falava de guerra (“Mulher barriguda que vai ter menino/ Qual o destino que ele vai ter?/ Que será ele quando crescer?/ Haverá guerra ainda?/ Tomara que não”), foi retirado, ainda que as guerras não tenham acabado. “Isto continua no mundo, e cada vez pior”, diz. “Porque agora não é só num lugar. A espécie humana não tem jeito, eu acho. Não tem salvação. Porque quem manda no mundo é essa gentalha, eles é que determinam essas coisas, guerra, invasão. Mas a gente segue em frente.”

O espectáculo, esse, foi-se ajustando: “Eu abro igual [numa sequência com *Eu quero é botar meu bloco na rua*, *Jardins da Babilónia* e *O beco*], mas na recta final do *show* tinha *Como 2 e 2* ou *Mulher barriguda*. E isso saiu. Agora, coloquei *Poema*, *Roendo as unhas*, que é do *show* anterior, *Homem com H* e *Balada do louco*, que é um sucesso enorme.” Tal como saíram *Álcool (bolero filosófico)*, *Tem gente com fome* ou *Coração civil*. Mas há outras, em troca, num espectáculo cuja longevidade em palco já se assemelha à do anterior, *Atento aos Sinais*, que ficou cinco anos em cena. “Isso se deve ao sucesso dele”, diz Ney. “Ficámos parados com a pandemia, mas quando voltámos foi uma loucura. Se eu parar esta coisa, serei castigado. Como é que se corta um fluxo desses?”

> **“A espécie humana não tem jeito. Não tem salvação”, diz Ney Matogrosso face a um mundo em guerra**

Com uma “agenda pesada até Janeiro”, o músico brasileiro vai, ainda em Setembro, no dia 21, participar no Rock In Rio no Brasil, que celebra nesta edição 40 anos de existência. “As pessoas que fizeram a abertura lá, em 1985, vão cantar, cada um, três músicas, comemorando os 40 anos do festival. E eu abri o primeiro Rock In Rio, a cantar *América do Sul*.”

No horizonte, Ney não tem nenhum disco de originais, mas a par dos palcos não tem estado parado. Em Maio de 2022 lançou o álbum *Nu Com a Minha Música*, inteiramente gravado durante a pandemia, e já este ano gravou um tema com os Titãs (*Apocalipse só*, tema do álbum *Olho Furta Cor*, de 2022, regravado no recente *Microfonado*) e está a trabalhar num disco com um músico da banda Hecto. “Estou fazendo um disco com um compositor muito interessante chamado Guilherme Gê”, diz. “Ele tem uma maneira de falar que me atrai muito. Já gravámos três músicas [uma delas, *Teu sangue*, foi lançada em Agosto], vamos gravar dez e fazer um disco juntos. Mas ele já sabe que não irei para a estrada, é mesmo só para o disco.” Dois temas bem marcados pelo rock.

Quanto aos palcos, essenciais em toda a sua carreira, Ney Matogrosso não se imagina a abandoná-los. “Palco é palco e eu não vou desistir tão cedo”, garante. Quem o vir, nos vídeos ou nos espectáculos que agora dará em Portugal, perceberá rapidamente porquê.

Ney Matogrosso no *show* que já trouxe a Portugal em 2019 e 2022

Guia
tecnologia

publico.pt/tecnologia

YouTube activa opção para proteger adolescentes
Plataforma vai limitar a recomendação de vídeos que comparam características físicas e idealizam níveis de aptidão física ou pesos corporais específicos. A medida pretende proteger os jovens e surge da colaboração com uma comissão independente de especialistas em desenvolvimento.

Lenovo aposta na IA para continuar a liderar o mercado dos PC

A Lenovo apresentou as novas linhas de computadores com capacidade de executar processos de inteligência artificial. O resultado é algo confuso, mas ganhamos todos

Pedro Esteves, em Berlim

O frenesim da inteligência artificial (IA) tem porventura a sua face mais visível no mercado dos telemóveis, mas opera-se nos computadores pessoais idêntica e importante mudança.

Demonstração disso foi o empenho da Lenovo em levar mais de uma centena de jornalistas para apresentar em Berlim, na semana da IFA – a grande feira anual de tecnologia na Europa – novos PC de uso doméstico e empresarial, com a IA como foco. A tecnologia, tal como acontece nos telemóveis, está a ser implementada paulatinamente, com a Lenovo a garantir que toda a nova linha tem capacidade computacional para processar tarefas de inteligência artificial.

Este é o ponto comum, depois, torna-se mais difícil compreender. Isto porque os novos modelos da Lenovo (Yoga, IdeaPad, ThinkPad e ThinkBook) estão disponíveis com diferentes especificações e com três processadores diversos: AMD, Intel e Qualcomm (Snapdragon X). Pois então, qual escolher? O dilema faz-nos lembrar *O Paradoxo da Escolha,* do psicólogo norte-americano Barry Schwartz, que se debate com a incapacidade de se decidir por um par de calças de ganga perante a enormidade da oferta.

A marca aposta em oferecer opções de escolha, dizem-nos, porque os processadores têm características diferentes que se enquadram melhor ou pior no tipo de tarefa que se quer desempenhar. Uns são mais vocacionados para o meio empresarial (ThinkPad, ThinkBook), outros para uma utilização, digamos, mais recreativa (Yoga, IdeaPad).

A partir daqui, há que contar com as preferências de cada um; há quem prefira um *chip* da Intel, há quem ache que Snapdragon é coisa só de telemóveis – ainda que essas decisões sejam, tantas vezes, mais do foro emocional do que racional, já que todas as máquinas nos pareceram ágeis.

Ultrapassada esta estranheza, é relevante dizer que são computadores bem construídos. De um lado, o conhecido ThinkPad, "máquina de guerra" robusta; do outro, o ThinkBook, mais aprumado; o IdeaPad é prático, porque é um PC com um ecrã que roda 360º e se transforma num *tablet*; e o Yoga, fino e mais arredondado, parece piscar o olho a um público mais jovem – consulte as especificações técnicas dos novos equipamentos no *site* da Lenovo.

O Innovation World 2024 em Berlim foi ainda palco para a apresentação de um conceito a que chamaram Lenovo Auto Twist. Trata-se de um computador cujo ecrã roda nos dois eixos (ou seja, para cima e para baixo, para a direita e para a esquerda) de acordo com a posição do utilizador. É inegável que dá nas vistas.

A chinesa Lenovo é a maior fabricante mundial de computadores pessoais, com uma quota de mercado de quase 25%, de acordo com dados de 2023 disponíveis no Statista. O gigantismo da sua posição permite-lhe associar-se simultaneamente aos principais produtores mundiais de *chips*, explorando nessas parcerias as vantagens possíveis para os modelos dos diferentes segmentos.

E pouco ou nada importa para nós, consumidores, a luta que existe entre essas marcas, que "usam" a Lenovo para demonstrar a capacidade tecnológica. A Intel, por exemplo, apresentou também esta semana em Berlim o novo processador Intel Core Ultra 200V, que promete morder os calcanhares das concorrentes Qualcomm e AMD. A inteligência artificial revelou-se um combustível poderoso para a inovação e para a concorrência.

O Lenovo Innovation World decorreu à margem da IFA, tal como tem vindo a acontecer com outras grandes marcas (Samsung, Xiaomi, Microsoft, Google), que optam por destacar o lançamento de novos produtos fora da "confusão" do certame que enche a Messe de Berlim. A feira decorre entre 6 e 10 de Setembro.

Coluna portátil
Bose SoundLink Max: robusta na construção e no som

Grande sem ser enorme, pesada q.b. (um pouco mais de 2kg), a nova coluna portátil da Bose projecta de imediato a sensação de boa qualidade de construção. Disponível em preto e azul, foi lançada no início deste Verão com PVP de 450 euros. Além do preço elevado, outro senão irritante: o volume pode ser controlado na coluna ou através do telemóvel, mas o comportamento é diferente. Notámos que o ajuste da coluna é mais fino; quando estamos perto da coluna, o controlo do volume através do telemóvel não permite chegar a um nível confortável para manter uma conversação normal — ou seja, ou fica muito baixo ou demasiado alto. Algo que, esperamos, seja corrigido com uma actualização de *software*.

Com uma autonomia de 20 horas, possui porta USB-C que permite carregar o telemóvel. Resistente ao pó e aos salpicos (IP64), foi feita para usar na rua. Trata-se de uma coluna estéreo que toca bem (e alto) em espaços fechados, mas é ao ar livre que se percebe a distribuição do som exemplar. A assinatura sonora da Bose, conhecida pelo acento nos graves, produz um som rico e forte, que pode ser facilmente ajustado através da *app* da Bose.

Equipada com Bluetooth 5.3 e com *chip* Qualcomm, permite correr algoritmos de descompressão *lossless* ("sem perdas"). Esta tecnologia só funciona a partir dos dispositivos Android mais recentes. O Snapdragon Sound, como é designado, é também mais resiliente em ambientes com maior potencial de interferência rádio (Bluetooth e Wi-Fi).

O Verão está a terminar e o preço é alto para o nosso mercado, por isso não será má ideia ficar atento a promoções, já que a Bose SoundLink Max tem qualidade e vigor para durar muitos e bons anos.

Cinema

Lisboa

Cinema City Alvalade
Av. de Roma, 100. T. 214221030
Ryuichi Sakamoto: Coda M12. 19h35; **Dulcineia** 15h30; **Como Por Magia** 15h15, 21h35; **Crossing - A Travessia** M14. 19h20; **Elis & Tom: Só Tinha de Ser com Você** M12. 17h20; **Oh Lá Lá!** M12. 17h30; **Longing - À Descoberta do Passado** 17h10; **O Monge e a Espingarda** M12. 17h15, 21h45; **Motel Destino** M14. 13h20; **Terra Queimada** M12. 13h15; **Greice** 19h25; **Beetlejuice Beetlejuice** M12. 15h25, 21h40; **Pequenas Grandes Vitórias** 13h30, 15h20; **Daddio - Uma Noite em Nova Iorque** 13h25, 21h30

Cinema Fernando Lopes
Cp. Grande. T. 217515500
A Morte de Uma Cidade 21h15; **Beetlejuice Beetlejuice** M12. 19h

Cinema Ideal
Rua do Loreto, 15/17. T. 210998295
Breves Encontros M12. 14h45; **A Morte de Uma Cidade** 21h15; **24 Frames** M12. 19h; **Verdade ou Consequência?** 17h

Cinemas Nos Alvaláxia
R. Francisco Stromp. T. 16996
A Morte de Uma Cidade 18h55; **Dulcineia** 14h20, 16h45, 21h25; **Gru - O Maldisposto 4** M6. 14h10, 16h40 (VP); **Na Terra de Santos e Pecadores** 18h25; **Divertida-Mente 2** M6. 13h20, 15h40 (VP) 19h20, 21h35 (VO); **Podia Ter Esperado por Agosto** 13h40, 16h20, 18h50, 21h30; **Deadpool & Wolverine** M12. 14h, 17h10, 20h40, 23h40; **Isto Acaba Aqui** M12. 13h10, 16h, 19h, 21h50; **Super Wings O Filme: Velocidade Máxima** M6. 13h50, 16h15 (VP); **O Corvo** M16. 17h30; **Alien: Romulus** M16. 14h30, 21h10, 24h; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** 13h45, 16h30, 19h10, 21h40, 23h; **Cão e Gato** M6. 18h40 (VP); **Um Sinal Secreto** M14. 20h55, 23h10; **Beetlejuice Beetlejuice** M12. 13h30, 16h10, 18h45, 21h20, 23h50; **Zona de Risco** M14. 13h15, 15h50, 20h50, 23h30; **Pequenas Grandes Vitórias** 18h10, 20h45; **Daddio - Uma Noite em Nova Iorque** 13h25, 15h55, 18h30, 21h, 23h35

Cinemas Nos Amoreiras
C.C. Amoreiras. T. 16996
Como Por Magia 13h10, 15h20; **A Última Sessão de Freud** M12. 20h30, 23h20; **Gru - O Maldisposto 4** M6. 14h30, 17h20 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 13h40, 16h, 18h20 (VP); **Deadpool & Wolverine** M12. 14h, 17h10, 20h40, 23h40; **Oh Lá Lá!** M12. 20h50; **Isto Acaba Aqui** M12. 13h10, 15h55, 18h45, 21h35, 23h10; **Longing - À Descoberta do Passado** 18h, 21h10, 23h40; **Um Gato Com Sorte** M6. 13h20, 15h40 (VP); **Beetlejuice Beetlejuice** M12. 13h30, 16h, 18h30, 21h, 23h30; **Daddio - Uma Noite em Nova Iorque** 18h40, 21h30, 23h50

Cinemas Nos Colombo
Edifício Colombo. Av. Lusíada. T. 16996
Zona de Perigo 19h10, 21h50, 00h30; **A Menina da Comunhão** 00h20; **Gru - O Maldisposto 4** M6. 13h40, 16h20, 18h55 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 13h30, 15h50, 18h10 (VP); **Podia Ter Esperado por Agosto** 13h10, 16h10; **Deadpool & Wolverine** M12. 14h, 17h, 20h40, 23h50; **Isto Acaba Aqui** M12. 12h40, 15h40, 18h30, 21h40, 23h20; **Duchess Implacável** M16. 13h50, 16h30; **Alien: Romulus** M16. 18h45, 21h20, 24h; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** 20h50; **Um Sinal Secreto** M14. 21h10, 23h30; **Hellboy e o Homem Torto** 17h30, 18h30, 20h30, 21h10, 23h30; **Um Gato Com Sorte** M6. 13h, 15h20 (VP); **Beetlejuice Beetlejuice** M12. 12h50, 15h30, 18h, 21h, 23h40

Estreias

Beetlejuice Beetlejuice
De Tim Burton. Com Jenna Ortega, Michael Keaton, Monica Bellucci, Winona Ryder, Willem Dafoe, Danny DeVito. EUA. 2024. 104m. Comédia. M12.
Após a trágica morte do patriarca, as três gerações de mulheres da família Deetz retornam à casa de Winter River, onde outrora foram atormentadas por Beetlejuice, um fantasma muito peculiar que tinha como objectivo expulsá-los.

Cão e Gato
De Reem Kherici. Com Franck Dubosc, Reem Kherici, Philippe Lacheau, Inès Reg. CAN/FRA. 2024. 86m. Comédia, Aventura. M6.
Monica é dona de uma gata que é um sucesso nas redes sociais. Numa das suas viagens, ela cruza-se com Jack, cujo cão, apesar de ninguém saber, acabou de engolir um rubi, fruto de um roubo do dono. Quando os animais se perdem no aeroporto, os dois humanos veem-se obrigados a unir esforços para os encontrar.

Como Por Magia
De Christophe Barratier. Com Kev Adams, Gérard Jugnot, Claire Chust, Charlotte Des Georges. FRA. 2023. 93m. Comédia Dramática.
Victor é mágico e atravessa um bom momento da sua carreira. Mas ser muito requisitado tem o seu preço: com tantos espectáculos e apresentações, ele mal tem tempo para cuidar de Lison, a sua bebé. Depois de tentar, sem sucesso, encontrar alguém apropriado para o ajudar, ele vê-se forçado a pedir ajuda ao sogro.

Daddio - Uma Noite em Nova Iorque
De Christy Hall. Com Dakota Johnson, Sean Penn, Marcos A. Gonzalez, Zola Lloyd, Shannon Gannon. EUA. 2023. 100m. Drama.
Uma mulher sai do Aeroporto Internacional JFK, em Nova Iorque, e entra num táxi. Durante a viagem até casa, ela inicia uma conversa inesperada com Clark, um motorista com anos de experiência em decifrar o que as pessoas não têm coragem de verbalizar.

Dulcineia
De Artur Serra Araújo. Com António Parra, Alba Baptista, Ana Cunha, Nuno Nunes. POR. 2023. 88m. Drama.
Baseado no romance "O Ano Sabático", da autoria de João Tordo, este filme acompanha Hugo, um contrabaixista que viveu em Marrocos durante treze anos e que agora regressa ao Porto. Hugo fica chocado quando, durante um concerto de piano, o artista começa a tocar uma música composta por si.

Pequenas Grandes Vitórias
De Mélanie Auffret. Com Michel Blanc, Julia Piaton, Lionel Abelanski, Marie Bunel. FRA. 2023. 89m. Comédia.
Oriundo de uma família com poucos recursos, Émile não sabe ler. Mas agora que passou dos sessenta, está convicto de que é chegado o momento de aprender.

Zona de Risco
De William Eubank. Com Liam Hemsworth, Russell Crowe, Luke Hemsworth, Ricky Whittle, Milo Ventimiglia. EUA. 2024. 113m. Thriller. M14.
Quando, durante uma missão de resgate, uma equipa de operações especiais norte-americana é rodeada pelo inimigo no sul das Filipinas, Kinney, um oficial na sua segunda missão, é separado dos seus companheiros. A única esperança de salvação está nas orientações de um piloto de drones, que lhe vai dando indicações sobre o que fazer.

Dulcineia

As estrelas

	Jorge Mourinha	Luís M. Oliveira	Vasco Câmara
Alien — Romulus	★★☆☆☆	—	★★☆☆☆
Beetlejuice, Beetlejuice	—	—	★★★☆☆
Breves Encontros	★★★★☆	★★★★☆	★★★★☆
Bruno Reidal- As Confissões...	★★★☆☆	★★★☆☆	★★★☆☆
Daddio, uma Noite em Nova Iorque	—	★☆☆☆☆	—
Dulcineia	—	★☆☆☆☆	—
Greice	★★★☆☆	★★★☆☆	—
O Longo Adeus	★★★★★	★★★★★	★★★★★
O Monge e a Espingarda	★★☆☆☆	★★☆☆☆	—
Nas Sombras	★★★★☆	★★★★☆	★★★★☆
Na Terra de Santos e Pecadores	—	★★★☆☆	★★★☆☆
Terra Queimada	★★★★☆	★★★★☆	★★★★☆
Verdade ou Consequência?	★★★★☆	★★★★☆	★★★☆☆
24 Frames	★★★☆☆	★★★★☆	★★★☆☆

● Mau ★☆☆☆☆ Medíocre ★★☆☆☆ Razoável ★★★☆☆ Bom ★★★★☆ Muito Bom ★★★★★ Excelente

Cinemateca Portuguesa
R. Barata Salgueiro, 39. T. 213596200
A Casa da Felicidade M12. 21h30; **Aqueles Longos Dias** 15h30; **Via Norte + Engine** M12. 19h; **La Présence Réelle** 19h30

Medeia Nimas
Av. 5 Outubro, 42B. T. 213142223
A Flauta Mágica 17h; **O Olho do Diabo** 15h; **Dulcineia** 19h30; **Bruno Reidal - Confissões de um Assassino** 13h; **Beetlejuice Beetlejuice** M12. 22h

UCI Cinemas - El Corte Inglés
Av. Ant. Aug. Aguiar, 31. T. 213801400
A Menina da Comunhão 23h55; **Dulcineia** 19h10, 21h20; **Como Por Magia** 14h10, 16h45, 19h25; **A Última Sessão de Freud** M12. 13h35, 18h35; **Na Terra de Santos e Pecadores** 19h30, 21h55, 00h20; **Divertida-Mente 2** M6. 13h40, 16h, 18h30 (VP) 21h10 (VO); **Podia Ter Esperado por Agosto** 13h20, 18h40; **Deadpool & Wolverine** M12. 15h50, 21h25, 23h50; **Elis & Tom: Só Tinha de Ser com Você** M12. 14h35, 17h05 (VP); **Oh Lá Lá!** M12. 14h20, 16h55, 19h15, 21h25; **Isto Acaba Aqui** M12. 13h25, 16h10, 18h55, 21h45; **Alien: Romulus** M16. 13h50, 16h40, 19h20, 21h55; **Cão e Gato** M6. 14h05, 16h20 (VP); **Um Sinal Secreto** M14. 16h35, 21h40; **Campeões 2** 13h45, 19h; **Longing - À Descoberta do Passado** 16h15, 21h35; **Hellboy e o Homem Torto** 17h, 22h, 00h05; **O Monge e a Espingarda** M12. 13h30, 19h05; **Um Gato Com Sorte** M6. 14h35, 17h05 (VP); **Beetlejuice Beetlejuice** M12. 14h, 16h30, 19h, 21h30, 21h50, 00h15; **Pequenas Grandes Vitórias** 16h25, 21h15; **Daddio - Uma Noite em Nova Iorque** 14h25, 16h50, 19h15, 21h40, 00h15; **Sem Ar** 00h25

Almada

Cinemas Nos Almada Fórum
R. Sérgio Malpique 2. T. 16996
A Menina da Comunhão 23h10; **Gru - O Maldisposto 4** M6. 13h15, 16h05, 18h40 (VP); **Na Terra de Santos e Pecadores** 20h25, 23h; **Divertida-Mente 2** M6. 13h, 15h40, 18h05 (VP) 20h30, 22h50 (VO); **Deadpool & Wolverine** M12. 12h30, 15h15, 18h10, 21h, 23h45 ; **Oh Lá Lá!** M12. 13h50, 16h20, 19h, 21h10; **Isto Acaba Aqui** M12. 12h20, 15h05, 17h55, 20h45, 23h35; **O Corvo** M16. 20h55, 23h40 ; **Alien: Romulus** M16. 12h50, 15h30, 18h25, 21h05, 00h05; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** 12h55, 15h25, 18h45, 21h20, 23h55; **Cão e Gato** M6. 13h20, 15h20; **Um Sinal Secreto** M14. 12h50, 15h10, 17h30, 20h20, 22h40; **Um Gato Com Sorte** M6. 12h55 (VP); **Beetlejuice Beetlejuice** M12. 3h10, 15h35, 18h, 20h50, 23h20 ; **Zona de Risco** M14. 13h05, 16h10, 18h50, 21h30, 00h10; **Pequenas Grandes Vitórias** 17h20, 19h30, 21h45, 23h50; **Daddio - Uma Noite em Nova Iorque** 15h55, 18h20, 20h40; **Beetlejuice Beetlejuice** M12. 13h40, 16h, 18h30, 21h40, 24h (4DX)

Cascais

Cinemas Nos CascaiShopping
Estrada Nacional. T. 16996
A Menina da Comunhão 23h; **Gru - O Maldisposto 4** M6. 12h40, 15h20 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 13h30, 16h30, 19h (VP) 18h10, 20h40 (VO); **Deadpool & Wolverine** M12. 14h, 16h50, 20h10, 22h50; **Isto Acaba Aqui** M12. 12h50, 16h, 18h50, 22h; **Alien: Romulus** M16. 18h30, 21h10; **Um Sinal Secreto** M14. 21h45; **Beetlejuice Beetlejuice** M12. 13h15, 16h15, 18h40, 21h30; **Zona de Risco** M14. 14h30, 17h30, 20h20; **Daddio - Uma Noite em Nova Iorque** 13h, 15h30; **Beetlejuice Beetlejuice** M12. 14h15, 17h10, 20h, 22h40 (IMAX)

Loures

Cineplace - Loures Shopping
Quinta do Infantado, Loja A003.
A Morte de Uma Cidade 19h10; **Gru - O Maldisposto 4** M6. 15h10, 17h10 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 13h, 15h, 17h10, 19h20 (VP); **Deadpool & Wolverine** M12. 21h30; **Isto Acaba Aqui** M12. 21h30; **Super Wings O Filme: Velocidade Máxima** M6. 13h10 (VP); **Duchess Implacável** M16. 19h10; **Alien: Romulus** M16. 19h20; **Cão e Gato** M6. 13h, 15h50, 17h40 (VP); **Ozi: A Voz da Floresta** M6. 15h10, 17h10 (VP); **Campeões 2** 12h40; **Hellboy e o Homem Torto** 21h50; **Um Gato Com Sorte** M6. 12h10, 13h50, 15h40, 17h30 (VP); **Beetlejuice Beetlejuice** M12. 13h, 15h10, 17h20, 19h30, 21h40; **Zona de Risco** M14. 19h30, 21h50; **Daddio - Uma Noite em Nova Iorque** 21h30

Lazer

TEATRO

Heisenberg - O Princípio da Incerteza

LISBOA Teatro Aberto.
A partir de 6/9. Quarta e quinta, às 19h; sexta e sábado, às 21h30; domingo, às 16h. M/14. 17€

A teoria desenvolvida pelo físico alemão Werner Karl Heisenberg (1901-1976) serve de pano de fundo à peça do Teatro Aberto, escrita por Simon Stephens e levada às tábuas na versão do encenador João Lourenço, segundo a dramaturgia de Vera San Payo de Lemos. Esse princípio da incerteza – que, revela a sinopse, define que "não se consegue determinar ao mesmo tempo a posição e o movimento de uma partícula com total precisão" – é aqui aplicado ao encontro de dois desconhecidos, um homem e uma mulher, "solitários e contraditórios", numa estação de comboios em Londres. Poderá a imprecisão dar lugar à esperança e à oportunidade de construir uma nova vida, "um dia de cada vez"? A interpretação é de Ana Guiomar e Virgílio Castelo.

GASTRONOMIA

Semana do Carapau

SETÚBAL Vários locais.
De 30/8 a 8/9.

Nesta corrida de dez dias consecutivos, o carapau é o rei das ementas nas 47 casas sadinas que se associaram à causa, em mais um momento do ciclo de eventos gastronómicos Setúbal – Terra de Peixe, que tem festas dedicadas também ao choco, à sardinha, à cavala, à ostra e ao salmonete, entre outras riquezas do mar. A iniciativa é organizada pelo município, com o apoio da Docapesca, Casa Agrícola Horácio Simões, Rota de Vinhos Península de Setúbal e Comissão Vitivinícola Regional da Península de Setúbal.

Festas do Pescador

ALBUFEIRA Praça dos Pescadores. De 6/9 a 8/9, das 18h à 1h. Entrada livre

Há 25 anos que a tradição se cumpre para celebrar as raízes desta antiga vila piscatória. A par de iguarias como o xerém, os choquinhos com tinta, o marisco, os carapaus alimados, a feijoada de búzios, a cataplana, a caldeirada de peixe ou a doçaria, há concertos de música popular e um festival de folclore.

Jogos

Jogue também online. Palavras-cruzadas, bridge e sudoku em publico.pt/jogos

EuroDreams

1.º Prémio 20.000€/mês x 30 anos

Esta informação não dispensa a consulta da lista oficial de prémios

Lotaria Popular

1.º Prémio 50.000€

Esta informação não dispensa a consulta da lista oficial de prémios

Cruzadas 12.545

Paulo Freixinho
palavrascruzadas@publico.pt

Horizontais: 1. Quer alargar prazo do aborto. Todo-o-terreno (abrev.). **2.** O dó antigo. "De linho mordido, nunca bom (...)". Acreditar. **3.** Agência Portuguesa do Ambiente. Bário (s. q.). Pronome pessoal masculino. **4.** Torre (...), onde, em 2017, ocorreu um incêndio devastador (Londres). Preposição que indica lugar. **5.** Acidente morfológico que é típico das regiões cársicas. Observavam. **6.** Atilho. Interjeição que designa cansaço. Tu e eu. **7.** Prefixo que exprime a ideia de privação. Regressar. Frasqueira. **8.** Símbolo de quilograma. Indivíduo pertencente a uma casta nobre, na Índia. Érbio (s. q.). **9.** Eles. Ignorante. **10.** (...) Simões Pereira, presidente do Parlamento guineense. Sociedade Anónima. **11.** Que tem ou produz emoção.

Verticais: 1. O ente consciente. Festa solene. Hino. **2.** Empresa de Elon Musk que oferece serviços de internet através de uma constelação de satélites em órbita. Ordem dos Médicos. **3.** O ponto mais fundo de um rio, lago, etc., onde não se tem pé. Divisão natural da polpa de certos frutos. **4.** Vaidosa. Textualmente (adv.). **5.** Um dos ditongos da língua portuguesa. Desfrutar. Letra grega correspondente ao n. **6.** Peça de vestuário caseira. Polho. **7.** Início do crepúsculo matutino. Elemento químico gasoso, utilizado em tubos luminosos. **8.** Antes de Cristo. Decifrei. Acaba. **9.** Prefixo (repetição). Nome feminino. **10.** Estudo não encontrou ligação entre o uso destes e cancro no cérebro. **11.** Comboio (Brasil). Fazer serão.

Solução do problema anterior

Horizontais: 1. Titanic. Mas. **2.** Areiam. Sé. **3.** Sair. Apodar. **4.** Mongólia. **5.** Amasse. Ocas. **6.** Ms. **7.** Ano. Il. Cl. **8.** Filadélfia. **9.** Ia. Dita. NBA. **10.** Kuleba. Av. **11.** Rola. Rabelo.

Verticais: 1. Tasca. Afiar. **2.** Ira. Mania. **3.** Teima. Ol. Kl. **4.** Airoso. Adua. **5.** Na. Ns. Edil. **6.** Imagem. Éter. **7.** Pó. Silaba. **8.** Solo. If. Ab. **9.** Médico. In. **10.** AAA. Cabal. **11.** Ser. Sul. Avo.

Bridge

João Fanha
fanhabridge.pt

Dador: Oeste
Vul: NS

Leilão: Equipas ou partida livre (IMPs).

Carteio: Saída: K ♦. Depois de fazer a primeira vaza, Oeste insiste com a Dama de ouros. Qual é o seu plano para cumprir este contrato, sabendo que a vaza a mais não é importante?

Solução: Se cortar com o 4 de copas, para jogar de seguida o Ás e o Rei de copas, as coisas vão-se complicar. Os trunfos estão 3-1 e ficará apenas com uma forma de aceder à mão de Sul, que é através do naipe de trunfo, mas a defesa forçará com mais um ouro para cortar essa ligação. É possível fazer bem melhor.

Corte o segundo ouro com o Ás de copas e jogue o 4 de trunfo para o 7 de Sul. Tendo feito a vaza (não é melhor para a defesa fazer a Dama já), jogue agora uma espada para o 10. O adversário em Este faz a Dama de espadas e insiste em ouros. Corte com o 8 de copas e tire o Rei de copas e Ás, Rei e Dama de paus antes de dar a mão a Este em trunfo. Em mão, Este não terá melhor do que jogar o seu último pau. Corte em Sul e balde o 4 de espadas do morto. Por fim, como seria de esperar, uma espada para o Valete faz e as dez vazas estão feitas.

Considere o seguinte leilão:

Oeste	Norte	Este	Sul
		4 ♠	?

O que marca em Sul com a seguinte mão?
♠ AK6 ♥ J10983 ♦ KQ954 ♣ -

Resposta: Marque 4ST. Esta voz serve para mostrar comprimento em dois naipes quaisquer. Dobrar e corrigir 5P para 5O pode ter uma mensagem semelhante mas com uma mão mais forte e se calhar não tão desbalançada. 4ST é directo e objectivo.

Não deixe de experimentar os nossos problemas online, em www.publico.pt. Ainda não é obrigatório ser assinante, basta efectuar o registo do seu nome e endereço de email. Carteio ou leilão, tem à sua disposição centenas de desafios!

Sudoku

Problema 12.854 (Fácil)

Solução 12.852

2	5	7	8	3	9	1	6	4
4	3	1	7	6	2	9	5	8
9	6	8	1	5	4	3	7	2
8	7	4	2	9	6	5	3	1
5	2	3	4	1	7	6	8	9
6	1	9	3	8	5	2	4	7
1	8	6	9	4	3	7	2	5
7	9	5	6	2	8	4	1	3
3	4	2	5	7	1	8	9	6

Problema 12.855 (Muito Difícil)

Solução 12.853

3	2	4	6	1	7	8	5	9
1	5	7	8	4	9	3	6	2
6	8	9	3	5	2	4	1	7
7	6	1	5	9	4	2	3	8
9	3	8	2	7	6	5	4	1
2	4	5	1	3	8	7	9	6
4	9	6	7	2	5	1	8	3
5	7	3	9	8	1	6	2	4
8	1	2	4	6	3	9	7	5

CINEMA

Uma Vida Singular
TVCine Top, 21h30
Estreado no Festival de Cinema de Toronto em 2023, este drama biográfico foi realizado por James Hawes e tem por base a história verídica de Nicholas Winton (1909-2015), também conhecido como o "Schindler britânico". Anthony Hopkins e Johnny Flynn assumem o papel principal nas duas fases de vida que o filme intercala. O elenco conta ainda com Lena Olin, Romola Garai, Alex Sharp, Jonathan Pryce e Helena Bonham Carter.

Batman v Super-Homem: O Despertar da Justiça
AXN, 22h
O Super-Homem transformou-se numa figura polémica. Muitos acreditam que é um símbolo de esperança; outros, como Bruce Wayne, que é uma ameaça. O embate entre os dois é inevitável. Mas, quando ficam absortos na luta, emerge um novo perigo que coloca a Terra na iminência da destruição. Com realização de Zack Snyder e argumento de Chris Terrio e David S. Goyer, o filme conta com interpretações de Ben Affleck, Henry Cavill, Gal Gadot, Amy Adams, Jesse Eisenberg, Jeremy Irons, Holly Hunter, Laurence Fishburne e Diane Lane.

Kill Bill - A Vingança
Cinemundo, 22h30
Uma Thurman veste o macacão amarelo da mulher sedenta de fazer justiça e servir vingança sangrenta, como protagonista do épico em dois volumes de Quentin Tarantino. São emitidos em maratona, com o segundo a começar às 00h20.

O Outro Lado da Esperança
RTP2, 23h01
O finlandês Aki Kaurismäki aplica o seu estilo cómico seco à crise dos refugiados, sem pudor em mostrar o racismo e a violência a que os migrantes podem estar sujeitos. O filme centra-se em Khaled (Sherwan Haji), um mecânico sírio que acaba em Helsínquia, e na sua interacção com um vendedor de camisas itinerante (Sakari Kuosmanen). Este ganha uma quantia assinalável a jogar póquer e compra um restaurante, onde acaba por empregar Khaled.

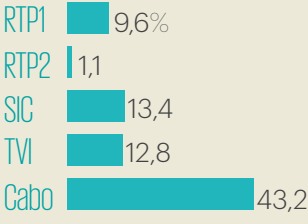
Anatomia de Uma Queda
TVCine Top, 23h20
Samuel é encontrado morto após cair da varanda da sua casa, situada nos Alpes franceses, onde vivia com a mulher, Sandra, uma famosa escritora alemã, e Daniel, o filho de 11 anos de ambos. Quando as autoridades chegam para tomar conta da ocorrência, a dúvida instala-se: terá sido acidente, suicídio ou homicídio? Depois de algumas inconsistências no seu testemunho, Sandra torna-se suspeita de assassinato. Este drama de tribunal de Justine Triet foi o vencedor da Palma de Ouro no Festival de Cannes em 2023 e esteve nomeado para cinco Óscares, acabando por ganhar o de melhor argumento, co-escrito pelo realizador e Arthur Harari.

Televisão

Os mais vistos da TV
Quarta-feira, 1

	%	Aud.	Share
Jornal da Noite	SIC	8,8	16,7
Festa é Festa VIII	TVI	8,7	18,6
O Preço Certo	RTP1	8,6	16,6
Jornal Nacional	TVI	7,6	14,3
Big Brother - Diario	TVI	7,4	14,2

FONTE: CAEM

RTP1	9,6%
RTP2	1,1
SIC	13,4
TVI	12,8
Cabo	43,2

RTP1

6.00 Bom Dia Portugal **10.00** Praça da Alegria **12.59** Jornal da Tarde **14.23** Amor sem Igual **15.20** A Nossa Tarde **17.30** Portugal em Directo

19.07 O Preço Certo

19.59 Telejornal

21.01 Entre o Mar e a Terra

21.38 Joker

22.38 Curral de Moinas - Os Banqueiros do Povo

23.32 Festival F

4.01 Amor sem Igual

RTP2

6.00 A Fé dos Homens **6.32** Repórter África **7.00** Afazeres do Mês **7.06** Espaço Zig Zag **8.55** Jogos Paralímpicos de Verão - Paris **12.32** Espaço Zig Zag **12.57** Esec Tv **13.29** Conversas Abertas na Universidade **14.02** O Substituto**15.35** A Fé dos Homens **16.11** Espaço Zig Zag **18.00** Jogos Paralímpicos de Verão - Paris **21.02** Folha de Sala **21.06** Terra de Leões **21.30** Jornal 2 **22.01** Hotel à Beira-Mar **22.51** Folha de Sala

23.01 O Outro Lado da Esperança

0.41 Jogos Paralímpicos de Verão - Paris

2.16 Jantar Indiscreto

3.01 Folha de Sala **3.08** Grandes Quadros Portugueses **3.34** Afazeres do Mês **3.38** Super Diva - Ópera para Todos **4.31** Mais do Que Aparentam! **5.24** Folha de Sala **5.31** Nada Será Como Dante **5.59** A Fé dos Homens

SIC

6.00 Edição da Manhã **8.10** Alô Portugal **9.40** Casa Feliz **12.59** Primeiro Jornal **14.25** Querida Filha **16.10** Linha Aberta **16.45** Júlia **18.40** Terra e Paixão

19.57 Jornal da Noite

22.10 A Promessa

22.55 Senhora do Mar

0.10 Nazaré

0.50 Papel Principal

1.05 Travessia

1.45 Passadeira Vermelha

TVI

6.15 Diário da Manhã **9.55** Dois às 10 **12.58** TVI Jornal **14.00** TVI - Em Cima da Hora **14.30** A Sentença

16.05 A Herdeira

16.40 Goucha

17.45 Dilema

19.57 Jornal Nacional

21.20 Dilema

22.10 Cacau

23.10 Festa É Festa **0.00** Dilema **2.00** Sedução

TVCINE TOP

18.10 Ácido **19.50** O Gato das Botas: O Último Desejo **21.30** Uma Vida Singular **23.20** Anatomia de Uma Queda

STAR MOVIES

17.41 Rio Lobo **19.29** Eu Julgava-o Morto, Mr. Jake **21.15** A Justiça de Jesse James **22.43** Django **0.11** 100 Armas ao Sol

HOLLYWOOD

17.20 Déjà Vu **19.25** Warcraft: O Primeiro Encontro de Dois Mundos **21.30** Mestres da Ilusão 2 **23.35** Mentes Poderosas **1.20** Ruptura

AXN

17.42 The Rookie **21.06** Hudson & Rex **22.00** Batman v Super-Homem: O Despertar da Justiça **0.33** Meg: Tubarão Gigante

STAR CHANNEL

17.18 Investigação Criminal: Los Angeles **18.54** FBI **20.36** Hawai Força Especial **22.15** Sicario - Infiltrado **0.40** Sicário: Guerra de Cartéis

DISNEY CHANNEL

17.15 A Maldição de Molly McGee **18.05** Vamos Lá, Hailey! **18.55** Hamster & Gretel **19.40** Os Green na Cidade Grande **20.50** Lilo e Stitch

DISCOVERY

17.18 Mestres do Restauro **19.07** Aventura à Flor da Pele XL **21.00** Controlo de Fronteiras: Suécia **22.52** Controlo de Fronteiras: Polónia **0.32** Controlo de Fronteiras: Suécia

HISTÓRIA

17.01 Top 10 da Antiguidade **18.21** Antigo Egipto: Crónicas de Um Império **20.07** A Comida Que Mudou o Mundo **22.16** Assaltos Históricos com Pierce Brosnan **23.43** Antigo Egipto: Crónicas de Um Império

ODISSEIA

17.40 Resgate de Animais Bebés **18.31** Salvar o Paraíso **19.26** Patagónia, Vida nos Confins do Mundo **20.49** Viver Em Território Extremo **21.36** Parques Naturais de Portugal **22.31** Serenguéti **23.26** Uma Quinta, 9 Filhos e 1.000 Ovelhas **1.00** Parques Naturais de Portugal

SÉRIE

O Substituto
RTP2, 14h02
O *rapper* e actor Didier "JoeyStarr" Morville protagoniza esta série francesa centrada num professor de estilo e métodos pouco ortodoxos que é incumbido de ensinar a pior turma de uma escola secundária. Fica em exibição de segunda a sexta.

DOCUMENTÁRIOS

Crimes em Atlanta
AMC Crime, 15h
Estreia. Ao longo de oito episódios, para ver semanalmente aos pares, expõem-se casos de homicídio que reflectem o lado mais obscuro da cidade norte-americana e evidenciam o crescente fosso social "entre aqueles que estão dispostos a matar pela boa vida e aqueles que estão dispostos a matar para a manter", explica o canal. A análise de cada história faz-se com recurso a relatos de jornalistas, testemunhas, familiares e investigadores que estiveram directamente envolvidos nos casos.

Ricardo e a Pintura
TVCine Edition, 22h
O realizador suíço-iraniano Barbet Schroeder, que começou no cinema como produtor da *nouvelle vague* francesa, traça um retrato do artista argentino e seu amigo Ricardo Cavallo (n. 1954, Buenos Aires). Atravessando a América do Sul e a Europa, o filme tenta contar as histórias do pintor nascido em 1954, que estudou nas Belas-Artes em Paris e acabou a morar numa aldeia bretã, onde ensina crianças.

Surf Social Club
Globoplay, *streaming*
O surf como agente de mudança e integração social. Eis o tema desta série documental sobre "o surgimento e crescimento de escolas de surf ligadas a projectos sociais em comunidades carentes e periferias de centros urbanos brasileiros", descreve a Globo.

Guia

Meteorologia

TEMPERATURAS ºC

	Min.	Máx.		Min.	Máx.
Amesterdão	16	24	Roma	18	30
Atenas	23	33	Viena	15	28
Berlim	17	30	Bissau	24	30
Bruxelas	14	20	Buenos Aires	12	20
Bucareste	18	29	Cairo	25	35
Budapeste	17	30	Caracas	20	30
Copenhaga	16	26	Cid. do Cabo	10	16
Dublin	14	21	Cid. do México	15	23
Estocolmo	12	22	Díli	22	32
Frankfurt	15	25	Hong Kong	27	29
Genebra	14	24	Jerusalém	20	30
Istambul	20	30	Los Angeles	27	37
Kiev	14	28	Luanda	20	27
Londres	15	22	Nova Deli	26	31
Madrid	13	26	Nova Iorque	19	24
Milão	18	27	Pequim	19	27
Moscovo	10	23	Praia	25	29
Oslo	14	27	Rio de Janeiro	20	25
Paris	16	23	Riga	11	25
Praga	16	28	Singapura	28	33

MARÉS — Preia-mar · Baixa-mar · *de amanhã

Leixões	m	Cascais	m	Faro	m
Baixa-mar 11h25	0,8	Baixa-mar 10h57	0,9	Baixa-mar 10h51	0,8
Preia-mar 17h38	3,3	Preia-mar 17h12	3,3	Preia-mar 17h21	3,2
Baixa-mar 23h46	0,8	Baixa-mar 23h17	0,9	Baixa-mar 23h11	0,8
Preia-mar 05h54*	3,1	Preia-mar 05h29*	3,1	Preia-mar 05h35*	3,1

Fontes: AccuWeather; Instituto Hidrográfico; QualAR/Agência Portuguesa do Ambiente; NOAA-ESRL

JOSÉ SENA GOULÃO/LUSA

Cristiano Ronaldo concluiu painel de 900 "azulejos"

A selecção nacional bateu a Croácia no primeiro jogo da Liga das Nações, com o "capitão" português a chegar a um número histórico de golos

Crónica de jogo

Augusto Bernardino

Portugal entrou com um triunfo importante no arranque da Liga das Nações, batendo a Croácia por 2-1, com golos de Dalot e Ronaldo, posicionando-se da melhor forma no Grupo A1, que apura para os "quartos" os dois primeiros classificados.

Inspirado no equipamento, Ronaldo deu mais uma pincelada na obra-prima de maior goleador da história do futebol, colocando o 900.º "azulejo" num painel pintado a golos.

Roberto Martínez surpreendeu quando anunciou o "onze" inicial, de que não constava nenhum médio defensivo, surgindo antes o ala Pedro Neto – jogador entre os titulares com menos minutos de competição.

Nesse momento ganhou força a narrativa de uma selecção empenhada em mandar na bola, precisamente o que não tinha conseguido no particular do Jamor frente aos croatas, confiando essa missão a homens exímios na arte de "esconder o couro", como Vitinha, Bruno Fernandes e Bernardo Silva. Uma opção com riscos associados, mas que Portugal procurou reduzir ao transformar Pedro Neto num engodo, ficando o extremo de guarda ao corredor enquanto Diogo Dalot se aventurava em terrenos mais adiantados.

E foram precisamente duas diagonais de Dalot a denunciarem o desconforto de uma Croácia sustentada em dois blocos, com cinco defesas e uma linha de quatro em que Modric avançava para apoiar Kramaric.

Da primeira resultou uma ameaça consumada com o remate de Bruno Fernandes para defesa de Livakovic. Na segunda, a dupla de Manchester rompeu a barreira do som da Luz – Bruno assistiu e Diogo fez o golo.

Em apenas sete minutos, Portugal conseguia o primeiro objectivo, colocando-se na frente do marcador. Mas havia ainda outro passo fundamental a dar, sendo que a Croácia não é propriamente um adversário submisso ou resignado perante a primeira adversidade. Modric e companhia fizeram questão de vincar esse traço de carácter e Portugal foi brevemente chamado a mostrar uma faceta menos inebriante e um pouco mais operária.

Apesar da declaração de intenções croata, Portugal voltou ao acelerador e Cristiano deixou, de imediato, a promessa de cravar o 900.º golo da carreira, número só ao alcance dos eleitos. Indiferente à voracidade do "capitão" português, Livakovic prolongou por mais uns instantes o jejum iniciado por Ronaldo no Alemanha 2024 com uma defesa de andebol.

Mas o guarda-redes de José Mourinho nada pôde fazer quando Nuno Mendes cruzou para a finalização impecável (34') de CR7.

Portugal era imenso, num suave azulejo, como no "Fado Tropical" de Chico Buarque, apesar de os números da noite indiciarem um equilíbrio que a Croácia reforçou com um autogolo de Diogo Dalot (41') praticamente a caminho dos balneários, ainda com o estrondo da bola de Pedro Neto à barra a ferir os tímpanos.

Em vantagem, Martínez repensou a estratégia e começou o segundo acto sem os alas Neto e Leão, equilibrando a equipa defensivamente com João Neves e Nelson Semedo. A Croácia já tinha mostrado as garras e era preciso evitar uma réplica.

Mas para uma gestão perfeita faltava o conforto de uma almofada: um golo que Ronaldo perseguiu, mas que Livakovic não autorizou. Nem ao "capitão", nem a Bruno Fernandes, os mais empenhados. Os croatas também não desarmavam no ataque, construindo situações suficientes para evitar a derrota depois de um Europeu de má memória, em que a equipa de Dalic não passou da fase de grupos. E foi já com o acumular do cansaço dos nervos que Portugal acabou por selar um triunfo sofrido na parte final, aligeirado pelo regresso de Pedro Gonçalves à selecção.

Portugal 2
Diogo Dalot 7', Cristiano Ronaldo 34'

Croácia 1
Diogo Dalot 41' p.b.

Estádio da Luz, emLisboa.

Portugal Diogo Costa; Diogo Dalot, Rúben Dias, Gonçalo Inácio (António Silva, 77'), Nuno Mendes; Bernardo Silva, Vitinha (Pedro Gonçalves, 90'), Bruno Fernandes; Pedro Neto (Nelson Semedo, 46'), Cristiano Ronaldo (Diogo Jota, 88'), Rafael Leão (João Neves, 46'). **Treinador** Roberto Martínez

Croácia Livakovic; Jakic (Perisic, 76'), Sutalo, Pongracic (Caleta-Car, 46'), Gvardiol, Sosa; Pasalic (L. Sucic, 67'), Modric 72' (P. Sucic, 77'), Kovacic, Baturina (Matanovic, 61'); Kramaric. **Treinador** Zlatko Dalic

Árbitro Umut Meler (Turquia)
VAR Bastian Dankert (Alemanha)

Positivo/Negativo

+ Cristiano Ronaldo
Se não fosse por mais nada, a marca alcançada na Luz bastaria para ser o grande destaque da noite.

Diogo Dalot
Abriu caminho com um golo num jogo em que acabou por ser traído por um desvio para a própria baliza.

Bruno Fernandes
Ameaça que só Livakovic conseguiu anular. Foi dos mais objectivos.

− Vitinha
Abandonou por lesão aos 90 minutos. Falta confirmar se é baixa para o encontro com a Escócia.

Calendário e Classificações

GRUPO A1

Jornada 1

Portugal - Croácia	2-1
Escócia - Polónia	2-2

	J	V	E	D	M-S	P
Portugal	1	1	0	0	2-1	3
Polónia	1	0	1	0	2-2	1
Escócia	1	0	1	0	2-2	1
Croácia	1	0	0	1	1-2	0

GRUPO A4

Jornada 1

Dinamarca - Suiça	2-0
Sérvia - Espanha	0-0

	J	V	E	D	M-S	P
Dinamarca	1	1	0	0	2-0	3
Sérvia	1	0	1	0	0-0	1
Espanha	1	0	1	0	0-0	1
Suiça	1	0	0	1	0-2	0

Bruno Lage no Benfica, uma escolha que não edifica nem destrói

Lage é uma escolha que não desagradará por ser incapaz, mas também não empolgará por ser um mágico. E fez por estar neste limbo, com uma carreira assim-assim por onde passou

Diogo Cardoso Oliveira

"Coisa que não edifica nem destrói (...) que não inflama nem regala" é uma frase de Machado de Assis, colocada por Ricardo Araújo Pereira na esfera da literatura portuguesa, e que não andará longe daquilo que os benfiquistas sentem, por estes dias, com a escolha de Bruno Lage para novo treinador da equipa masculina de futebol.

O técnico foi apresentado ontem como o novo líder da equipa e poderá ser uma escolha que não edifica nem destrói, que não inflama nem regala. Bruno Lage é uma escolha que não desagrada por ser um incompetente, mas também não empolga por ser um mágico dos bancos. Para uns, é uma delas. Para outros, é a outra. Para outros ainda pode não ser nenhuma delas. E Lage fez por estar neste limbo.

Não é fácil definir a carreira de treinador de Bruno Lage. Por isso, vamos a factos: Bruno Lage é o homem que levou o Benfica ao título em 2018/19, recuperando de sete pontos de desvantagem. Mas também é o homem que levou o Benfica ao fracasso em 2019/20, perdendo os mesmos sete pontos de vantagem, numa fase em que os "encarnados" já andavam a namorar Jorge Jesus. E quem tem boa memória lembra-se do Lage dos sete perdidos, mas também dos sete recuperados.

Mas há mais factos: um deles diz-nos que Lage não teve nenhum trabalho verdadeiramente competente no pós-Benfica. Outro diz-nos que foi ele quem apostou em jovens jogadores, nomeadamente João Félix, mostrando estar alinhado com o preceito do clube a nível de estratégia desportiva.

Criou o miúdo ou o miúdo criou-o a ele?

A 3 de Janeiro de 2019, quando foi chamado a assumir uma equipa destroçada nas mãos de Rui Vitória, Lage teve de ir de carro até ao Seixal já depois do sol-posto.

No caminho até lá, disse ter "tomado a decisão de apostar no miúdo". É pura verdade ou embelezamento da narrativa? Nunca saberemos, mas, para o caso, também não é relevante. O que importa é que apostou em João Félix e esse é um momento que ajuda a definir a carreira de Bruno Lage.

Por um lado, quem quer suportar a competência do técnico pode dizer que só alguém de alto nível teria a coragem, a sagacidade e o engenho de lançar Félix numa equipa destroçada, rodear o craque e criar condições para que ele ajudasse a equipa a ir buscar sete pontos e ser campeã.

Na altura, foi Félix quem fez funcionar um 4x4x2 que precisava de alguém capaz de jogar entre linhas e ver o jogo de frente, tendo também chegada à área, presença na zona de definição – e não apenas na criação – e capacidade de finalização.

Félix foi tudo isso e, num sistema tão especial como o 4x4x2, o "falso nove", a par do segundo médio, definem a "cola" que existe ou não na dinâmica colectiva. E Lage descobriu-a.

Mas há outra forma de ver a coisa. É que Lage, no ano seguinte, manteve o seu 4x4x2, mas sem Félix, que foi vendido por um balúrdio. Raúl de Tomás foi aposta nesse lugar, mas Lage desistiu cedo. Chiquinho andou por lá, mas assim-assim. Rafa também por lá passou, mas Lage gostava mais dele a partir da ala. E Taarabt pisou esses terrenos com alguns bons por-menores, mas sem a presença na área e a finalização que se pediam.

> **O caminho é de aprendizagem. As experiências que tive [Wolverhampton e Botafogo] foram de aprendizagem**
>
> **Bruno Lage**
> Treinador do Benfica

Nenhum foi Félix e isso permite perguntar: foi Lage quem criou João Félix e aquele grande Benfica ou foi Félix quem criou Lage e aquele grande Benfica?

Saiu com cotação em baixa

Esta pergunta não terá, para já, resposta definitiva – e talvez venha a ter nos próximos meses, consoante o que fizer Lage no banco "encarnado". Mas as aventuras pós-Benfica não são um bom cartão-de-visita. No Wolverhampton, primeiro, e no Botafogo, depois, Bruno Lage não pegou. Foi despedido de ambos os clubes e isso não é mais do que o repisar das memórias daquele último Benfica de Lage. E não é coisa bonita de se lembrar.

Quando foi despedido, Lage não só já tinha perdido sete pontos de vantagem como deixou a equipa seis atrás. Foram 13 pontos perdidos, com duas vitórias nos últimos 13 jogos, algo que começou na derrota no Dragão, por 3-2.

Na altura, a equipa já mostrava problemas defensivos e ofensivos profundos, mas eles foram aumentando semana após semana. Na defesa, havia uma incapacidade gritante de trabalhar as bolas paradas – que são muitas vezes medidoras do "dedo de treinador". No final do reinado de Lage, a equipa levava nove golos sofridos de bola parada – e cinco dos últimos sete.

Mostrava ainda uma incapacidade evidente de segurar vantagens, algo que geralmente também indicia alguma incapacidade do líder de dotar a equipa de preceitos estratégicos e mentais para gerir situações de superioridade no marcador.

No ataque, o cenário não compensava a permeabilidade defensiva. A equipa tinha uma inércia tremenda na criação de oportunidades de golo e de dinâmicas atacantes que sugerissem trabalho de treinador. E qualquer treinador cuja equipa se mostre refém da qualidade individual dos seus jogadores está, à partida, a sugerir desconfiança por quem analisa o que se passa.

As boas estatísticas de Pizzi, a velocidade de Rafa, a finalização de Vinícius e a raça de Cervi iam salvando

Bruno Lage foi apresentado como novo treinador do Benfica com Rui Costa, presidente do clube "encarnado", ao lado

FOTOGRAFIAS: FILIPE AMORIM/LUSA

uma temporada que poderia ser ainda pior do que foi.

A saída do Benfica

Outro domínio relevante quando se fala de um regresso de um jogador ou treinador é como foi o momento da saída. No caso de Lage, terá sido uma mistura de vários factores. A nível de competência, não parecia haver forma de Lage reverter a queda para o abismo de uma equipa em agonia.

Depois, a pressão externa já não tornava saudável a relação com o terceiro anel. Por fim, havia um presidente em namoro intenso com Jorge Jesus, disponível para chegar à Luz no Verão seguinte.

E tudo isto mudou aquilo que era Bruno Lage. No início, apresentou-se com uma postura refrescante, mostrando-se um homem leve, solto, bem-disposto, com *fair-play* e disponível para detalhar tacticamente o jogo, fugindo aos subterfúgios que contagia boa parte dos treinadores.

Com o adensar das dificuldades da equipa, Lage tornou-se um homem mais azedo e totalmente vazio de explicações técnicas e tácticas para o sucesso e insucesso da equipa em cada jogo.

E acabou a atacar os jornalistas, falando de jantares e viagens que nunca se percebeu bem o que eram, de onde vinham, quem beneficiavam e de que forma prejudicavam o futebol pobre da equipa e o trabalho de Bruno Lage.

Um benfiquista para unir benfiquistas

Para uns, essa foi uma saída cinzenta de um homem que, afinal, não era o que chegou a parecer. Para outros, apenas uma separação temporária de um homem prejudicado pelo contexto – e que haveria de regressar ao seu clube.

Estes últimos têm em abono da sua tese o benfiquismo de Lage. Numa altura em que não havia assim tantos treinadores livres que fossem portugueses e de primeira linha, a aposta num filho da casa é a saída vista como mais fácil para aglutinar uma nação que nunca esteve verdadeiramente conectada com o alemão Schmidt.

Questionado sobre que treinador é em 2024, quatro anos depois de sair e das aventuras em Inglaterra e Brasil, Lage optou por não detalhar. "O caminho é de aprendizagem. As experiências que tive [Wolverhampton e Botafogo] foram de aprendizagem". Que aprendizagem? Não especificou, mas repisou uma e outra vez o tema do benfiquismo, falando da ligação emocional de regressar ao clube.

A nível táctico e estratégico também não é fácil definir o técnico português. Em alguns momentos da carreira, deixou claro gostar de defesas bastante altas e de querer ter sempre cinco jogadores em processo ofensivo, com um extremo aberto e outro mais por dentro e laterais projectados. E tentou várias vezes encontrar um segundo avançado que permitisse variar com facilidade um 4x2x3x1 para um 4x4x2.

Não é propriamente um seguidor dos preceitos de pressão de Schmidt, porque olha para esse momento do jogo de outra forma, mas há pontos comuns com o que o alemão tem feito, pelo menos nas características dos jogadores que quer em cada lugar.

Mas também teve momentos nos quais apostou em linhas de cinco defesas e com exploração do espaço e saídas rápidas, com alas rápidos e verticais, mais do que jogadores de espaços interiores e ligações curtas e apoiadas.

Que Lage vai ter o Benfica? Provavelmente, o primeiro. Se o fará em 4x3x3 ou 4x4x2 é uma dúvida legítima. Por um lado, tem vários jogadores que "salivam" por um 4x3x3, como Kokçu, Arthur Cabral ou mesmo Di María. Por outro, recebe já em andamento uma equipa com fundamentos de 4x4x2 e que podem seduzi-lo a encontrar o seu Félix e tentar replicar o que tão bem fez quando foi campeão – e nomes como Renato Sanches, Akturkoglu ou Amdouni poderão pedir a continuação do sistema.

Os treinadores gostam de dizer que acima do sistema está a dinâmica criada. Mas acima de tudo isso existem as oportunidades de golo, os golos, a boa defesa, as balizas a zeros, as vitórias e os títulos. E nisso está por ver se Bruno Lage é o de 2018/19 ou o de 2019/20.

Desporto

Draper nas pisadas de Murray

Pedro Keul

Jannik Sinner venceu Daniil Medvedev e reforçou o seu favoritismo no Open dos EUA

Ocupa o pior lugar no ranking e é o mais novo entre todos os quarto-finalistas do US Open, mas não foi isso a impedir Jack Draper de chegar às meias-finais sem ceder qualquer *set*. O tenista de 22 anos não é um total desconhecido, pois já esteve entre os 16 melhores do *major* norte-americano em 2022, só que as lesões têm impedido resultados mais consistentes. Regressado a Nova Iorque mais experiente, confiante e no topo da forma física, Draper é agora o primeiro britânico a chegar a esta fase do US Open desde que Andy Murray conquistou o título em 2012.

"Cheguei aqui sentindo-me um jogador mais completo. No passado, sempre me preocupei um pouco em jogar cinco *sets* e em se, mental e emocionalmente, era demasiado para mim", admitiu Draper (25.º) após vencer o primeiro embate com um cabeça de série no torneio, Alex de Minaur (10.º), por 6-3, 7-5 e 6-2.

Draper foi finalista do torneio júnior de Wimbledon em 2018 e, três anos mais tarde, roubou um *set* de Novak Djokovic na sua estreia no *major* britânico, aos 19 anos.

Apoiado no forte serviço e direita, Draper ganhou 61,7% dos pontos decididos em menos de quatro pancadas nas cinco rondas que disputou e só concedeu três *breaks* no US Open.

As lesões têm-no afectado e, durante 2023 passado, caiu do 42.º lugar para fora do "top 100". Por outro lado, deram-lhe tempo para aprender com os melhores. "Quando tive problemas com lesões, assisti a todos estes jovens jogadores incríveis a vencer grandes torneios e a jogar nos maiores palcos do mundo. Senti que não estava a fazer o suficiente para chegar a esse ponto", admitiu.

MIKE SEGAR/REUTERS

Jack Draper celebra a passagem aos quartos-de-final do US Open

O esquerdino britânico começou esta época com uma final em Adelaide e, em Junho, obteve o primeiro título ATP, em Estugarda, antes de vencer Carlos Alcaraz no torneio de Queen's. Este Verão, chegou aos quartos-de-final do Masters 1000 de Cincinnati, depois de derrotar Stefanos Tsitsipas.

Draper vai agora defrontar um grande amigo seu e um ano mais velho, Jannik Sinner, que ultrapassou o único campeão do US Open ainda em prova, Daniil Medvedev (5.º), por 6-2, 1-6, 6-1 e 6-4.

Sinner é o primeiro italiano desde 1973 a atingir as meias-finais em três torneios do Grand Slam no mesmo ano e juntou-se a Novak Djokovic, Rafael Nadal e Marin Cilic como os únicos tenistas no activo que já disputaram as meias-finais em todos os quatro *majors*.

Conselhos de Justiça e Tribunal Arbitral do Desporto

Opinião

José Manuel Meirim

1. No processo n.º 40-A/2024, 30 de Julho de 2024, do Tribunal Arbitral do Desporto (TAD), para além da segurança da sua boa decisão, o seu objecto confirma a nossa percepção de que há conselhos de justiça de federações desportivas a conhecer, em recurso, de decisões disciplinares tomadas, em primeira instância, pelos respectivos conselhos de disciplina. Ora, que fique bem claro, desde já, que a Lei do TAD, artigo 4.º, n.º 3, alínea a), quanto ao acesso ao TAD em via de recurso, em sede de arbitragem necessária, determina que só é admissível das "deliberações do órgão de disciplina ou decisões do órgão de justiça das federações desportivas, neste último caso quando proferidas em recurso de deliberações de outro órgão federativo que não o órgão de disciplina".

2. No caso do processo, um clube de basquetebol veio ao TAD peticionar a suspensão da eficácia de deliberação do conselho de justiça da federação "pela qual foi julgado improcedente o recurso interposto pelo Requerente, "mantendo a decisão do CD nos seus exactos termos." Como afirma o TAD, está em causa "um pedido cautelar de natureza conservatória". O conselho de disciplina tinha aplicado "sanção de falta de comparência, derrota por 20-0, descida de divisão e uma multa de €2000,00.

3. Antes de abordar a questão, o TAD ocupou-se em saber se seria competente para dirimir o litígio. Para oferecer resposta adequada, o TAD ouviu as partes: "Está o Tribunal Arbitral do Desporto (TAD) legalmente habilitado a conhecer do pedido cautelar, (i) quando se está diante de um acto do conselho de justiça da Requerida, proferido em segundo grau, tendo por objecto uma deliberação do conselho de disciplina da Requerida e (ii) quando existe uma relação de dependência entre o processo cautelar e a causa principal?"

3. O clube (requerente), "naturalmente", sustentou a competência do TAD. A federação tomou a posição inversa.

Eis o acertado juízo decisório do Tribunal: esta "entidade jurisdicional independente" (cf. o artigo 1.º, n.º 1, da Lei do TAD) não se encontra legalmente habilitada a dirimir o presente litígio cautelar. É o que decorre da aplicação, ao caso, do disposto no artigo 4.º, n.º 3, alínea a), da Lei TAD.

A pretensão do clube não é legalmente admissível, "porque recai sobre uma deliberação do órgão de justiça da Requerida (e não sobre a prévia deliberação tomada pelo órgão de disciplina da Requerida). E tal deliberação do conselho de justiça da Requerida não foi emitida "em recurso de [deliberação] de outro órgão federativo que não o órgão de disciplina". Ou seja, "a pretensão cautelar do Requerente não é admissível, porque visa a suspensão de eficácia do acto de segundo grau praticado pelo conselho de justiça da Requerida, realidade que o artigo 4.º, n.º 3, alínea a), da Lei do TAD não consente, seja em sede principal, seja em sede cautelar, tanto mais, enfatize-se, que entre um meio processual principal e um meio cautelar vigora uma relação de instrumentalidade"." Enfatize-se o essencial: o acesso ao TAD reportado à deliberação do conselho de justiça da Requerida, aqui relevante, não é admissível à luz do disposto no artigo 4.º, n.º 3, alínea a), da Lei do TAD, o que vale também em sede cautelar".

4. No processo n.º 40/2024, 14 de Agosto, ou seja, na acção principal, renovou-se esta doutrina e solução.

5. Tendo presente a sanção aplicada pelo conselho de disciplina, ficam-nos sérias dúvidas de que esse órgão tivesse competência, em sede de recurso, na matéria em causa, algo que nos faz aumentar a percepção que muitos destes órgãos federativos andam a decidir questões disciplinares, cuja competência é do TAD, o que constitui uma violação grave em sede de exercício de poderes de natureza pública, sindicáveis pelo IPDJ no quadro do estatuto de utilidade pública desportiva. Quem fiscaliza este actuar?

Professor de Direito do Desporto

Breves

Ciclismo

Berrade dá terceira vitória à Kern na Vuelta

O ciclista espanhol Urko Berrade (Kern Pharma) venceu ontem a 18.ª etapa da Volta a Espanha. Berrade integrou a fuga do dia e conseguiu isolar-se nos últimos quilómetros, dando a terceira vitória à Kern Pharma nesta edição da Vuelta e a quarta a Espanha, terminando a etapa que ligou Vitoria-Gasteiz ao Maestu-Parque Natural de Izki, ao longo de 179,5km, com o tempo de 4h00m52s. Na geral, Ben O'Connor (AG2R) continua a liderar com cinco segundos de vantagem sobre o esloveno Primoz Roglic (BORA-hansgrohe). Hoje, a 19.ª etapa ligará Logroño ao Alto de Moncalvillo, num percurso de 173,5 quilómetros, que termina com uma contagem de primeira categoria.

Motociclismo

Miguel Oliveira vai correr pela Yamaha até 2026

Miguel Oliveira disputará os próximos dois Mundiais de MotoGP com uma Yamaha Pramac, depois de um ano ao serviço da norte-americana Trackhouse. "É um privilégio representar uma marca tão icónica no nosso desporto como a Yamaha", afirmou Oliveira, de 29 anos, que vai pilotar uma Yamaha de fábrica até ao fim da temporada de 2026. Oliveira chegou ao MotoGP, categoria-rainha do motociclismo de velocidade, em 2019, com a equipa Tech3, equipada com motos KTM, na qual permaneceu dois anos e onde conquistou a primeira vitória, em 2020. No ano seguinte passou para a equipa oficial da KTM.

Redes sociais dos Paralímpicos estão a gerar atenção e críticas

Leonor Alhinho

“Gozar com a deficiência é sinal que nos aceitamos como somos”, diz Comité Paralímpico Internacional sobre conteúdos *online*

THOMAS MUKOYA/REUTERS

Os Jogos Paralímpicos Paris 2024 estão a ser dos mais vistos de sempre

Os Jogos Paralímpicos 2024 estão no bom caminho para se tornarem na edição com mais público de sempre. A poucos dias do final do evento, já se tinham vendido 2,3 milhões de bilhetes (o recorde, perfeitamente ao alcance, é 2,7 milhões, em Londres 2012) e a cobertura mediática também tem crescido. Entre os muitos contributos para aumentar a visibilidade da competição esteve (tem estado) uma campanha nas redes sociais que acabou por gerar alguma controvérsia.

Sob a designação *What Really Matters* (o que realmente importa), o Comité Paralímpico Internacional (CPI) lançou uma série de vídeos e de conteúdos, entre as contas de Youtube e TikTok, que no fundo utilizam o humor como ferramenta para esbater diferenças e que, ao mesmo tempo, ajudam a divulgar as fantásticas histórias de vários dos atletas em competição.

A avaliar pelo formato escolhido, poderá dizer-se que a abordagem é pouco convencional, mas houve várias críticas a chegarem aos responsáveis pelo organismo que apontam no sentido da discriminação e do uso desapropriado das deficiências dos atletas para fins de comunicação e de promoção dos Jogos Paralímpicos. No fundo, alguns dos seguidores destas contas sentiram-se ofendidos.

E de que conteúdo estamos a falar concretamente? Pois bem, aqui fica um exemplo. Matt Stutzman, atleta paralímpico sem braços e medalha de prata no tiro ao arco, faz o papel de anfitrião num vídeo em que surge a conduzir um carro, controlando o volante com o pé, para dar boleia a um convidado que é um atleta participante nestes Jogos. “Aposto que é a primeira vez que andas de carro com um tipo sem braços”, atira, entre sorrisos.

Estas interacções descomprometidas, num estilo descontraído e informal, são justificados pelo CPI como uma forma de humanizar e desmistificar a deficiência. “Os atletas paralímpicos têm um grande sentido de humor. Não estão embrulhados em algodão e protegidos da sociedade. Gostam de se rir de si mesmos, como toda a gente, e é por isso que fomos mais arrojados na conta do TikTok”, explicou Craig Spence, porta-voz do organismo, à Associated Press.

Na verdade, por trás destas publicações, está um antigo atleta paralímpico, Richard Fox. O britânico, que faz parte da equipa que coordena as redes sociais e na qual estão presentes outras duas pessoas com deficiência, acredita que o humor é a ferramenta mais eficaz para alcançar e educar novas audiências para o desporto paralímpico. Apesar de assumirem que o conteúdo é mordaz, Spence e Fox revelam que, desde que adoptaram esta abordagem (depois de um vídeo viral em Setembro de 2020), os números de seguidores e visualizações subiram exponencialmente.

Os atletas paralímpicos têm um grande sentido de humor. Não estão embrulhados em algodão e protegidos da sociedade. Gostam de se rir de si mesmos, como toda a gente

Craig Spense
Porta-voz do CPI

Aceitar a deficiência

“Só queremos mostrar às pessoas o desporto paralímpico de uma forma que nunca antes se tentou mostrar. Adoptamos tendências e sons virais e acho que os críticos não existiriam se o vídeo fosse o mesmo, mas com atletas olímpicos e não paralímpicos. Não devia haver uma diferença na forma de tratamento”, explicou Fox, acrescentado que as críticas chegam, sobretudo, de utilizadores que não são portadores de deficiência.

Importa saber, também (e provavelmente acima de tudo), o que pensam a este respeito alguns dos atletas visados. Darren Hicks, ciclista australiano, foi protagonista de um dos vídeos, em que o momento em que ganhava uma medalha de ouro estava acompanhado de um áudio no qual se ouvia “*left*” (”esquerda”) repetidamente. Tudo porque o atleta só tem a perna esquerda e, portanto, só pedala do lado esquerdo. À NBC, Hicks adiantou que não se sentiu “minimamente gozado” e não viu “maldade nenhuma” no conteúdo.

Citado pelo mesmo meio de comunicação, também André Ramos, atleta português de boccia, confessou que acredita que “gozar com a deficiência é sinal que nos aceitamos como somos”. Uma opinião que vai ao encontro da de Brad Snyder, vencedor de seis medalhas de ouro paralímpicas no triatlo e também ele protagonista de um vídeo provocador.

Snyder, que é cego, aparece a ser guiado para a bicicleta durante a prova. Numa tentativa de tocar na bicicleta, Brad mexeu as mãos num movimento que a conta dos Jogos Paralímpicos descreveu como “piano aéreo”. Apesar de considerar que a linha entre ser engraçado e desrespeitoso é ténue, Brad confessou à CNN que achou o vídeo “hilariante”. “Ninguém sem uma deficiência consegue entender o que é ter uma deficiência. Fico feliz que estes conteúdos diminuam essa distância”.

Atleta olímpica morre dias após ter sido queimada com gasolina

Marta Leite Ferreira

A maratonista ugandesa Rebecca Cheptegei morreu ontem, quatro dias depois de ter sido atacada com fogo pelo namorado, o atleta queniano Dickson Ndiema Marangach. Tinha 33 anos. A atleta tinha representado o país nos Jogos Olímpicos em Paris, no mês passado, e ficou em estado crítico, com queimaduras em 80% do corpo, após o companheiro a ter regado com gasolina e incendiado no domingo passado.

A morte foi confirmada pelo Comité Olímpico do Uganda: “Soubemos do triste falecimento da nossa atleta olímpica Rebecca Cheptegei após um ataque cruel do seu namorado. Este foi um acto covarde e insensato que levou à perda de uma grande atleta”, escreveu o presidente da organização, Donald Rukare, no X.

Dickson Ndiema Marangach, o alegado agressor, continua internado num hospital no Quénia com queimaduras em 30% do corpo, adiantou Owen Menach, director da instituição. O atleta queniano terá invadido a casa da namorada e esperado que Rebecca Cheptegei e os filhos regressassem a casa depois da missa para a agredir. Fontes policiais especificaram que o agressor atirou gasolina à atleta e ateou o fogo, que acabou por feri-lo a ele também. Não se sabe se as crianças foram ou não atingidas.

A atleta queniana Rebecca Cheptegei competiu nos últimos Jogos Olímpicos na maratona

A polícia apurou, durante as entrevistas aos familiares, amigos e vizinhos do casal, que as discussões entre Rebecca e Dickson eram constantes – uma pista que pode apontar para um quadro de violência doméstica.

Este é o terceiro caso da morte de um atleta nas mãos do companheiro nos últimos três anos no Quénia. Em 2021, a maratonista Agnes Jebet Tirop foi esfaqueada até à morte, alegadamente, pelo ex-marido, Emmanuel Ibrahim Rotich, que está em julgamento por homicídio e que nega qualquer responsabilidade na morte da ex-mulher. No ano seguinte, Damaris Muthee Mutua foi encontrada morta em casa após, alegadamente, ter sido atacada pelo namorado, Eskinder Hailemaryam Folie, que fugiu do país.

BARTOON LUÍS AFONSO

As trincheiras orçamentais: entre o pecado original e a relação preferencial

Não é o fim do mundo

Pedro Adão e Silva

Antes do verão, os sinais de que teríamos algum tipo de entendimento orçamental eram significativos. O Governo, contrariando a expetativa inicial de alguns, acreditava que, afinal, teria tempo e o PS, que abandonara a afirmação tribunícia da campanha interna, mostrava-se disponível para entendimentos. O Presidente não perdia uma oportunidade para empurrar todos para a mesa de negociações e as sondagens revelavam o óbvio: os portugueses não desejam crises.

Se tudo apontava para o entendimento, o fim da longa indolência estival parece ter revelado outro cenário. O Governo age como se gozasse de uma maioria absoluta e crê ter vantagem em precipitar uma crise que lhe permitiria vitimizar-se e reforçar a sua posição relativa em eventuais eleições. Só assim se explica que Montenegro não partilhe informação necessária a uma negociação séria e, com a sucessão de decisões tomadas, vá esgotando toda a margem orçamental. O PS, entretanto, ganhou consciência da armadilha em que se enredou e Pedro Nuno Santos reganhou vitalidade, afirmando-se agora irredutível nas linhas vermelhas que definiu.

A Guerra Fria popularizou um termo que serve para descrever a situação em que nos encontramos – *Brinkmanship*. Um cenário de pré-conflito no qual as partes envolvidas num braço-de-ferro negocial assumem posições irredutíveis e que, no fim, tende a produzir um resultado indesejado por todos. É o que se está a passar: faltam incentivos para negociar, ninguém quer recuar e perder a face, mas também ninguém deseja arcar com a responsabilidade do chumbo do Orçamento.

Estas trincheiras não começaram a ser cavadas agora: têm uma história e um pecado original. Face a um Parlamento ultrafragmentado e com a AD com uma vantagem ínfima, era necessário assegurar desde o início uma relação preferencial que promovesse um mínimo de estabilidade institucional. Percebeu-se que essa vontade negocial não existia logo com a rábula da eleição do presidente da Assembleia da República.

Percebeu-se que essa vontade negocial não existia logo com a rábula da eleição do presidente da AR

Perante a atual configuração parlamentar restavam dois caminhos: um entendimento da AD com as forças à sua direita ou uma solução de compromisso com o PS. Montenegro não escolheu nem um nem outro, apostando numa campanha eleitoral permanente, acreditando que, mais cedo ou mais tarde, umas eleições reforçarão a sua posição. É o que explica que o Governo simule uma negociação na qual tem poucos incentivos para fazer cedências.

Já o PS, em lugar de se ter declarado derrotado precipitadamente na noite eleitoral, deveria ter esgotado a possibilidade de um entendimento com os partidos à esquerda (afinal, retirando o Chega da equação, há mais deputados à esquerda do que à direita). Na altura teria sido criticado e a solução rejeitada, mas produziria um efeito clarificador: obrigava o PSD a procurar uma relação preferencial – se fosse com o Chega e a IL, desresponsabilizaria o PS; se fosse com o PS, daria outra força negocial aos socialistas.

Agora resta-nos assistir a uma corrida desenfreada para aumentar a despesa. Um verdadeiro berbicacho que, nuns casos, resulta de decisões do Conselho de Ministros (o que é que justificou este aumento extraordinário das pensões, anunciado num comício do PSD?), noutros, radica em coligações parlamentares esdrúxulas (como o fim das portagens nas ex-Scut, proposto pelo PS e aprovado com o Chega) e noutros ainda, com particular impacto orçamental, como o IRS jovem e a redução do IRC, em coligações parlamentares à direita. Perante isto, alguém pode acreditar numa negociação consequente? Já para não falar de uma estratégia orçamental.

Colunista